

NOVAS LENDAS ORIENTAIS

Malba Tahan

ÍNDICE

O Lao-Yê e a flor	3
A primeira rupia	5
O estratagema de Takla	22
Uma lenda de Krishnamurti	29
A fantasia do cheique	33
O domador de elefantes	37
A lenda do lago de Szira	38
O "T" em árabe e os três beduínos	40
O problema dos dez mil dinares	44
Treze, sexta-feira	50
O velho Zamarak	55
O Natal do bom califa	56
A esposa dos dois maridos	60
Uma aventura de amor no reino do Sião	68
Capítulo I	69
Capítulo II	75
Capítulo III	85
Capítulo IV	92
Capítulo V	97
Capítulo VI	104



Copyright de CONQUISTA
Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro — Brasil — 1962

MALBA TAHAN
Novas Lendas Orientais
KITAB EL-MAÇOUN
(O livro bem guardado)

Lendas e contos orientais traduzidos
Diretamente do original árabe
Adaptação e notas do Prof. BRENO ALENCAR BIANCO
Ilustrações de RAMON LLAMPAYAS
2ª Edição

DEDICATÓRIA

Aos

Cheique José Noujaim Habib Nakad El-Khoury
Comendador Adibo Ares
Mounir Hillal
Bahige Raffoul Sahade
e Nassim Chammés

Dizia Abu Iussof Eb-Cassem Iben Tálaba, cheique de Atalaia, em Rgba El-Khali:

"Jamais poderia o homem de coração esquecer os bons, os justos, os leais e os generosos amigos. São eles as verdadeiras dádivas de Allah."

Homenagem de Malba Tahan
Rio de Janeiro, dezembro de 1958

A tradução para o árabe é da autoria do Prof. Ragy Basile

O LAO-YÊ E A FLOR

Levanta-te, Mulher!, Levanta-te!

— És a fonte dos jardins, poço vivo das águas que correm do Líbano!

Salomão, Cantares, 4,15.

RECORDO-ME, e com muita saudade, da última visita que fiz a Damasco. Corria o ano de 1912 e o verão mostrava-se implacável. O meu companheiro de jornada, nesse tempo, era um jovem sírio chamado Omar Rabih que eu conhecera dois anos antes, em Palmira, durante o conflito com os agitadores franceses.

Certa manhã, muito cedo, deixamos a Praça do Serralho, subimos, a seguir, a tortuosa Sandja Kdar, cruzamos o Bazar dos Gregos, e fomos parar junto ao venerável túmulo do sultão Saladino. Era nossa intenção aguardar ali a chegada de dois vendedores de trigo a fim de concluirmos os últimos detalhes de uma transação de alto interesse para mim, transação que fora iniciada, na véspera, por uma habilidosa proposta de Omar Rabih.

Esperamos, com paciência, cerca de meia hora. E os homens do trigo não apareciam.

— E os teus amigos virão? — indaguei, já um tanto preocupado com a demora injustificável dos mercadores.

— Não tenho a menor dúvida — tranqüilizou Omar, falando com a maior serenidade. — O negócio ficou ontem bem assentado e deve interessar aos homens de Haourã. Não creio que eles se aventurem a quebrar o compromisso.

Mas o fato é que os mercadores tardavam. O tempo passava arrastando a sua interminável caravana das horas perdidas. A larga praça, que se abria em frente à Mesquita dos Omníadas, (Allah que a nobilite cada vez mais!) ia, pouco a pouco, enchendo-se de forasteiros vindos de todos os recantos da Síria. Beduínos maltrapilhos, vendedores de refresco e caravaneiros de folga gritavam, discutiam e praguejavam sem cessar. Drusos arrogantes, com seus imensos turbantes brancos de musselina, cruzavam lentamente junto à fonte das abluções, dardejando para a direita e para a esquerda olhares cheios de rancor e de ameaças.

De súbito, com surpresa, avistei um chinês, de semblante mole com um grande casaco amarelo, que descia de Bibars. Não me contive:

— Que maravilha! Um chinês em Damasco!

— Conheço-o de vista — informou pressuroso o meu amigo Omar. — É um velho e piedoso islamita, da China muçulmana, que foi a Meca com os peregrinos damascenos. É homem culto, chefe de numerosa família e muito rico.

E acrescentou logo, com vivacidade:

— Aquele bom mandarim, crente de Allah, trouxe-me, agora, à lembrança, uma lenda chinesa muito curiosa. Queres ouvi-la?

E, sem aguardar resposta (que seria certamente afirmativa) o talentoso Omar Rabih contou-me o seguinte:

— Na cidade de Thai-ouan, na China, vivia (já lá se vão muitos anos) um Velho Lao-Yê dotado de grande sabedoria. Cumpre-me esclarecer que Lao-Yê é

a designação dada, na velha China, ao sacerdote que o povo respeita por seu saber e admira por suas virtudes.

Um dia, quando esse Lao-Yê se dirigia para o templo, encontrou uma jovem que se ocupava em enfeitar com flores um ídolo de bronze.

— Que estás fazendo aí, minha filha? — indagou o sábio em tom carinhoso.

— Senhor — explicou a jovem — para exaltar Deus coloco flores em torno deste ídolo. Deus está no ídolo!

— Minha filha — tornou paciente o bom Lao-Yê — bem longo é o caminho do erro e ignorados são, por vezes, os atalhos que nos levam à Verdade. Estás agora, sem querer, com a inexperiência da vida, invertendo o significado das coisas e alterando o sentido oculto dos símbolos. É absurdo enfeitar um ídolo com flores pois Deus está mais nas flores que no ídolo!

E, depois de proferir tais palavras, partiu o sábio para o Templo onde ocupava em ensinar aos moços piedosos, por meio de parábolas e alegorias, o caminho do Eterno Bem e da Eterna Verdade.

Quando o velho e judicioso Lao-Yê, algumas horas depois, voltou para a sua rústica morada, passou outra vez pela casa da jovem adoradora de ídolos e encontrou-a ocupada em uma estranha tarefa:

No alto de uma coluna havia colocado uma flor e, em volta da flor, procurava enfileirar vários ídolos.

— Estais vendo, mestre? — exclamou, com entusiasmo, dirigindo-se ao sacerdote — aprendi a vossa profunda lição. Reparai: Agora são os ídolos que "enfeitam" a flor, pois Deus está mais nas flores que nos ídolos!

— Admiro a tua alma ingênua e simples — replicou o sábio, dobrando a sua fronte calva. — Aprende, porém, a Verdade: Sim, Deus está mais na flor que no ídolo; é preciso, entretanto, observar que Deus está mais na mulher que na flor. Deus, ao criar a mulher, pensou nas flores e, por isso, na mulher vamos encontrar delicadeza, bondade e beleza!

E, ao cabo de breve pausa, rematou:

— Retira daí essa flor, minha filha. Coloca-a em teus cabelos e deixa os ídolos em paz! Mulher! És a fonte dos jardins, poço das águas que correm pelos campos!

Terminada a narrativa, Omar Rabih cruzou os braços e, fitando-me muito sério, disse num tom que revelava irritação e mau humor:

— Os mercadores de Haourã não virão ao nosso encontro. Fomos ludibriados. Perdemos o negócio. Não conseguirás o trigo que tanto desejas.

— Não faz mal — respondi tranqüilo, plenamente conformado com a sorte. — Perdi o trigo mas ganhei uma lenda. Maktub! Que importa o trigo? Não é só de pão que vive o homem; vive, também, dos pensamentos felizes!

Muitos anos mais tarde fui encontrar, entre os inesquecíveis poemas de Gibran Calil Gibran esta sentença admirável:

— "Não é só de pão que vive o homem; vive também das fantasias, dos sonhos e dos pensamentos puros que trazem alento e alegria ao nosso coração".

A PRIMEIRA RUPIA

(Conto folclórico do Paquistão)

O homem virtuoso é feliz neste mundo e é feliz no próximo: é feliz em ambos. É feliz quando pensa no bem que fez; sente-se, ainda, mais feliz, quando envereda pela estrada do Bem.

(Aforismo budista do "Dhammapada", ou "Palavra da Doutrina").

SE queres, meu bom amigo, viajar pelas terras longínquas e misteriosas do Oriente, nada mais simples. Vem comigo. Já escolhi, com cuidado, inspirado na alta sabedoria, o roteiro que mais nos convém. Tudo muito simples e seguro. Escuta. Entraremos pelo Delta do Sindh, (1) cortando as ondas intranquias do mar de Omã. No fim de quatro dias de fatigante e agitada jornada, vamos encontrar, para além da turbulenta Haiderabad (2) (lembras-te de Haiderabad?), vamos encontrar uma cidadezinha pitoresca, risonha, rodeada de espessas e tenebrosas florestas, onde os tigres vêm bramar suas mágoas nas noites calmas de verão.

Essa cidadezinha chamava-se Sevã. Por favor; não te esqueças desse nome tão pequenino: Sevã. (3) Eis a minha idéia: Pararemos exatamente à sombra dos muros de Sevã.

— Que vamos admirar em Sevã? — perguntarás, certamente. — Templos estranhos? Palácios suntuosos com colunas douradas? Ruínas multiseculares enlaidadas de lendas seculares?

Nada disso, ó irmão dos árabes!, (4) nada disso! Nem templos gigantescos, nem palácios deslumbrantes, nem ruínas dignas da atenção dos arqueólogos. Entre as ruas estreitas de Sevã, para a esquerda do mercado das Tendas Roxas, esbarramos com uma casa escura, meio escalavrada, de teto baixo, sem pintura, bem modesta uma porta e duas janelas. Ali reside um sábio religioso chamado Raja Ramohã. É homem simples, acolhedor e de boa paz. Dele vamos ouvir uma das histórias mais surpreendentes do Paquistão.

(1) Sindh — Refere-se ao Indo (ou Indu), um dos rios mais notáveis da Ásia Meridional. Era também chamado o Indos e figurou, outrora, entre os rios sagrados do Oriente. Nasce no planalto tibetano, atravessa os desfiladeiros do Himalaia e fertiliza as planícies do Pendjab. Recebe, pela margem esquerda, o Pandjnab (Cinco Rios) e atira-se por um delta de várias bocas, no mar de Omã.

(2) Haiderabad — Cidade importante na Índia, capital de um Estado do mesmo nome. Não é banhada pelo Indo, mas pelo Musi, afluente do Indo. O palácio El-Ohar-Minar, construído para residência dos governadores, é o monumento mais famoso da cidade. Char-Minar significa "Quatro Minaretes". Em Haiderabad, a vida noturna é muito intensa.

(3) Sevã ou Sewã — Cidade do Paquistão Ocidental, à margem direita do Indo. Larga produção de arroz e juta.

(4) Irmão dos árabes — Tratamento carinhoso. Significa: amigo leal, bom companheiro; pessoa que estimamos e cuja companhia nos agrada. Não esquecer que no Paquistão, 80% da população é muçulmana.

— Uma história? Uma história do Paquistão?

— Sim, meu amigo, uma história. Não te surpreendas com esta revelação. Observa só. Subimos o Sindh, o rio das águas sagradas; enfrentamos mil e um perigos; fugimos das traições diabólicas de Haiderabad, e assim procedemos com esse fim único e tão prosaico: ouvir uma história! Uma história do Paquistão! Para muita gente sem crença e sem amor à fantasia, tal idéia seria apontada como uma extravagância ou uma loucura. Todos se enganam. Ouvirás com a máxima atenção essa história espantosa e emocionante que será narrada pelo judicioso e eloqüente Raja Yadava Ramohã; e mais tarde, dentro de quinze ou vinte anos, dirás aos teus filhos e aos filhos de teus filhos se foi útil ou não, a nossa estada junto daquelas espessas e tenebrosas florestas "onde os tigres vêm bramir as suas mágoas nas noites calmas de verão".

— E a história?

— Ah! sim, a história?... Já ia me esquecendo da história. Intitula-se: A primeira rupia. (5) O douto Raja Yadava Ramohã vai iniciar a narrativa. Estejamos atentos. E bem atentos. Encontramo-nos na Ásia, é verdade, nas terras férteis do Paquistão; mas aqui, como em qualquer outro recanto do mundo, sentimo-nos sempre sob o olhar de Deus.

— E a história?

— Vamos ouvi-la, meu bom e prestimoso amigo. Vamos ouvi-la dentro de poucos instantes. Dois predicados exige Deus do homem puro e religioso: Paciência e Resignação!

Sentado num banco tosco, a cabeça baixa, os braços cruzados, o sábio Raja Yadava Ramohã assim começou, numa cadência triste, de remador fatigado:

— Aqui, nesta tranqüila Sevã (já lá se vão muitos anos!) vivia um velho e honrado mercador, de boa casta, mais conhecido pelo nobilitante apelido de Krivá, isto é, "o homem de uma só palavra".

Samuya, o Krivá, era viúvo e tinha um filho. Esse jovem (figura central desta narrativa), tinha o nome de Ghana, (6) ou melhor, Ghana Samuya.

Imenso, chocante e imenso, era o contraste que se podia observar entre o pai e o filho. O velho Samuya, homem honrado e trabalhador, era pessoa de alto prestígio em Sevã. Todos o respeitavam por sua honradez, sua lealdade inquebrantável e, principalmente, por sua permanente preocupação ilibada de praticar o bem, dentro da vida religiosa. Possuía, enfim, as cinco virtudes! (7)

(5) Rupia (leia-se rupia, com o acento no i). Moeda do Paquistão. Divide-se em 16 anas. A rupia vale, atualmente (1957) cerca de trinta e dois cruzeiros. Cada ana é dividida em quatro partes chamadas pices.

Longa é a noite para aquele que está de vigília, na angústia; penosa é a estrada para o atormentado, sem esperança; triste é a vida para o néscio que vive fora da Lei...

("Dhammapada", cap. V).

Mas o jovem Ghana, por muitas razões, afastava-se inteiramente do modelo paterno. É bastante triste dizer! Ghana Samuya era leviano, vadio e de péssimo comportamento.

— Meu filho! Quero falar-te, pela última vez, das coisas sérias da vida.

Em sua alma enegrecida não cintilava a menor restea do luar da virtude. Rara era a semana em que ele não agitava Sevã, praticando uma desordem ou uma estripulia qualquer. E com isso, quanto desgosto causava ao coração do bondoso Krivá!

Os chefes de família detestavam o estouvado Ghana; as pessoas de bem e de boa casta o evitavam.

— Esse jovem, filho do Krivá — diziam os mais sensatos de Sevã — acabará mal. Muito mal. Na prisão, ou na forca. Vejam: já tem dezoito anos e ainda não tomou jeito para as coisas sérias. É preguiçoso, ignorante e desordeiro!

Sim, tudo era verdade. O moço, leviano e estouvado, arrastava consigo os grilhões de três gravíssimos defeitos: vadio, ignorante e perigoso arruaceiro!

Ora, um dia, ao cair da tarde, um servo foi em busca do desprestimoso Ghana, com a missão de tirá-lo, por alguns momentos, da roda alegre em que ele se achava.

Seu pai queria falar-lhe. E tratar de assunto de alta e extrema gravidade.

— Vai ver depressa o que o rico Samuya pretende — chalaceou um dos comparsas. — Vê se arrancas, daquele ingênuo velhinho, mil rupias. Os teus amigos estão bem precisados! Que venham os taktis (8) de ouro!

Surpreendeu-se o jovem com o chamado paterno. Que seria? Largou a guitarra, ajeitou os trajes e foi ter a sua residência. Passou pelo largo portão de ferro, atravessou o pátio e dirigiu-se ao aposento em que se achava seu pai.

O céu acinzentado do Paquistão assinalava a primeira semana de inverno, e a tarde, sob a serenidade do crepúsculo, estava fria, excessivamente fria. (9)

Deitado no leito, com a cabeça apoiada em largas almofadas de pena, o velho Samuya, o Krivá, meditava. Tudo ali parecia irradiar a tranquilidade acolhedora das coisas que vivem à luz da Bondade. À direita, no fundo do aposento, a lareira estava acesa. O braseiro crepitava.

(6) Ghana — Com esse nome surge na história do Budismo, uma figura de alto relevo. O discípulo predileto de Buda chamava-se Ghana. E Ghana manteve-se fiel ao Mestre até os últimos momentos. Símbolo da fidelidade inquebrantável.

(7) Cinco virtudes — Caráter firme; sabedoria; bondade; amor ao trabalho; espírito de justiça.

(8) Taktis — Peças raras. Discos valiosos.

O bom é como um jardim florido, cheio de encanto; o mau é como a flecha envenenada que sibila no meio das trevas.

("Dhammapada", cap. VIII).

As chamas desenhavam, no ar, retorcidos maches (10) de cor rubra, rápidos, saltitantes, como se o fogo quisesse aquecer o mundo com um imenso cardume esbraseante.

Depois de acolher o jovem com um sorriso triste, o ancião assim começou:

— Meu filho! Quero falar-te, pela última vez, das coisas sérias da vida. Atingimos momento de extrema gravidade em nosso rumo pela Terra. Quero informar-te, com paternal sinceridade, da situação. Sinto-me doente, com a saúde profundamente abalada. Não sei se viverei mais de dez ou doze semanas neste mundo. A mensagem que eu trazia para a vida já foi entregue ao Destino. (11)

Tudo fiz, meu filho, a fim de levar-te para o caminho do bem, do trabalho e da virtude; foste sempre surdo aos meus conselhos e admoestações; cego foste também para os nobres exemplos que de mim e de meus amigos recebias a cada passo da vida. Jamais quiseste estudar; detestas o trabalho. Fugias dos bons e procuravas a companhia dos maus, dos cínicos e dos inúteis. Esses péssimos e incorrigíveis companheiros (amigos que em má hora escolheste) perverteram o teu caráter, enegreceram a tua alma. Que és hoje, afinal? Um vadio, um inútil, um tipo detestado e desprezível. E agora sinto que vou deixar neste mundo, para desdouro do meu nome, para desonra de meus antepassados, um filho que todos apontam como uma nódoa da sociedade.

Neste ponto, o enfermo fez uma pausa, olhou para as chamas vivas da lareira e logo prosseguiu com serena melancolia:

— Bem sabes, meu filho, que sou dono de imensas riquezas e esse patrimônio representa cinqüenta e muitos anos de honrado trabalho e cansaço. Tenho vários prédios em Karachi; (12) imensos campos de cultura na província de Khaipur; (13) três boas lojas de comércio em flaiderabad; vinte e um barcos da minha empresa percorrem o Sindh, no serviço de transporte de arroz; são minhas todas as terras ricas e férteis que rodeiam o Munchur; (14) conto, ainda, com um estabelecimento bancário, muito próspero, em Singapura. Pela tua situação de filho único, és o herdeiro de todos os meus bens, de todas as minhas propriedades. Que aconteceria, porém, se toda essa riqueza (terras, casas, navios...) caísse em tuas mãos? Seria dilapidada em festas e orgias degradantes. E no entanto, com o patrimônio que possuo, poderias viver tranqüila e folgadoamente até o último dia de tua vida.

(9) Apresenta o Paquistão Ocidental três estações bem definidas: O inverno, o verão e a estação das chuvas. Em alguns lugares, o inverno é extremamente rigoroso, porém, em geral, seco.

(10) Variedade de peixe. Tem a forma alongada.

(11) Destino — Na crença hinduísta, cada pessoa tem, na vida, certa missão a cumprir, isto é, traz uma mensagem que deve ser entregue ao Destino.

(12) Karachi — Porto de mar. É a atual capital do Paquistão.

(13) Khaipur — Um dos Estados que formam o Paquistão Ocidental.

(14) Munchur — Região dos lagos.

Nova pausa. O Krivá olhou para o filho, que o ouvia de pé, em silêncio. Correu, a seguir, os olhos pela lareira, cujas chamas crepitavam. Depois de passar a mão pela testa, o ancião retomou à palavra:

— Convencido estou de que seria uma injustiça e também um mal irreparável colocar a menor parcela de riqueza em tuas mãos denegridas pelo vício. Deliberei, por isso, deserdar-te. E assim, logo que eu fechar os olhos para a vida, ficarás na miséria. Sem meia ana (15) para o pão. Sem meia ana para a roupa ou para o teto. Terás que trabalhar como um sudra (16) ou mendigar farrapos pelas aldeias. Escavar pedras nas minas, entre os forçados, ou vegetar nos pátios dos templos. Vida de sofrimento; vida de expiação. Quero, entretanto, oferecer-te uma última oportunidade. Oportunidade única, ditada pelo meu coração de pai: Dentro de três dias, a partir de amanhã, dentro de três dias (repito) terás de ganhar uma rupia com o teu trabalho. Presta bem atenção: Ganhar uma rupia com o teu trabalho. Se fizeres isso (dentro do prazo) serás por mim declarado e nomeado herdeiro de todos os meus bens e ficarás rico, prodigiosamente rico. Poderás viver, regaladamente, até a extrema velhice. Caso contrário, serás deserdado e atirado, como já disse, sem remissão, na lama da indigência. Espero que não percas esta oportunidade. Vai!

Aquela decisão do pai impressionou profundamente o jovem Ghana. A possibilidade de ser deserdado e atirado à miséria tinha que ser admitida dentro da pura realidade.

— A situação é realmente grave — pensou. — Meu pai é pelo povo apelidado o Krivá (o homem de uma só palavra). O que ele diz, faz!

E concluiu pensativo:

— Vou tratar de ganhar uma rupia com o meu trabalho.

Voltou o jovem para a companhia dos seus indignos amigos. Um deles o interpelou:

— Que pretendia de ti o velho Samuya?

Para que ocultar a verdade? Contou Ghana a resolução ameaçadora de seu pai e da condição que ele deveria levar a termo, dentro de três dias, para fugir à pobreza, à miséria: — Ganhar uma rupia com o seu trabalho!

— Uma rupia! — chasqueou Soalf, (17) um dos vadios presentes. — Ora, que idéia mais tola! Tu, meu caro Ghana, poderás resolver facilmente o problema e atender ao capricho infantil de teu pai. Tenho uma saída muito fácil para o caso!

— Qual é, Soalf, a tua sugestão? — perguntou Ghana.

(15) Ana — Corresponde a um dezesseis avos da rupia. Dois pices.

(16) Sudra — Indivíduo de casta inferior.

Não sigas a lei do mal; não vivas na ociosidade. A felicidade do homem está na Verdade e não na Mentira.

("Dhammapada", cap. XIII).

Muito simples — explicou Soalf —, aqui tens uma rupia. Empresto-ta. (Quando receberes a herança, pagar-me-ás dez!). E amanhã, ao cair da tarde, irás ao aposento de teu pai e a ele, ao crédulo Samuya, entregarás esta rupia, dizendo, muito sério: — "aqui está, meu pai, a rupia que ganhei com o meu trabalho!". O velho não terá motivos para duvidar da tua palavra e terás ganho o desafio! A herança dos Samuyas será tua. Que achas?

Concordou Ghana com a sugestão do amigo Soalf e aceitou a rupia emprestada (Mais tarde pagaria dez).

No dia seguinte, ao cair da tarde, entrou Ghana no aposento de seu pai.

— Sua bênção, meu pai! proferiu com voz pausada.

— Que Deus te abençoe, meu filho — respondeu o velho.

— Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei, hoje, com o meu trabalho!

E Ghana, com o maior descaramento, entregou ao ancião a rupia que, na véspera, havia recebido do indigno Soalf.

O ancião tomou na mão a moeda que recebera do jovem e pôs-se, em silêncio, a virá-la e revirá-la entre os dedos. Olhava, ora para uma face, e depois punha-se muito atento, a olhar para o anverso. Balanceava, de leve, a mão, como se quisesse sentir o peso da moeda.

A tarde estava fria, muito fria. No fundo da sala a lareira estava acesa; o fogo crepitava. As chamas erguiam bem alto os seus volteios avermelhados.

O judicioso Krivá olhou para o filho, para a moeda e, depois, para o fogo. O rapaz esperava de pé, imóvel, aguardando a decisão paterna. O fogo dava estalidos e atirava para o ar fagulhas que rebrilhavam.

— Meu filho — exclamou de súbito o velho, como se tivesse recebido uma inspiração do céu. — Meu filho! Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

E, tendo proferido tais palavras, ergueu a mão e, num gesto rápido, seguro, atirou a moeda ao fogo.

Esmagado pela verdade, Ghana não reclamou, não protestou. Abaixou a cabeça e retirou-se humilhado.

À noite retornou o desajuizado Ghana à companhia dos seus péssimos amigos.

— Então — indagou Soalf, em tom faceto —, conseguiste enganar o teu pai? Venceste a tal aposta logo no primeiro dia?

Relatou Ghana o fracasso e a vergonha que sentiu ao ouvir a verdade cortante: "Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho". E lá fora, para o fogo, a rupia de Soalf. O plano fracassara.

(17) Soalf — Anagrama da palavra falso.

O néscio que despreza a Lei e segue uma doutrina falsa prepara sua própria destruição.

("Dhammapada", cap. XII)

— Isso tinha que acontecer — remoqueou logo Onicic, (18) outro vadio e desbriado do grupo. — Era fatal! Eu já previra.

E como Ghana o fitasse muito surpreendido, o desonesto Onicic ajuntou, a cara ulcerada de vícios, trejeitando um sorriso sarcástico:

— Vais à presença de teu pai, depois de um dia de trabalho (repara bem!) um dia de trabalho, fresquinho e leve como uma criança que sai do berço. É claro que teu pai havia logo de perceber a mentira. E o velho fez mal em atirar a rupia ao fogo. Devia atirar a rupia em tua cara, para ensinar-te a ser inteligente e prático. E, tirando da bolsa uma rupia, entregou-a a Ghana dizendo em tom cínico, com um petulante ar de inteligência:

— Aqui está o meu empréstimo. E a tua vitória, na competição imposta por teu pai, será certa, certíssima. Mas não procederás estouvadamente como fizeste hoje. O meu plano é outro e não poderá falhar. Ouve bem.

Amanhã, ao cair da tarde, quando bem próxima for a hora de terminar o dia, darás duas ou três corridas pelas margens do Sindhi até o bazar dos pescadores; duas ou três vezes rolarás pelo chão, sobre a lama, junto à ponte, quando estiveres, assim, bem sujo de terra, fatigado, entrarás no aposento de teu pai. E dirás como um homem exausto, que trabalhou, sem parar, o dia inteiro, que trabalhou de verdade: — "Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei com o meu trabalho!". Ao notar a terra em tua roupa (até rasgões em tua blusa), e ao perceber o cansaço em tua voz, teu pai aceitará a rupia, aquela rúpia ganha com o teu trabalho. Mas não te esqueças: Logo que receberes a belíssima herança terás de me pagar cem! Dez pelo empréstimo tão oportuno; noventa pelo sábio e acertadíssimo conselho que acabo de te dar.

Aceitou Ghana a rupia de Onicic e achou que aquela idéia, um tanto extravagante, de simular trabalho, dando corridas pelo cais e trambolhões pelas ruas, era acertada.

Uma cartada infalível!

No dia seguinte, o segundo do prazo, ao cair da tarde, depois de ter passado o dia na indolência e na vadiagem, o jovem Ghana achou que era chegada a hora de correr pela rua das Tendas Roxas. A simulação devia ser perfeita. Os pescadores, que retornavam do trabalho com suas redes e estacionavam pela rua, olhavam espantados para aquele rapaz (o filho do Krivá) que parecia alucinado. Havia adoecido, com certeza. Duas ou três vezes atirou-se ao chão e rolou pela terra, sujando-se, como um chacal, na lama negra.

(18) Onicic — Anagrama de cínico.

A vida é fácil de viver para um homem que não tem vergonha.
("Dhammapada", cap. XVIII)

Aquele que diz o que não é verdade vai para o Inferno; também aquele que não tendo feito uma coisa afirma tê-lo feito.

("Dhammapada", cap. XVII)

Terminada a vergonhosa mistificação, dirigiu-se o jovem para o aposento de seu pai. A tarde desenhava no céu do Paquistão uma tela de indescritível beleza. Um frio cortante, afiado nas ondas do mar de Omã, varria as ruas e infiltrava-se pelas frestas.

O ancião, como sempre, achava-se recostado em seu leito. Ao fundo do grande aposento, a lareira estava acesa; o fogo vivo, desenhava arabescos estranhos.

Ghana entrou. As vestes sujas e em desalinho; lama nas mãos e terra no rosto. E disse, a voz visivelmente perturbada pela respiração, opressa e ofegante:

— Sua bênção, meu pai!

— Que o Eterno te abençoe, meu filho!

— Aqui está, meu pai... — declarou Ghana, entregando a moeda na ponta dos dedos — aqui..., está... (o seu peito arfava de cansaço), aqui está a rupia... a... rupia que eu gan... gan... ganhei (a fadiga o forçava a gaguejar) com... com o meu trabalho...

O velho Samuya (exatamente como fizera na véspera) recebeu a moeda do filho e pôs-se a examiná-la calma e tranqüilamente. Observou atento uma das faces; virou-a entre os dedos e procurou apreciá-la pelo outro lado. Sopesava a moeda, balançando levemente a mão para cima e para baixo.

A tarde estava fria, como sabem ser frias as tardes de Sevã. (Que frio, meu Deus! Que frio!). No fundo da sala (já disse e repito ainda) a lareira estava acesa e o fogo era intenso; as chamas punham reflexos vermelhos pelas paredes e pelo chão. O rapaz, de olhos baixos, a roupa suja, a respiração sibilante, aguardava, em silêncio, a sentença paterna.

O Krivá olhou para o filho, para a moeda e para o fogo. Teria percebido a mistificação torpe que aquela rupia representava? (Como são frias as tardes de inverno em Sevã!).

— Meu filho! — exclamou serenamente o ancião, numa decisão inabalável, severa e rude. — Meu filho! esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

E depois de ter proferido tais palavras (exatamente como fizera na véspera), num gesto rápido, seguro, atirou a moeda para o meio das chamas.

Era aquela a decisão do Krivá. Ghana não protestou, não reclamou. Abaixou a cabeça e retirou-se humilhado. Com a mistificação ignóbil, ditada pelo seu indigno companheiro, não conseguira ludibriar seu pai. A segunda rupia da mentira, seguindo o mesmo caminho da primeira, foi para o fogo, levando o peso da sua infâmia.

Que fazer? Já lá se fora o segundo dia do prazo.

Agradável é a virtude que vai até a velhice; agradável é a fé que tem raízes profundas.

("Dhammapada", cap. XXIII)

Restava um dia, um dia apenas. E o velho Samuya era o Krivá, "o homem de uma só palavra". O jovem, ao regressar, sentiu os passos frios da miséria a pisar-lhe na sombra.

A rua estava escura. Desolado pelo fracasso do segundo dia, perdida a segunda rupia, profundamente triste e aterrado, dirigia-se o jovem Samuya à Praça dos Tintureiros (ponto preferido para a reunião dos vadios e desocupados), quando ouviu que alguém o chamava pelo nome:

— Ghana! Olá, Ghana! Aonde vais?

Ghana parou. Um vulto destacou-se da sombra e dele se acercou. O jovem logo o reconheceu. Era o prudente Gaimo, (19) velho amigo de seu pai. Fora seu professor das primeiras letras alguns anos antes e Ghana tinha certo respeito e amizade pelo antigo Mestre. Entre as pessoas honradas de Sevã, o velho Gaimo, homem de reto caráter, era o único a cumprimentá-lo com simpatia e a sorrir para ele com bondade.

— Vou até à Praça — respondeu, cabisbaixo, pesaroso. — Pretendo conversar com meus amigos. Quero distrair-me um pouco. Sinto-me aflito, preocupado.

— Aflito? Preocupado? — indagou o velho Gaimo. — Que aconteceu contigo?

Resolveu Ghana contar ao seu ex-professor tudo o que ocorrera. (Já no coração lhe doíam remorsos).

Narrou a grave exigência de seu pai e, a seguir, as duas tentativas fracassadas. A primeira, sugerida por Soalf, e a segunda, a burla miserável, inspirada por Onicic.

E concluiu, infletindo a cabeça para o peito e deixando caírem os braços, num desalento:

— Nada mais me resta. Estou perdido. Sinto-me desde já condenado à miséria!

— E quem te disse isso? — protestou o judicioso Gaimo, pousando a mão no ombro de seu discípulo. — Não considero o teu caso perdido. Ao contrário. Julgo-te salvo. Asseguro que estás salvo. Cometeste, a meu ver, dois erros graves, imperdoáveis. Mentiste para teu pai. E mentiste duas vezes. Mentir para o pai é uma infâmia, uma torpeza. Para o pai não se mente. Não se mente de forma alguma. Foste, é claro, mal aconselhado. Pérfidos amigos levaram-te a praticar a baixeza de mentir, quando devias, diante de teu pai, falar a verdade. Escuta, meu caro Ghana, de acordo com o prazo fixado por teu pai, o Krivá, resta ainda, um dia. Larga os teus indignos amigos e pensa em tua vida, em teu futuro e em teu pai.

(19) Gaimo — Anagrama da palavra amigo.

A dádiva da Lei excede todas as dádivas; a doçura da Lei excede todas as doçuras; o prazer da Lei excede todos os prazeres.

("Dhammapada", cap. XI)

Trabalharás amanhã, trabalharás como um homem de bem; ganharás a tua rupia e serás digno do teu nome. Ficarás, assim, reabilitado para a vida. Volta, meu amigo; volta para a tua casa. Precisas repousar bem esta noite, para que amanhã, cheio de ânimo, possas ganhar a tua rupia. Será, afirmo pelo nome do Eterno, a primeira rupia ganha honestamente com o teu trabalho!

E, depois de abraçar, carinhoso, o seu antigo discípulo, afastou-se, desaparecendo na escuridão da rua.

No dia seguinte, ao romper da manhã, Ghana ergueu-se do leito, vestiu-se rapidamente e saiu.

Precisava começar bem cedo.

— Antes do meio dia — pensou — já terei ganho uma rupia com o meu trabalho.

Pretendia Ghana afastar-se da cidade. "Não quero encontrar conhecidos — refletiu. — Vou para os campos de Kotri".

Ao caminhar pela estrada avistou vários homens que se preparavam para o serviço da colheita de juta. Alguns decruavam a terra; lidavam outros no replantio. Ghana apresentou-se ao chefe, ofereceu-se para o serviço e foi aceito. Viu-se forçado a entrar em terreno pantanoso; em alguns lugares a água chegava-lhe até a cintura.

Trabalhou ativamente durante mais de duas horas. A seu lado alguns homens, delindo suas angústias, trabalhavam cantando; mantinham-se outros, em silêncio, soturnos e tristes.

Em dado momento, o capataz, de semblante carregado, acercou-se dele e engrolou:

— Olha, rapaz. O apanhador que estavas substituindo, acaba de chegar. Não precisamos mais dos teus serviços.

E atirou-lhe, em tom seco, de despedida irrevogável:

— Tens pouca prática e necessitamos de homens bem ativos, experimentados.

E deu-lhe, como pagamento, quatro anas.

Recebeu-as Ghana na palma da mão. Olhou as quatro moedinhas e refletiu pesaroso, desolado:

Que poderei fazer com essas quatro anas? Preciso é de uma rupia!

Estava o nosso herói meditando sobre o caso, decidido a arranjar novo trabalho, quando avistou um oleiro gordo, de cara risonha, que girava uma roda para amassar barro. Ghana ofereceu-se na mesma hora, para o trabalho e o oleiro aceitou.

— Vira a roda, meu amigo! — disse, alegre, o oleiro. — Preciso preparar, dentro de três dias, dois milheiros de tijolos!

Trabalhou Ghana algum tempo, mas antes da hora da meia sombra (20) o oleiro de cara redonda resolveu parar a tal roda e pagou, pelo serviço feito, quatro anas.

(20) Meia sombra — Onze horas, mais ou menos.

— Quatro mais quatro, oito! Oito anas! — pensou Ghana. — Já ganhei oito anas! Meia rupia! Preciso, porém, ganhar uma rupia inteira. Uma rupia com o meu trabalho!

Deixando o serviço do oleiro, resolveu Ghana caminhar pela estrada em busca de novas tarefas; em dado momento, avistou um homem de tez ruiva, mal-ajambrado, que vinha ao seu encontro, trazendo no ombro um molho de ervas.

O homem da tez ruiva o reconheceu:

— Não és, por acaso, Ghana, o filho do velho e honrado Krivá?

— Sim — confessou o jovem. — Sou o filho do honrado Krivá.

— Queres ficar com estas ervas aromáticas? São de Pundjab. No mercado podem dar bom preço. Vendo-as todas por meia rupia. Serve-te o negócio? Preciso voltar para casa, pois tenho um filho doente e minha esposa foi ontem a Karachi visitar os parentes.

— Aceito — respondeu Ghana. — Compro-te as ervas por meia rupia.

E entregou ao homem as oito anas, que havia recebido do oleiro e do plantador de juta. De posse das ervas dirigiu-se Ghana para o mercado.

Colocou-se junto á entrada principal e, com a maior naturalidade, começou a apregoar a sua mercadoria preciosa:

— Quem compra ervas aromáticas? Coisa finíssima! Sem igual nesta terra! Quem compra ervas aromáticas?

Os homens que passavam mostravam-se, às vezes interessados. Olhavam, sorriam para Ghana e seguiam para diante. Mas, afinal, quem pretendia comprar ervas aromáticas quando, em casa, faltava o azeite para o lume, ou o pão para a arca?

Mas Ghana, decidido a vender, a ganhar a sua rupia, não esmorecia, não desanimava:

— Quem compra as deliciosas ervas aromáticas? Ervas aromáticas do Pundjab! Quem compra? Quem compra?

Ao longo da estrada, batida pelo vento, a soalheira abrasava. (21)

Pequeninas borboletas de asas amarelas, voavam sem destino.

Um homem alto, com turbante de seda, ao dar com os olhos no jovem, parou e insinuou em voz baixa, para um amigo que estava a seu lado:

— Ou muito me engano, ou este rapaz das ervas aromáticas é o filho do rico Samuya, o Krivá. Surpreende-me vê-lo aqui, trabalhando no comércio, entre os mercadores da feira. Sempre me pareceu um vadio, um inútil. O velho e bondoso Samuya deve se sentir feliz ao saber que o filho mudou de vida.

(21) Nessa época, no Paquistão, os dias são quentes e as tardes e as noites muito frias.

Segue a lei da virtude; não sigas a do pecado. Os Virtuosos descansam na bem-aventurança neste mundo e no outro.

("Dhammapada", cap. XIII)

Passou, afinal, uma mulher de rosto velado, ricamente trajada, seguida de duas empregadas indianas.

Ghana continuava incansável, a proclamar as virtudes incomparáveis de suas ervas:

— ...essência duradoura! Alta preciosidade para o lar! Quem compra ervas aromáticas?

Passou, afinal, uma mulher de rosto velado, ricamente trajada, seguida de duas escravas indianas. Trazia na testa um belo diadema de Bahawalpur. (22) O seu vistoso manto de seda, caindo em pregas largas, chegava até o chão. Ao caminhar, o frêmito de suas saias chamava a atenção. Era uma opulenta muçulmana, que deixava, todas as manhãs, o harém de seu esposo e corria ao mercado, em busca de rendas, perfumes e colares finos.

Ao ver o jovem Ghana, com seu molho de ervas, a muçulmana do diadema parou e perguntou-lhe com ar meio provocante:

— Quanto queres, ó jovem Saído! (23) pelas ervas?

Com um sorriso amável respondeu Ghana:

— Senhora, em outra situação, eu lhe daria todo o molho em troca de um olhar de simpatia e nada mais! Hoje, entretanto, sou forçado a vender. Preciso de uma rupia. Uma rupia e nada mais.

— Uma rupia! — protestou com sobranceira impertinente a desconhecida. — Por Allah! Uma rupia por um molho de ervas? Isso é um delírio, meu jovem! Nem que fosse incenso fino de Hojai. (24) Ali, no outro extremo da feira, os homens de Batakundi oferecem ervas de cheiro a três anas cada molho.

E cortava as palavras com frouxos de riso. O sarcasmo brilhava em seus olhos.

— Mas, senhora... — balbuciou Ghana —... preciso de uma rupia.

— Ora, ora..., resmungou a muçulmana, olhando-o de alto. — Que importa a mim se precisas de uma, cinco ou de vinte rupias? As ervas de cheiro aparecem, agora, entre os traficantes do Sul, por preço muito baixo. És, pelo que vejo, meu caro saide, novo aqui. Não conheces bem o comércio e nem sabes as coisas como andam. As rupias são raras e difíceis. Desejo ajudar-te. Pago-te doze anas pelo teu molho seco e mesquinho. Aceitas minha proposta?

Ghana refletiu apreensivo. Se as ervas (que ele havia comprado, na estrada, por meia rupia) nada valiam, o mais certo seria vendê-las pela primeira oferta aquele "molho seco e mesquinho". E sem mais hesitar, aceitou as doze anas da exuberante muçulmana do rosto velado e entregou-lhe todo o apanhado de ervas.

A dama espalhafatosa do diadema de ouro afastou-se, levando as ervas aromáticas. Um hindu magro, de rosto pálido, de estatura acima de mediana, que tudo ouvira em discreta observação, puxou o jovem Ghana pelo braço e disse-lhe com um rizinho importante:

(22) Bahawalpur — Província do Paquistão, famosa por suas indústrias de jóias e adereços.

(23) Saído — Chefe. No caso é empregado em sentido irônico, de gracejo. Saído é vocábulo árabe.

(24) Hojai — Variedade rara de incenso, que os árabes muito apreciam.

— Fizeste mau negócio, meu amigo. Péssimo negócio. Essa islamita gorda, com diadema na testa, enganou-te. Viu em ti um novato e resolveu explorar-te. Não quis intervir na venda para não parecer importuno. As tuas ervas do Pundjab podiam ser vendidas, ainda hoje mesmo, por duas ou três rupias. Não aqui, mas no suque dos perfumistas, onde os árabes dão bom preço pelas raízes e plantas aromáticas. Sei que és novo no ofício; toma, pois, cuidado. E muito cuidado. Quem der os preços das mercadorias; pesar, com atenção, os desejos e caprichos dos compradores; consultar o interesse predominante do momento; informar-se da produção e das mil outras coisas que fazem variar as cotações, descer ou subir os preços.

Agradeceu Ghana os conselhos e advertências do hindu, contou, com cuidado, as doze anas, uma a uma, e preparou-se para deixar o mercado. Precisava ganhar mais quatro anas e completar uma rupia. Uma rupia ganha com o seu trabalho!

— Vou procurar trabalho fora daqui. O comércio, com suas confusões de preços, com seus múltiplos problemas, não me interessa.

Já bem alto ia o Sol, quando Ghana enveredou pela estrada tomando o caminho da aldeia de Korti, onde esperava ganhar, com seu trabalho, o que faltava para as dezesseis anas.

Sob uma grande figueira, na curva do caminho, avistou um homem de barba branca, a face lanhada de rugas, que se achava sentado numa pedra, tendo na mão uma folha cheia de caracteres estranhos.

Ghana saudou o ancião e perguntou-lhe, num tom receoso, se precisava de alguma coisa.

— Sim — resmungou o velho — estou à espera de alguém que me ensine a ler esta carta escrita por meu filho.

— Não seja esta a dúvida — respondeu Ghana. — Posso muito bem ajudá-lo. Sei ler qualquer escrito.

E o jovem leu a carta, traçada em caracteres árabes, traduzindo-a, palavra por palavra. Um ou outro termo do urdu (25) exigia esclarecimento. Ghana elucidou o velho sobre todos os pontos obscuros. O ancião alegrou-se com as notícias (que eram boas), pois o filho ausente avisava-o de que breve regressaria de Karachi, a nobre Karachi, onde se achava trabalhando com seu tio havia já cinco anos. "As suas preocupações vão terminar (dizia a carta) pois dentro de duas semanas estarei ao seu lado".

Pela tarefa de ter lido a carta, Ghana recebeu do velho um ana, três bolos de manteiga e um pedaço de pão de centeio, bolos e pão que ele saboreou com muito apetite, pois já se sentia alquebrado pela fome.

Ghana juntou na mão o dinheiro ganho e contou outra vez as moedinhas:

Ensina; ensina sempre, e estarás aprendendo também.
("Dhammapada", cap. III)

— Treze anas! Pouco falta para uma rupia! Preciso trabalhar ainda!

Nesse momento avistou um burriqueiro, cara de malaio, que caminhava lentamente pela estrada puxando o seu burrinho pela rédea. Aferrenhado pela jornada o burriqueiro gritava e praguejava:

— Vamos! Pelas barbas do Profeta! (26) Não sei o que tem este animal que não quer andar!

Ghana olhou com a maior atenção para o burrinho.

— Espera, amigo — disse, dirigindo-se ao burriqueiro. — Parece-me que o teu burrinho está ferido. Tem algo na pata.

— Na pata? — estranhou o homem interrompendo a caminhada.

— Sim, na pata. Um espinho, creio...

O jovem abaixou-se, tomou uma das patas do burrinho e, rápido, arrancou o espinho que ali se achava encravado. Lavou, depois, a ferida e amarrou um pedaço de pano. Sem aquele cuidado o animal estaria inutilizado para o serviço.

Encantado ficou o burriqueiro com o auxílio de Ghana e deu-lhe, a título de pagamento pelo tratamento do burrinho, uma insignificante moedinha, uma ana.

O jovem agradeceu ao bom velhinho, e contou, ou melhor, recontou, com ansioso interesse, o dinheiro que até então havia ganho com o seu trabalho:

— Quatorze anas! — Faltavam, apenas, duas anas para completar a rupia. A primeira rupia ganha com o seu trabalho.

Na curva da estrada, já perto da aldeia de Kortis, avistou Ghana, junto ao rio, à sombra de velhos tamarindeiros, um grupo numeroso de viajantes. Vinha de longe uma toada de passos e vozes.

Indagou de um árabe que passava, com largo turbante amarelo, todo engrilado.

— São peregrinos muçulmanos — respondeu o informante. — Vão assistir, para além do rio, as festas do aniversário do Profeta. Os remadores são poucos e, por isso, a travessia está sendo demorada.

— E o encarregado do transporte precisa de remadores? — indagou Ghana.

— De certo que sim — acudiu logo o árabe do turbante amarelo. — Se queres ganhar dinheiro, é só remares.

Ghana não perdeu tempo. Correu aflito para junto do embarcadouro. Procurou, sem mais delongas, o encarregado do transporte dos peregrinos e ofereceu-se como remador.

(25) Urdu — o idioma nacional do Paquistão.

(26) Profeta — Expressão muçulmana. Refere-se a L'aom.

Aquele que antes era leviano e sem cuidados e que se torna calmo e judicioso ilumina este mundo tal como a luz do Sol livre das nuvens.

("Dhammapada", cap. XI)

— Aceito — declarou o encarregado — mas, como sabes, meu jovem, por viagem de ida e volta, só pago ao remador meia ana! É o preço! Nem mais um grão de trigo!

Meia ana por duas viagens? Ghana refletiu. O Sol estava a meia altura no céu. Ele (para completar a rupia) deveria fazer quatro viagens completas!

— Tenho tempo — pensou, martelado pela preocupação que o dominava. — Vou ganhar, no trabalho do remo, as duas anas que me faltam.

Escolheu um dos barcos, tomou um par de remos e pôs-se a transportar os peregrinos muçulmanos. Rema que rema, braquejou Ghana, sem parar, a tarde toda.

No fim de oito travessias, já cansado, com as mãos feridas, recebia Ghana, do seu empregador temporário, o pagamento das duas anas prometidas (nem mais um grão de trigo!).

Ghana, esfalfado, com as mãos trêmulas, contou as moedas recebidas:

— Dezesseis anas! Uma rupia! Havia ganho, ana por ana, uma rupia com o seu trabalho.

Sentia-se orgulhoso, desmedidamente orgulhoso, consigo mesmo. Uma alegria infinita transbordava-lhe o coração, afervorado, naquela hora, pela grande e radical mudança de sua vida.

Pesava-lhe no corpo a extrema fadiga; faminto, sedento, as mãos feridas, as vestes sujas; mas Ghana sentia-se intensamente alegre, radiante. O seu desejo era cantar, gritar. Gritar pelos campos, pelas ruas, no meio do rio entre os veleiros, para que todos ouvissem. Ouvissem aquela espantosa verdade:

— Ganhei uma rupia com o meu trabalho! Vejam! Aqui está! Uma rupia ganha com o meu trabalho!

E Ghana, passos largos, vencendo a estrada, de regresso para a sua casa, refletia:

— Trabalhei de verdade, e sem parar, o dia inteiro. Vejam: Trabalhei na Agricultura, colhendo juta nos pântanos; trabalhei no Comércio, vendendo (no meio de muita confusão) ervas aromáticas na feira; trabalhei como Professor, ensinando o velho analfabeto a ler uma carta; trabalhei como Veterinário, curando o pobre burro que seguia ferido pela estrada; trabalhei, finalmente, no serviço de Transportes, conduzindo peregrinos muçulmanos para a outra margem do rio. Aos principais ramos da atividade humana dei, hoje, o meu quinhão de esforço e de trabalho. Meu pai vai sentir-se orgulhoso de mim!

Deixei a vida inútil, deplorável, e ingressei na legião dos homens que trabalham, dos homens que produzem, dos homens dignos, que são úteis à sociedade.

Não tenhas por amigos os que praticam ações más; não faças amigos entre as pessoas de sentimentos baixos. Procura fazer amigos entre os virtuosos. Que os teus amigos se iam homens de bem.

("Dhammapada", cap. VI)

E, recalcando a imensa fadiga, caminhava bastante apressado, pois o Sol, deluzindo entre nuvens cor-de-rosa, tombava sobre o horizonte; e o jovem, ao aproximar-se de Sevã, repetia, com intenso júbilo, seguindo a trilha de seu devaneio:

— Meu pai vai sentir-se orgulhoso de mim!

E apertava, cauteloso, na mão ferida e dolorida, as dezesseis anas escuras, azinhavradas, que tão penosamente havia ganho no trabalho.

Já bem perto de sua casa, ao atravessar a velha Praça dos Tintureiros, avistou dois de seus antigos companheiros. Eram dois velhacos e trampolineiros do grupo, irmãos de Soalf.

Ghana não os cumprimentou.

— Não posso ter relações de amizade com gente dessa espécie! — refletiu. — São tipos vadios, mentirosos, inúteis! É raça que não presta! Sou, agora, homem de bem, de caráter, homem do trabalho!

Já ia o disco avermelhado do Sol tocando de leve a curva imensa do horizonte e feria a Terra com as suas últimas flechas de luz, quando Ghana entrou, de passos firme e cabeça erguida, no aposento em que se achava seu pai.

— Sua bênção, meu pai! — disse ao chegar.

— Que o Eterno te abençoe, meu filho — respondeu o ancião.

Depositou Ghana as dezesseis anas na mão de seu pai e declarou, com voz pausada e cheia de emoção:

— Aqui está, meu pai, a rupia, que ganhei, hoje, com o meu trabalho!

A tarde estava fria. A lareira, como sempre, estava acesa e o fogo crepitava. As chamas voluteavam no ar.

O velho Samuya tomou na mãos, as dezesseis anãs e ficou, alguns instantes, em silêncio, observando as pequeninas moedas. Contou-as e recontou-as. Sim, ali estava uma rupia!

O rapaz, os braços cruzadas, trêmulo de frio, aguardava a decisão paterna. Estava tão emocionado, tão comovido, que as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Ghana chorava; mas chorava de alegria, chorava como um homem, pela grande vitória alcançada. Batia-lhe descompassadamente o coração.

O ancião, em silêncio, pôs-se a olhar para o filho; observou-o com meticuloso cuidado, da cabeça aos pés. O jovem tinha as mãos feridas, a roupa suja e em desalinho. Havia até sangue em sua blusa. Parecia pálido e abatido. Observou, depois, novamente, as dezesseis anas que se achavam empilhadas em sua mão; e, finalmente, olhou para a lareira. As chamas crepitavam.

(Como são suaves, silenciosas e frias, as tardes de inverno no Paquistão!)

Decorridos alguns instantes, o ancião tomou entre os dedos as moedinhas, ergueu a mão e, num gesto rápido, atirou as dezesseis anas ao fogo, proclamando, na extrema decisão, com voz grave:

Livra-te do mal; segue o caminho da virtude; pratica a justiça e serás glorificado.

("Dhammapada", cap. VIII)

— Meu filho, esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

— Meu pai! — bradou o rapaz, num protesto incontido.

— Ah! — sorriu o velho Samuya. — Ah! Meu filho! Então foi. Sim, foi ganha com o teu trabalho. O teu protesto, sincero e expressivo, é a prova veemente! Das outras vezes, quando atirei a moeda ao fogo, nada disseste. Mas desta vez protestaste. E por que? Vi que hoje, meu filho, recebeste a grande e sábia lição da vida! O dinheiro ganho com o trabalho não deve ser atirado, como palha sem valor, ao fogo do desperdício.

E depois de breve pausa, o nobre Krivá prosseguiu, com ênfase:

— Só o trabalho honrado nobilita o homem. Pelo trabalho, unicamente pelo trabalho, pode o homem servir; servir à família, servir aos amigos, servir à sociedade. Aquele que não trabalha, não serve. Trabalhar é servir. Servir é trabalhar. Uma vez que és um homem do trabalho, não tenho dúvida em deixar toda a minha fortuna em tuas mãos. A riqueza por mim acumulada, entregue a um homem de bem, de caráter firme, será uma fonte de incalculáveis benefícios para a coletividade e para a Pátria!

E rematou, comovido:

— Ghana! És o meu filho bem-amado! Tenho orgulho de ti! Ganhaste, hoje, para toda a vida, a primeira rupia com o teu trabalho!

Contas primeiro os tens inimigos e poderás calcular, depois, as tuas inquietações.

Al-Harini (1054-1122)

O ESTRATAGEMA DE TAKLA

CORRIA o terceiro mês do ano de 698. Na velha cidade de Damasco vivia, nesse tempo, um homem de meia idade, de ar retraído e modesto, que se chamava Mosab Ali Hosbã. A vida de Mosab, cheia de desenganos, muito longe estava de ser considerada feliz. Quando moço, em Medina, (a sua cidade natal), exercera a árdua profissão de falcoeiro e fizera-se muito destro na falcoaria.

Três vezes viajara pelo Iraque e tendo ido, em caravana de peregrinos, até a Pérsia, a convite de um príncipe caçador, aprendera contas, cálculos, Geometria e todos os estranhos segredos da Astrologia, com dois sábios sacerdotes de Khorassã. Em consequência de uma queda desastrada (durante uma caçada no Iêmen) o falcoeiro Mosab ficou capenga. Impedido de continuar em trabalhos de falcoaria, vendeu a sua rica falcoaria e mudou-se para Damasco, altamente prestigiada em todo o Oriente, por ser a Capitã do Califado. Sob o céu damasceno conheceu Mosab a jovem Takla, filha de Mekoul (o escriba), com a qual se casou. A profissão adotada por Mosab, em Damasco, não era das mais das. Impelido por gênio simplório e acanhado, fizera-se taleb, isto é, professor.

O seu feitio calmo e paciente, tornara-o muito estimado. Ensinava Cálculos, Música, Astrologia e noções de Geometria. As lições eram mal pagas e com o minguado salário que recebia, mal podia Mosab manter Takla, sua esposa, e Laila, sua filha. É bem verdade que Takla, diligente e hábil, colaborava para a economia do lar, bordando pequenos tapetes com legendas do Alcorão (1). Esses tapetes (chamados os "tapetes de Takla"), enriquecidos com figuras geométricas, eram vendidos aos ricos damascenos e aos mercadores de Alepo.

Ora, aconteceu — maktub! (2) — que certa manhã (como de costume) preparava-se o bom taleb para sair (já se achava, aliás, na porta de sua casa) quando dele se acercou um desconhecido de turbante claro e Albornoz de seda. Tinha a fisionomia de um adolescente e os seus olhos eram claros. Presa à cintura, ostentava uma adaga finíssima, ornada de cornalinas.

Trocadas as saudações habituais, disse o visitante do albornoz de seda, com ar compenetrado.

— Chamo-me Nhamã Yaussef, e sou um dos oficiais do Califa. Venho procurá-lo por ordem expressa do nosso glorioso soberano Abdel-Melik, ben-Mowar (3), Emir dos Árabes. O rei deseja receber, em audiência, o taleb Mosab Ali Hosbã. É urgente!

O frio da palidez cobriu o rosto de Mosab. O rei mandava-o chamar? Exprimiria aquele espantoso e inesperado convite uma honra excepcional. Parecia com o esplendor lendário de um tapete mágico capaz de arrancar o taleb da realidade triste da vida e levá-lo ao país encantado dos sonhos. Mosab tremia, emocionado. Que poderia futurar de tudo aquilo? Sentiu gotas de suor riscando arabescos em sua testa.

— Permitti, nobre capitão — gaguejou, arredondando os olhos de espanto — que eu possa me vestir com mais apuro! Não seria correto aparecer, em trajes tão rudes, na presença do nosso incomparável Emir. Voltarei dentro de poucos instantes.

E Mosab, no nervosismo em que se achava, deixou o oficial do Califa na porta e correu para os aposentos internos de sua casa.

— Takla! — gritou ele, já no harém, chamando a esposa. — Quero o meu turbante novo e os meus trajes de testa! O rei quer falar comigo!

— Falar contigo? O rei? — duvidou Takla, com certo desabrimento, receosa de que o marido, envenenado pelas complicações geométricas e astrológicas, tivesse perdido a luz da razão.

— Sim — confirmou Mosab. — Apressa-te, mulher! Vai o Califa receber-me, agora mesmo, em audiência especial. Não é sonho, nem delírio! Um capitão da guarda está à minha espera, na porta. Que será?

(1) Alcorão — Livro sagrado dos muçulmanos.

(2) Maktub — Estava escrito.

(3) Abdel-Melik, Ben-Mowar — Filho de Marwar, Califa de Damasco. Um dos soberanos do ramo dos Omeya. Governou desde 685 até 706.

— Sim, que será?

A dúvida, numa inquietação sem limites, cintilava nos olhos negros e expressivos de Takla.

E quando Mosab vestia seus trajes mais novos, enfiava a djalesba (4) mais fina e enrolava na cabeça vistoso turbante cor-de-cinza, tentava adivinhar a razão daquele honroso chamado.

— Quererá o rei colher alguma informação sobre Astrologia? — arriscou Mosab, ansioso por ouvir a opinião da esposa.

Takla não aceitava esse palpite. Nada de Astrologia. O ambicioso Abd-el-Malik, filho de Morwã, não olhava para as estrelas do céu, nem acreditava nos adivinhos da Terra. Recebera, certamente, algum documento secreto da Pérsia e queria que Mosab (apontado como verdadeiro Koodjha) traduzisse as letras e revelasse o segredo. Era isso, com certeza, e nada mais Inch'Allah! (5)

O fato é que Mosab Ali Hosbã, o taleb medinense, sempre capengando, com todas as inquietações da incerteza, foi levado à presença do grande monarca Abd-el-Melik, filho de Morwã, Comendador dos Crentes.

Os nobres muçulmanos que viram o taleb atravessar, com passos arrancados, os amplos e luxuosos salões do palácio, indagavam entre cochichos e sorrisos desdenhosos:

— Que pretenderá o rei ouvir desse astrólogo da perna torta?

A verdade do caso não transpareceu, pois a audiência, por determinação do califa, foi, cercada do maior sigilo. No divã (6) ficaram, apenas, o Emir dos Árabes, o prestigioso Abd-el-Melik, e o taleb Mosab, seu convidado. Todos os secretários, guardas e servos se retiraram.

Depois de convidar o astrólogo a sentar-se a seu lado (pondo-lhe democraticamente a mão espalmada sobre o ombro), o rei assim falou, sem mais preâmbulos, em tom muito amistoso:

— Tenho recebido de ti, ó taleb!, ótimas e fidedignas informações. Latif, minha atual favorita, amiga de tua esposa Takla, falou-me várias vezes, com muito interesse, a teu respeito. E estou resolvido (para agradar à sedutora Latif), a nomear-te para o cargo de grão-vizir (7).

— Grão-vizir? — repetiu Mosab, a alma arrastada por um simum de espanto. — Grão-vizir?

— Exatamente, — confirmou o Califa, com absoluta naturalidade, anediando a barba. — Quero que exerças as funções de chefe do meu governo. És um homem pobre, bem sei, mas honesto e trabalhador. Conheces os altos segredos da Geometria de Euclides e da Astrologia; sabes fazer as contas mais complicadas, com os números. Escreves com facilidade e correção. Estou certo de que poderás desenhar, a qualquer momento, a marcha dos sete planetas pelo céu.

(4) Djalesba — Espécie de túnica.

(5) Inch'Allah! — Essa expressão deve ser traduzida por: Queira Deus!

(6) Divã ou Diva — Salão do palácio real.

(7) Grão-vizir — Primeiro-ministro.

Informaram-me, também, da tua impecável lealdade. Ninguém põe em dúvida a tua sabedoria naquilo que diz respeito ao Livro de Allah. (8) Julgo-te, portanto, perfeitamente capaz de controlar os meus vizires, vigiar as despesas do Tesouro e dirigir a administração do Califado.

Vivia Mosab o momento culminante de sua vida; sentia-se estonteado, quase vertiginoso; batia-lhe descompassadamente o coração; procurava dominar-se e ouvir com o máximo respeito as palavras do rei.

O Califa, reclinando-se sobre as largas almofadas, olhos semi-cerrados, enclavinando os dedos, prosseguiu:

— Só poderei, entretanto, lavrar a tua nomeação depois que tiveres respondido a duas perguntas muito sérias que vou formular a teu respeito.

— Aguardo a vossa inquirição, ó Comendador dos Crentes! — acudiu Mosab, com lenta mesura, sinceramente emocionado. — Direi a verdade, quaisquer que sejam as consequências. Iallah! (9).

— Está bem — retorquiu Abed-el-Melik num olhar vago. — Sinto-me confortado com a segurança de tua palavra. A primeira pergunta (a mais simples talvez) é a seguinte: — "Tens amigos entre os damascenos?"

— Ora, ora, por Allah! — respondeu Mosab com um sorriso de intenso orgulho. — Tenho amigos, e bons amigos, por toda parte. Desde a Mesquita até o Mercado. Entre ricos e pobres, sábios e ignorantes, conto com centenas e centenas de legítimos e verdadeiros amigos! Ainda ontem, ao cair da tarde...

— Muito bem — acudiu o rei, interrompendo-o, naqueles rodeios, com bom humor. — As boas amizades formam os alicerces da verdadeira Felicidade. Já ouvi, de um poeta do deserto, esta sentença: "Se os amigos me fugirem (é bem certo) de mim fugirão todos os tesouros". Passemos, agora, à segunda pergunta, que reputo muito grave: — "Tens, meu caro, taleb, inimigos entre os muçulmanos?"

— Oh! Não! — protestou Mosab, com veemência, esforçando-se por ser claro e decidido. — Desconheço o que seja um desafeto. Inimigos? Creio que nunca os tive. Esforço-me por desfazer as intrigas, os mal-entendidos; não me incomodo com os mexericos, e sou surdo às insinuações malévolas. Tenho, por norma, esquecer as ofensas e perdoar as injúrias. Assim procedendo, transformo as malquerenças em afeições; os ódios, em indiferenças; as aversões, em estimas. Eis a minha confissão: Não tenho inimigos, ó Rei do Tempo!

— Se assim é — declarou, sem detença, com reprovadora frieza, o Califa — lamento muito, mas não poderás ser nomeado grão-vizir. Seria, realmente, absurdo, que o chefe do meu governo, o primeiro-ministro do Islã, fosse um homem neutro na vida sem o menor traço de caráter, destituído de qualquer paixão política, sem fibra, sem partido, aviltado pela fraqueza, falhas e sentimentos. Todo aquele que possui uma parcela diminuta de personalidade vê logo aparecer, a seu lado, a sombra tortuosa de um inimigo.

(8) Refere-se ao Alcorão, o livro sagrado.

(9) Iallah! — Por Deus! Exaltado seja Deus!

E como o bom e ingênuo taleb, olhos em terra, se mostrasse sucumbido diante daquele inesperado desfecho, o califa retomou, num gesto largo, indefinido, tornando-se taciturno:

— Observa, ilustre Mosab, o meu caso, por exemplo. Sou o Rei, o sucessor de Morwã, o glorioso (que o Eterno o tenha em sua paz!). Pois bem, tenho inimigos cruéis, impiedosos, dentro e fora das terras árabes! Mas, vamos adiante: Maomé, o Clarividente Profeta, o Enviado de Deus, teve inimigos rancorosos, muitos dos quais tentaram, por todos os meios e com todas as armas, arruiná-lo, vencê-lo e matá-lo! Mais, ainda: Allah, que é Único, Onipotente, Misericordioso, também não está isento de inimigos. Que são os ateus e os hereges, senão inimigos irreconciliáveis de Deus?

Não sabia Mosab disfarçar o desapontamento que o esmagava. Sentia-se perdido, aniquilado, naquela tempestade de objeções.

Vendo-o triste e sucumbido, resolveu o rei, num gesto magnânimo, abrir a porta para novas esperanças. E disse-lhe:

— Não desisto, apesar de tudo, da idéia de aproveitar a cooperação de meu caro Mosab, de Medina, e por isso vou fazer, ao ilustre geômetra, especial concessão:

Dentro de 24 horas, terás que arranjar, no mínimo, sete inimigos damascenos. Inimigos de verdade. Pessoas desejosas da tua desgraça. Espero-te amanhã, neste mesmo divã, depois da terceira prece. Habilita-te com sete inimigos e volta. Serás nomeado grão-vizir! Palavra de rei!

Ao retornar do palácio de Abd-el-Melik, capengando pelas ruas estreitas e tortuosas de Damasco, sentia-se o bom Mosab confuso, estonteado, como um ébrio. Estivera a dois passos da Glória, da Riqueza e tudo parecia fugir diante de seus olhos! Perdia aquela oportunidade rara, raríssima, de ser o grão-vizir de Damasco! E isso por quê? Porque era um homem simples, pacato, inofensivo, sem inimigos!

O Califa exigira dele, sete inimigos! Como fazer, em poucas horas, sete inimigos, ele, que em quarenta e cinco anos de vida, pelo Iraque e pela Pérsia, adestrando falcões pelo deserto, formulando horóscopos, não fizera nenhum?

Ao cruzar a rua dos Tecelões, ao lado da loja de Simão Mureb, avistou Mosab um velho aguadeiro, magro, esfarrapado, que puxava pela rédea de um burrinho. O homem repetia com voz dolente: "Água! Água fresca! Água da fonte!". Estranho pensamento assaltou o taleb. Para iniciar a conta dos sete (refletiu) vou agredir aquele miserável aguadeiro. Será fácil segurá-lo pelo ganzuz; (10) com dois ou três socos atiro-o no chão, espanto o burrinho, derramo a água... Arrependeu-se logo dessa idéia. A agressão seria, além de estúpida, covarde. Que culpa tinha o aguadeiro do fracasso de sua vida?

— Mais acertado (prosseguiu Mosab em suas intempestivas reflexões) — será procurar o cheique Ismahil Mukbel e fazê-lo sabedor das insinuações — malévolas que circulam a respeito de sua primeira mulher Rahif. O honrado Ismahil fará um escândalo. Os irmãos de Rahif ficarão furiosos. E ganharei, com a indiscrição, vários inimigos (quatro, cinco, talvez).

A lembrança da intriga sórdida repugnava-o. O cheique Ismahil era homem bom, cordato; sempre o acolhera com generosa amizade. Grande indignidade seria golpeá-lo daquele modo.

— O mais prático — considerou Mosab, seguindo a trilha incerta de seus pensamentos —, o mais prático seria procurar os poetas Nacif, Zogaib e Amin (que se tinham na conta de talentosos) e declarar, sem rebuços, em voz alta, na presença de várias pessoas: — "Os versos que vocês escrevem são tolices, baboseiras sem nexos, desconchavos sem métrica!" E feita essa crítica (verdadeira, aliás), a conta dos sete inimigos estaria iniciada com três nomes: Nacif, Zogaib, Amin... Ficariam faltando, apenas, quatro.

Essa extravagância, de criticar poetas foi logo rejeitada. Mosab sentia-se bem em companhia dos poetas. Não o agradava ferir os homens de pensamento.

E naquele entrechoque de pensamentos, entrou Mosab em sua casa, aturdido, desolado; esbarrava nas paredes; apoiava-se nos móveis como um bebedor de haxixe. (11)

Takla, sua esposa, correu ao seu encontro e interpelou-o aflita:

— Por Allah! Que havia ocorrido em palácio? Que pretendia o Califa? Por que voltava ele assim abatido, estonteado?

Narrou Mosab tudo o que ocorrera durante a audiência, e fê-la ciente da exigência inominável do Califa:

"Ele, Mosab, seria nomeado grão-vizir se arranjasse (até a terceira prece do dia seguinte) sete inimigos, inimigos verdadeiros!"

— Mas isto é fácil — declarou Takla — alçando para ele os grandes olhos pretos. — Nada poderá impedir a tua nomeação. Os inimigos surgirão, às dúzias, pelas ruas, pelas praças, pelas mesquitas...

— Inimigos? — protestou Mosab, com recalcada melancolia, encolhendo tristemente os ombros. — Como arranjar sete inimigos no meio dessa gente simples, hospitaleira, que me acolhe com tanta simpatia?

— Deixa o caso por minha conta — tranqüilizou-o Takla em tom de meia seriedade, a abanar-se com seu grande leque. — Senta-te ali, naquela almofada, lê duas ou três suratas (12) do "Livro", enquanto eu vou providenciar. A exigência do rei será atendida, hoje mesmo, de modo espetacular. Amanhã (Queira Allah!) serás o grão-vizir!

Preparou Takla, em dois instantes, o narguilê do marido. Colocou o fumo, trocou a água e avivou a brasa. E, deixando tudo em ordem, afastou-se, rápida e, ato contínuo, subiu para o terraço de sua casa.

Mosab, na inquietação em que se achava, não conseguia ler. As letras do Alcorão dançavam diante de seus olhos. As palavras de Allah confundiam-se em seu pensamento.

(10) Ganzuz — Raspada a cabeça do árabe, fica, no alto, um montículo de cabelo que, é denominado ganzuz.

(11) Haxixe, — Entorpecente.

(12) Suratas — São denominadas surats os capítulos do Alcorão, em número de 114.

Ele, Mosab, o taleb medinense, chegaria ao triunfo supremo do grão-viziriato? Caminhando pelas veredas sem fim do pensamento, imaginava-se na corte damascena, ao lado do rei, revestido do manto de honra, recebendo homenagens dos cheiques, dos nobres muçulmanos e dos oficiais. Elevado ao alto cargo de grão-vizir, deixaria aquela casa modesta, úmida e triste e à viver em suntuoso palácio com pátios floridos e janelas abertas para o jardim: teria mais de vinte servos, escravos e auxiliares. Muitas festas poderia oferecer aos amigos e aos poetas. Festas com jantares e músicas. De quando em quando, uma cantora egípcia, uma dançarina cristã. Sua filha Laila seria pedida em casamento por um nobre, dono de cinco mil tamareiras. Ele Mosab, o taleb, nomearia os cádis; designaria os funcionários; e, por sua indicação, seriam escolhidos os governadores. Os generais, mais arrogantes, viveriam a bajulá-lo. Teria, à sua disposição, verbas imensas; as gratificações só seriam pagas com o seu "visto"; o ouro incontável do Tesouro Público rolaria, dia e noite, por suas mãos.

E tudo isso perdido. A miragem desaparecia como se ele (pobre taleb!) fosse um beduíno perdido no deserto de Roba-el-Kali! Como engendrar, em poucas horas, sete inimigos?

— Que estás aí a malucar, a falar sozinho — perguntou Takla, reaparecendo, risonha, na porta do harém.

— Anima-te, meu marido! Já está tudo providenciado. Amanhã serás nomeado grão-vizir do Califa Abd-el-Melik. Querias sete inimigos? Arranjei-te setecentos, sem sair deste bairro em que moramos!

— Por Allah, ó filha de meu tio! — exclamou Mosab, trêmulo de espanto, e com inquietação na voz. — Que loucura foi essa? Ouvi teus passos quando subias para o terraço. Que fizeste aos nossos vizinhos?

— Tranqüiliza-te — chalaceou Takla, com a maior fleuma, tendo nos lábios um riso superior. — Nada fiz que pudesse ferir o teu nome, ou macular a tua reputação de taleb. Chamei, apenas, as minhas amigas mais íntimas e disse-lhes a verdade: — "Quero comunicar a todas que meu marido vai ser, amanhã, depois da audiência, nomeado grão-vizir do rei". Todas elas estão bem a par das minhas relações com Latif, a favorita do Califa. Sabem que Latif aprendeu a bordar comigo; os pratos saborosos que Latif prepara foram inventados por mim. Mas, mesmo assim, a surpresa foi geral. A formosa Rihana, (esposa do teu amigo Hussein) não quis acreditar. Vi-me obrigada a jurar pelas barbas de Mafoma e pela felicidade de Laila. Caselad, sobrinha de Tufik Jaouad, rosnou furiosa: — "O Califa está louco! Como poderá um capenga exercer as funções de grão-vizir?".

E sabes qual foi a observação de Jolikhha filha de Daher Murad? Disse, apenas, com momices na voz: — "Não dou sete dias de vida para o governo desse Califa imbecil!"

— E Rahif? — indagou Mosab. — Qual foi a opinião da primeira esposa do cheique Ismahil Mukbel?

Takla sorriu novamente. Luzia-lhe nas pupilas um fulgor de intensa satisfação. Respondeu:

— A delicada Rahif (sempre de cabelos bem pintados) fitou-me com ironia e comentou com certo desfastio fazendo uma careta enjoada! — "Meu marido tinha razão. Esse Califa não sabe escolher seus auxiliares"

— Mas tudo isso, minha querida Takla — lamentou Mosab meio embaraçado, com nervosa firmeza — nada significa para os nossos planos. Essas aleivosias, assacadas por suas amigas, perdem-se ao vento; ficarão sobre a areia da minha indiferença. E a situação para mim continua insolúvel: sem inimigos, impossibilitado de servir ao rei!

— Aí é que estás enganado — acudiu Takla, — quatro contarão a novidade a vinte ou trinta; essas vinte ou trinta transmitirão a notícia a mais de cem. De cem o salto será para mil. Todos os maridos serão devidamente informados do caso. Antes que o nurezin (13) chame os fiéis para a prece da noite, mais de cinco mil damascenos estarão a par da escolha do novo grão-vizir. Cada um deles dirá, com surdo rancor: — "Fui preterido pelo capenga!" Julgar-se-ão todos roubados, esbulhados, ludibriados. Trezentos invejosos ficarão, esta noite, remoendo as suas cruas decepções. O ódio, inspirado pela inveja, irá se aninhar no coração dos ambiciosos. E amanhã, ao soar da terceira prece, terás não sete, mas setecentos inimigos rancorosos em Damasco!

Ao cair da tarde, na hora em que o Sol rasava o horizonte, o taleb foi reconduzido ao divã do Califa.

Abd-el-Melik parecia aprazer-se daquela visita; recebeu-o com simpatia e interpelou-o, risonho, com um leve traço de ironia na voz:

— Por Allah, ó taleb! Conseguiu, dentro do prazo, atingir a conta de sete, por mim fixada? Continuas com a vida livre das flechas da inimizade?

— Rei dos Árabes! — arriscou timidamente Mosab, inclinando-se, respeitosamente. — Minha esposa Takla assegura que devo ter mais de setecentos inimigos nesta opulenta cidade de Damasco.

E o taleb relatou ao rei o estratagema de Takla e do resultado que obtivera, reunindo as amigas (e só as mais íntimas) no terraço de sua casa.

(13) Nurezim.

— Ouahyat-en-nebi! (14) — exclamou o Califa. — é então verdade que Takla, tua esposa, fez correr pela cidade (como certo, coisa resolvida) a notícia de tua nomeação? Só agora encontro justificativa para a estranha atitude de vários vizires e cheiques durante a audiência desta manhã. Muitos deles fizeram, assinaladamente, péssimas referências ao teu nome e revelaram tremendas infâmias a teu respeito. O cheique Tufik Jaouad, que pretende governar o Iraque, chegou a insinuar que o meu amigo Mosab tem cúmplices no Egito, com os quais se corresponde (em dialeto) revelando segredos do Estado; Hassen Rahmi, o jurista, contou-me que já viu o "taleb capenga, ex-falcoeiro" (a expressão é dele) preparando sortilégios para matar pessoas da família real. Assegurou-me o velho Ismahil Mukbel, em tom de chalaça, que não passas de um astrólogo ignorante e confuso. Ao ouvir aquelas acusações (que sabia serem falsas, infames, caluniosas), disse de mim para comigo: "O taleb Mosab julga-se livre dos inimigos mas, na realidade, tem mais inimigos em Damasco do que um ladrão de

camelos". Mas agora está tudo explicado. Creio estar bem a par do ocorrido. Todos esses rancorosos inimigos foram inspirados pela Inveja, e surgiram, de ontem para hoje, graças ao estratagema de Takla.

Ao ouvir aquelas palavras, o bom Mosab rejubiluou-se em seu íntimo. Inolvidável lição recebera de sua esposa. A Inveja é a grande inspiradora de malquerenças, inimizades e ódios.

O Califa Abd-el-Melik, depois de refletir alguns momentos, declarou, aprumando-se severo e hirto entre as almofadas:

— Amanhã, sem falta, na presença dos cheiques, com todas as honras, tomarás posse do cargo de grão-vizir. Espero, de hoje em diante, conduzir com mais eficiência, os negócios públicos, e conto com tua sábia e judiciosa colaboração.

E rematou, com um olhar malicioso:

— Peço-te, apenas, uma coisa: Quando tiveres qualquer dúvida sobre algum problema do Califado, consulta a inteligente e prestimosa Takla. Feliz o marido que pode ser inspirado e esclarecido por uma boa esposa.

(14) Ouayat-en-nebi! — Significa: "Pela vida do Profeta!"

UMA LENDA DE KRISHNAMURTI

Muitos propósitos há no coração do homem, porém o Conselho de Deus permanecerá.

David, Salmos, 19-91.

RAPAZ pálido, com uma túnica andrajosa, que se achava ao meu lado, passou a mão pela testa e, voltando-se para Krishnamurti, assim falou em tom calmo e respeitoso:

— Mestre! Uma dúvida veio refugiar-se em meu coração. Sinto em mim um feixe de espinhos que me torturam...

— Qual é essa dúvida, meu filho? — volveu o Iluminado, cruzando os braços e erguendo os olhos para a imensidade do céu.

— Senhor! — respondeu o jovem da túnica andrajosa. — A minha dúvida está ligada ao delicado problema da vida: Quem tem mais amor, ou mais apego, aos bens materiais: os ricos ou os pobres? Onde apontar os mais afeiçoados às suas fazendas ou os mais agarrados aos seus trastes? Terá o mendigo mais aferro aos seus andrajos do que o milionário às suas baixelas de ouro?

O sábio e judicioso Krishnamurti não respondeu. Baixou o rosto sereno, de linhas impecáveis, e ficou um instante a meditar. Decorridos alguns minutos voltou-se para o discípulo que o argüira e disse:

— Não me acho, no momento, com ânimo para discorrer sobre esse problema, cuja delicadeza transcende a nossa imaginação. Mas como não seria oportuno deixar sem resposta a tua pergunta, vou contar-te uma lenda do país de Girkka. Queres ouvi-la, meu filho?

— Sim, sim — acudiu pressuroso o jovem com um sorriso de júbilo e pueril sinceridade. — Ouviremos com encantamento a tua lenda, ó Mestre, pois as tuas palavras são sempre cheias de preciosos e ternos ensinamentos!

Krishnamurti, o venerável, com voz pausada e firme, em linguagem desnuda e clara, narrou o seguinte:

Para além do país de Girkka, na Índia, entre escarpadas montanhas, vivia, há muitos anos, virtuoso anacoreta, grandemente venerado, que se chamava Timanak. Os dias desse bom "guru", ou melhor, desse santo varão, eram consagrados à prece e à meditação. Numerosos fiéis, escalando as pedras, iam, uma vez por semana, visitá-lo na gruta úmida e triste que ele tornara famosa com sua vida modelar de penitências e sacrifícios. Budistas fanáticos, vindos de remotos climas, traziam-lhe ricos presentes e cestos com saborosos manjares.

O Santo de Girkka, porém, com palavras admiráveis, recusava os presentes e devolvia as dádivas mais preciosas. Os acepipes, que faziam as delícias dos gulosos, não o atraíam. Contentava-se com um punhado de arroz branco e meia medida de ervilhas secas. Sua vida de expiação era pautada por extrema abstinência e desprendimento. Cobria a nudez do corpo magro apenas com uma tanga. Tinha, além disso, se via obrigado a lavar e outra tanga que usava quando purificar a primeira.

Ora, esse virtuoso eremita das duas tangas, ouviu, certa vez, contar que vivia em Dakka, a cidade dos cento e sete templos, o douto Sindagg Nagor, filósofo de renome, que conhecia a Verdade.

— Vou procurar esse homem — refletiu o ermitão. — Quero conhecer a Verdade. Que pretendo, afinal, na... as ladeiradas estradas e encaminhou-se para a opulenta cidade de Dakka. Vestia, como sempre, a sua tanga amarelada e trazia no braço esquerdo, como troféu precioso, a outra tanga — direi assim — a tanga sobressalente.

Viandantes e peregrinos budistas que o avistavam, ao longo dos caminhos, paravam para saudá-lo. Acercavam-se dele e, respeitosos, de joelho em terra, solicitavam um conselho ou imploravam a bênção.

Chegou, finalmente, Timanak, o piedoso, à fervilhante capital. Indiferente aos homens que se acotovelavam pelas praças e aos ricos mercadores que cruzavam as ruas com seus utensílios e baixelas, procurou avistar o brâmane filósofo que desejava conhecer.

Que grande surpresa para o penitente de Girkka! O sábio, deslumbramento da fé budista, mestre entre os mestres, não residia numa choupana, nem se escondia entre pedras. Habitava, ao contrário, suntuoso palácio, junto a um lago em que se espanejavam soberbos cisnes brancos. Levado por um guia entrou o penitente na senhoril mansão. Pelo chão, que os pés mortificados de Timanak pisavam, estendiam-se tapetes riquíssimos; viam-se, pelos cantos, ou junto às colunas de mármore, jarros desbordantes de flores; oscilavam do teto, presos por correntes de prata, pesados candelabros de cristal. Tudo ali faiscava beleza e otimismo.

— Que desejas de mim, meu irmão? — indagou o sábio Sindagg Nagor acolhendo bondoso o desnudo visitante. — Em que poderei servir-te?

Falava com tranqüila segurança. Tinha a pele clara e era cheio, pesado, grisalho.

Esmagado pela pompa, ofuscado pelo luxo que o rodeava, sentiu-se o eremita confuso e perturbado. Dominou-se e disse com não pequeno embaraço, tentando um sorriso irônico:

— A fama do vosso incomparável saber chegou até a gruta obscura em que sempre vivi. Deliberei abandonar o meu refúgio e vim até aqui, desejoso de ouvir os vossos ensinamentos. Sinto-me, porém, constrangido. Como permanecer no meio de tanta riqueza? Aqueles que vivem em vossa companhia, e que residem neste magnífico palácio, envergam trajes soberbos, ao passo que eu resguardo a nudez de meu corpo, roído de chagas, com este pequeno retalho. Além da mísera tanga que visto tenho, apenas, esta outra tanga sobressalente que trago sobre o braço. Na seminudez em que vivo não posso inclinar-me entre os vossos discípulos, sem causar escândalo ou apisoar suscetibilidades.

— Estás profundamente equivocado, meu irmão — tornou o sábio, sem a menor ostentação e com a maior naturalidade. — Os trajes que cobrem o corpo não medem o valor do homem. A mim, na verdade, não me interessa saber se tens duas, três, vinte ou duzentas mil tangas. Que adianta ao homem vestir-se de sedas e ter a alma nua de virtudes e de predicados? Interessa-me, tão-somente, as roupagens do espírito e não os vestidos e bordados que cobrem a matéria. Não te preocupes, pois, com os trajes, nem com o luxo dos que te cercam. Cuida de cultivar a tua alma e enriquecê-la. Se queres permanecer neste palácio, aqui ficarás com toda a honra e deferência que mereces. Durante a tua estada conversaremos sobre os assuntos que mais te interessam. Limitado, bem limitado, é o meu saber, mais imenso e constante é o meu desejo de servir; tudo farei, portanto, em teu auxílio. Com os minguados dons de minha inteligência, tentarei esclarecer as tuas dúvidas e vencer as tuas inquietações e incertezas.

Sequioso por aprender a Verdade, aquiesceu o ermitão ao convite do sábio e passou a figurar entre os hóspedes de honra do grande palácio. Longas horas entretinha-se em palestras com o rico filósofo e desse brâmane ouvia notáveis e edificantes ensinamentos.

Uma tarde, ao lucilar das primeiras estrelas, como faziam, aliás, quase todos os dias, partiram os dois amigos — o guru e o filósofo — a passear por atraente bosque que perto verdejava. Deambulavam sossegados entre as árvores, por pequeno caminho de bom piso, quando os surpreendeu estranho ruído. Parecia um bando de elefantes, em marcha, esmagando os galhos secos sobre um tablado.

— Que seria?

A observação e a experiência levam os homens mais depressa à descoberta da Verdade do que as divagações incertas e as conjecturas vãs. Sugeriu, pois, o supersapiente hindu ao seu companheiro de Girkka:

— Indaguemos do que se trata. Algo de anormal ocorre na região que nos cerca.

Com passo normal e certo, sem mostras de impaciência, encaminharam-se para a estrada. E viram, com indefinível espanto, boquiabertos, um espetáculo pavoroso. Todo o vetusto palácio do eloqüente Sindagg era presa das chamas.

Colunas de fumo, levadas pelo vento, subiam negras para o céu, e o fogo, na sua faina destruidora, estorcia suas espirais vermelhas devorando, como um chacal faminto, a pomposa residência.

Sindagg Nagor, o filósofo, ao perceber a extensão da calamidade, não teve um gesto de revolta ou de desapontamento; cruzou serenamente os braços e olhou para o céu já avermelhado, não pelo crepúsculo, mas pelos clarões sinistros do incêndio. Dentro de alguns instantes todos os seus tesouros estariam reduzidos a cinzas, ruínas fumegantes e escombros disformes.

O eremita Timanak, porém, não imitou em quietude e sossego a atitude de seu mestre. Longe disso. Depois de dardejear, em redor, olhares aflitos, atirou-se ao chão e pôs-se a rolar como um demente e a praguejar como um pária, com toda a expansão de uma dor represada:

— Que desgraça, senhor! Que desgraça! Tudo perdido!

E lamentava entre uivos e imprecações:

— Tudo perdido!

Ao presenciar o desespero do discípulo, o venerável Sindagg acudiu-o solícito e procurou erguê-lo do chão. Segurou-o pelo braço e proferiu com desusada energia:

— Domina-te, meu irmão, domina-te! "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho de Deus permanecerá!" Não te preocupes com o desastre. Errado procede aquele que se aflige e sofre diante do irremediável. Recebe com serenidade os decretos inapeláveis do Destino. O palácio, que ali vês, presa das chamas, é meu; todas as riquezas — tapetes, alfaias, móveis e jóias — que nele se achavam, eram de minha exclusiva propriedade. E, como vês, estou absolutamente calmo e indiferente; a perda dos bens materiais não chega sequer a perturbar, de leve, a serenidade de meu espírito!

A tais palavras retorquiu, com exasperação e sinistra rudeza, o guru de Girkka:

— Que me importa a mim o vosso palácio? Não me interessam tampouco as vossas alfaias ridículas e os vossos inúteis tapetes. Que leve tudo o fogo o mais depressa possível!

— E por que te mostras, assim, tão apoquentado? — estranhou, bondoso, o filósofo. — Não vejo, então, motivo para o teu desespero!

— A minha tanga! — deplorou, entre soluços, o Santo em novo assomo de ira. — A minha tanga sobressalente! Esqueci-me de trazê-la, hoje, quando saí a passeio. Perdi a minha tanga no incêndio!

E desatou em pranto, batendo, sem cessar, com a cabeça no chão. Para a dor que o afligia não havia lenitivo no mundo. O infeliz perdera a sua tanga sobressalente!...

Calou-se Krishnamurti, o mestre admirável. O rapaz da túnica andrajosa ergueu-se. E sem proferir palavra, retirou-se da larga varanda.

O Sol, tocando de leve a linha do horizonte, espargia pelo céu, tão martelado de nuvens, as cores avermelhadas do crepúsculo interessam tampouco as vossas alfaias ridículas e os vossos inúteis tapetes! Que leve tudo o fogo o mais depressa possível!

A FANTASIA DO CHEIQUE

A mulher louca é alvoroçadora, é leviana, e não avalia o mal que pratica.
David, 9,13.

À muito passava da meia-noite. A originalíssima noitada carnavalesca promovida pelo rico e nobre James Dudeney transcorria com um brilho incomparável. Nos quatro salões do palácio, luxuosamente ornamentado, reinava uma atmosfera de estonteante alegria e rara beleza. As orquestras vibravam sem cessar as saltitantes músicas americanas. De quando em vez eu sentia sob os pés, ao caminhar, um verdadeiro tapete de confetes e serpentinas.

As fantasias mais custosas e mais exóticas desfilavam diante de meus olhos deslumbrados. Príncipes, rajás magníficos, duquesas com adereços de brilhantes e damas medievais (com seus chapéus vermelhos guarnecidos a ouro) faziam curioso contraste com piratas, espanholas, ciganas (com remendos em requinte de pura seda), camponesas turcas, gladiadores romanos e chinesas. Havia ali figuras que evocavam todas as épocas da História e lembravam todos os climas do mundo.

Uma jovem, em esplêndida fantasia de Cleópatra, (1) acercou-se de mim. Trazia os cabelos negros presos por uma... vestido eram listradas. Sob a gola, também listrada, de sua blusa, rebrilhavam fios de pérolas. Pompeava brincos de fantasia e pulseiras largas de ouro e esmalte. Fazia-se acompanhar, num requinte de luxo, por uma "escrava" de rosto bronzeado que agitava um grande leque de plumas brancas.

— Não danças? — perguntou-me entreabrindo os lábios num sorriso encantador.

E acrescentou logo em tom brejeiro:

— Há pouco tive a impressão de que fugias de mim.

— Receio o ciúme de César! (2) respondi, tentando um galanteio de sabor histórico.

— Ora, ora — replicou amável, com seu belo e claro sorriso. — Pelo que vejo estás esquecido das glórias de teu povo. Os árabes, sempre audaciosos e invencíveis, conquistaram e dominaram o Egito.

— Sim — concordei sem hesitar. — Bem sei que os árabes conquistaram o Egito. Mas essa incrível proeza só foi possível num século em que a irresistível Cleópatra não se achava mais no trono. Diante da Graça e da Beleza os árabes não vencem. São vencidos!

Aquele inofensivo diálogo com a Rainha do Nilo foi interrompido com a súbita chegada do pecunioso James Dudeney, dono da casa. Ostentava modelar fantasia de Hamlet. A presença do milionário fez com que a sedutora Cleópatra se afastasse, seguida de sua não menos sedutora "escrava".

(1) Cleópatra — Rainha do Egito.

(2) César — Ditador romano. Refere-se, certamente, a Ptolomeu, que conquistou o Egito, apaixonado de Cleópatra.

— Preciso de teu auxílio, meu amigo — disse-me Dudeney em voz baixa, com ar preocupado. — Tenho a impressão de que se acha, em nosso baile de hoje, um convidado indesejável. Estou na dúvida. Não sei como agir no caso.

O respeitoso cheique, cujo rosto a máscara preta velava, aproximara-se vagaroso e ficara imóvel...

— Aponta-me o folião sobre o qual recaíram as flechas de tuas suspeitas — retorqui.

— É o cheique (3) da faixa azul!

Eu já havia, realmente, atentado na figura soberba e distinta daquele cavalheiro que se exhibia, entre os convivas de Dudeney, sob o disfarce de impecáveis trajes orientais. Duas ou três vezes, inspirado pela voz de meu sangue, levava as lentes da minha atenção, sobre o pseudo-muçulmano.

— Ali está ele — acudiu Dudeney, já impaciente, meio nervoso. — Repara!

O suspeito cheique, cujo rosto a máscara preta velava, aproximava-se vagaroso e ficara imóvel, ao lado de um grande espelho, os braços cruzados, numa atitude discreta e nobre. Um albornoz de seda clara repousava-lhe comodamente sobre os ombros fortes. Cobria-lhe a cabeça belo kafié (4) branco com listras azuis, preso na altura da testa, por finíssimo agal trançado de ouro e prata. Apertava-lhe a cintura uma faixa azul de onde pendia riquíssima espada toda cravejada de marfim.

— Sinto-me indeciso — tornou Dudeney. — Não sei o que deva fazer. Aquele homem tem um ar misterioso. Pretende passar por um árabe autêntico, pois na lista dos convidados é indicado por um nome tipicamente islamita. Repara, meu caro Hank. O nosso hóspede não conversa (só fala o árabe); não bebe; não dança; caminha de um lado para outro observando com cuidado especial as damas mais formosas. A presença de um aventureiro iria empanar o brilho desta festa. O cheique da faixa azul será um árabe de verdade?

— Ser ou não ser, meu caro Hamlet (5) — respondi parodiando Shakespeare — ser ou não ser! Vou apurar a Verdade e deslindar todo esse mistério.

Acerquei-me do cheique, saudei-o muito amável e disse-lhe em puro idioma árabe:

— Hal lazem latk cha'y? (Deseja alguma coisa.) Respondeu-me em tom delicado com um sorriso fino, exprimindo-se com absoluta correção:

— Mannouin! Ma lazem li chay (Obrigado! Nada desejo no momento.)

Convidei-o cordialmente a ir comigo até a biblioteca.

Ficamos sós e o cheique, num gesto de apurada elegância, arrancou da máscara que lhe cobria o rosto. Notei que se tratava de um homem relativamente moço e simpático. E, sem mais preâmbulos, assim falou:

(3) Cheique — Homem de prestígio; chefe.

(4) Kafié — Peça de vestuário.

(5) Frase famosa que aparece na tragédia Hamlet, de Shakespeare.

— Percebi que a minha presença nesta reunião carnavalesca despertou suspeita em Mr. Dudeney. E com toda a razão. No meio da brilhante sociedade que aqui se recebe, sob este acolhedor palácio, sou eu o único (digo-o com certa vaidade) que não se acha fantasiado.

— Como assim?

— Nada mais claro. Estes trajes com que me apresento diante dos convivas de Mr. Dudeney são aqueles que eu costumo vestir, nos dias de gala, quando em minha tenda, para além de Dareyn, (6) recebo os cheiques amigos para festejar o aniversário do Profeta ou o término do Ramadã. A roupa que ostento não é, pois, uma fantasia como julgam. É uma realidade.

— O senhor é, então, um cheique de verdade?

— Sim, homem. O meu nome é Hassan el-Bourini Ibn-Taufiq, tenho propriedades até em Tell Abou Jezid, onde as tâmaras são menos abundantes do que as lenhas.

Interroguei-o mais uma vez com intransitiva curiosidade:

— E veio a esta festa especialmente para admirar a alta sociedade de Londres?

— De forma alguma — discordou, em tom muito grave, o cheique. — A minha presença nesta encantadora reunião tem um fim todo especial, um objetivo bem estranho: Descobrir o paradeiro de uma jóia roubada. Cabe-me, neste baile, entre serpentinas e canções brejeiras, realizar uma tarefa de caráter rigorosamente policial.

A intempestiva declaração do cheique caiu sobre mim como uma bola de ferro sobre um copo de cristal. Sentia-me despedaçado. Observei muito sério:

— Sou amigo íntimo de Mr. James Dudeney. Peço-lhe, portanto, meu caro cheique Hassan el-Bourini Ibn-Taufiq, que esclareça todos os pontos obscuros desse mistério. Asseguro-lhe, sob palavra, que se a justiça do caso estiver a seu lado o senhor terá completo apoio neste palácio. A jóia roubada será apreendida e o criminoso entregue à Polícia.

Depois de acender lentamente o seu cigarro, o cheique, ao cabo de breve pausa, narrou-me o seguinte:

— Quando cheguei a esta capital, vindo de Damasco, fui apresentado a uma certa Sra. Hopkins, esposa de opulento industrial de Manchester. Vendi a essa senhora, por solicitação de um joalheiro sírio, precioso colar de pérolas no valor de mil e quinhentas libras. Recebi anteontem chamado urgente da Sra. Hopkins. Fui procurá-la e encontrei-a enferma em consequência de um abalo cardíaco.

Contou-me a boa senhora que o colar (por mim vendido duas semanas antes) havia sido roubado. Perguntei-lhe se havia levado o caso ao conhecimento das autoridades.

(6) Dareyn — Pequena povoação, na Síria.

"Nada fiz nesse sentido — respondeu-me. — Meu marido, por motivos políticos, quer evitar o escândalo. O colar foi roubado a uma de minhas filhas." E a Sra. Hopkins inquiriu-me aflita: — "O senhor seria capaz de reconhecer o colar roubado?" Declarei que poderia apontá-lo no meio de mil. Aquelas pérolas, de um colorido especial, azul-poente, eram inconfundíveis. Eu as tivera em minhas mãos durante mais de dez anos! — Pois bem — tornou a Sra. Hopkins. — Tenho certeza de que a pessoa (autora do furto) irá ao baile, no palácio de Mr. Dudeney, com o "meu" colar. Já fiz com que todas as pessoas de minhas relações fossem avisadas de que me encontro impossibilitada de sair. Obtereí para o senhor um convite para essa reunião. É um grande favor que lhe peço. Compareça fantasiado a essa festa e investigue; observe tudo. O "meu" colar estará presente e será facilmente encontrado!

O cheique fez ligeira pausa e logo retomou o fio da narrativa:

— Aqui vim, portanto, em atenção ao pedido da Sra. Hopkins. Longa e cuidadosa foi a investigação a que procedi. A principio temi fracassar. Revestido de muita força de ânimo não me deixei envolver pela onda desta perdulária alegria. Aproximava-me das damas não para admirar a beleza dos olhos, a alvura dos braços bem torneados, mas sim para apurar a legitimidade dos colares e certificar-me do colorido das pérolas.

— E consegui descobrir o colar da Sra. Hopkins? — indaguei num ímpeto.

— Sim — confirmou serenamente o cheique. — Já o encontrei. Enfeita o gracioso pescoço de uma das jovens mais bem fantasiadas...

— A bela Cleópatra?

— De forma alguma. Essa "egípcia" formosa apresenta-se com três colares, é verdade, mas todos três mais falsos do que os antigos deuses dos Faraós. Certifiquei-me de que o colar da Sra. Hopkins está com uma graciosa princesa hindu...

— A princesa do turbante cor-de-rosa?

— Precisamente. Deve ser esposa de riquíssimo marajá (7) pois carrega na testa uma estrela de rubis do Oriente.

A situação devia ser enfrentada com a maior serenidade. A dama (a princesa hindu, do turbante cor-de-rosa), acusada tão gravemente pelo cheique, era a própria esposa de meu amigo James Dudeney, o dono da festa. Disse, pois, um tanto desconcertado, ao cheique Hassan Ibn-Taufiq:

— Esse caso será esclarecido. Precisamos, porém, agir com a máxima delicadeza. Se a sua denúncia tiver o cunho da verdade, o colar será apreendido e, dentro de vinte e quatro horas, restituído à sua dona legítima. Peço-lhe mil desculpas.

Redargui o cheique:

— Diante da sua declaração nada mais tenho a dizer. Dou por finda a minha espinhosa missão nesta casa tão alegre e acolhedora. Vou partir imediatamente. Queira apresentar a Mrs. e Mr. Dudeney as minhas homenagens e os meus agradecimentos. Uassalã! (8)

(7) Marajá — Príncipe indiano.

(8) Uassalã! — uma forma de despedida usada pelos árabes.

Conduzi o ilustre cheique até a porta do palácio e observei, ainda, quando ele tomou o carro que o devia levar até o hotel.

Ao voltar esbarrei, na escada, com o animadíssimo Dudeney.

— E então? — interrogou-me tomando-me pelo braço. — Que pretendia o cheique?

— Nada — respondi, improvisando uma mentira qualquer. — Um sonhador! Queria descobrir aqui, no meio dos nossos convidados, uma odalisca que ele conhecera, casualmente, no palácio do sultão em Istambul!

Dudeney argumentou agitando os punhos:

— Logo vi! Uma fantasia de cheique!

No dia seguinte o colar foi entregue à sra. Hopkins e a verdade do caso, até hoje, ficou em segredo.

O nobre e generoso Dudeney, na sua boa-fé, de nada desconfiou. Evitei que ele tivesse insanável desgosto ao saber do roubo do colar. Jamais poderia pairar sobre o meu bom amigo a menor sombra do ato delituoso.

Que culpa pode, realmente, cair sobre um homem digno e honrado que casa com uma jovem cleptomaniaca?

As palavras do sábio encerram a grande verdade:

— A mulher louca é alvoroçada, é leviana, e não avalia o mal que pratica.

O DOMADOR DE ELEFANTES

Evita o iracundo; afasta-te do homem

Salomão, Provérbios, 22,24.

NA décima quinta página do livro Yu-King, poderás ler, ó Irmão dos Árabes!, (1) a singular aventura ocorrida na Índia, com um domador de elefantes.

Vamos traduzi-la, com a maior fidelidade, seguindo, nas linhas e pensamento do velho sacerdote budista que a escreveu.

No antigo paix (2) de Carvásti, para além do Ganges, o rá (3) Lauit anunciou ao povo que precisava, com certa urgência, de um domador de elefantes. Apresentou-se um homem, chamado Sougraha, que se dizia perito nesse perigoso ofício.

— Conheço, ó Rei! — declarou Sougraha — três maneiras seguras por meio das quais será fácil domesticar um elefante. A primeira é pelas argolas de prata...

— Está bem — acudiu secamente o monarca. — Aceito a tua oferta. Poderás amanhã, depois da prece, iniciar o teu trabalho. O elefante bravio, de minha predileção, será trazido para o pátio. Terás, no fim, uma boa recompensa.

(1) Forma carinhosa com que os árabes se dirigem aos seus companheiros.

(2) Paix — Pequeno domínio.

(3) Rá — Rei. Senhor.

Momentos depois, ao deixar o palácio, o vaidoso Sougraha passou ao lado de um grupo de servos e um destes proferiu um gracejo qualquer. Não se conteve o domador... avançou impetuoso, colérico, contra o jovem e feriu-o gravemente.

Preso pelos guardas foi o agressor conduzido à presença do rei.

— Que foi isso, meu amigo? — interpelou, muito sério, o monarca. — Que se passou, afinal?

— Senhor — respondeu Sougraha, com tremores na voz. — Não poderei ocultar a verdade. Ao sair deste palácio, depois da audiência, cruzei, na escada, com um grupo de servos. Um destes dirigiu-me uma pilhéria. Não me contive. Avancei, de golpe, contra o gaiato e castiguei-o com extrema violência. Foi tudo, confesso, obra irrefletida do impulso de um momento.

Ponderou, então, o rei, serenamente, com intencional frieza:

— Como pretendes, ó Sougraha!, domesticar um elefante bravio, se não és capaz de conter a fera odienta que vive dentro de ti? Aprende, primeiro, meu amigo, a dominar os teus impulsos, o teu gênio, a tua cólera.

E, numa decisão irrevogável, concluiu:

— Retira-te! Não mais me interessa a tua colaboração. Educa-te primeiro, para que possas, depois, educar.

A LENDA DO LAGO DE SZIRA

Das profundezas a ti clamo, ó Senhor!

David, Salmos, 130,1.

NAS imensas planícies geladas da Sibéria, muitas léguas distante da pitoresca Korelinsk, existe um lago — Szira-Kul — reservatório imenso de águas salgadas, no fundo do qual o Prof. Iezhov, geólogo russo, descobriu as ruínas de antiquíssima cidade.

Como explicar a existência daqueles palácios e templos sepultados nas profundezas do lago de Szira?

Interessante e sugestiva lenda tártara explica a origem das misteriosas ruínas que dormem sob o tranqüilo lençol das águas do famoso lago siberiano.

Ouçamos a curiosa fantasia.

Reza a lenda que no vale estreito, que as águas do Szira cobrem atualmente, existia, outrora, próspera e rica cidade habitada pelos tártaros Ouigur — povo guerreiro que chegou a dominar grande parte da Ásia Central. Em suntuoso templo dessa rica metrópole, encontrava-se, sob grande laje, sepultado o corpo de Almagor, o último rei Ouigur.

Quis o destino que os mongóis de Gêngis-Can invadissem os domínios de Almagor. Atacada pelo poderoso inimigo, a cidade foi facilmente vencida e saqueada. Os bárbaros conquistadores massacraram os homens e escravizaram as mulheres.

No dia em que a cidade caiu em poder dos mongóis rompeu-se, como por encanto, a pedra que cobria o túmulo do rei Almagor. A sombra imponente desse monarca surgiu e fez-se ouvir, lúgubre, impressionante a sua voz:

— Chorai, ó mulheres tártaras! Chorai lágrimas salgadas de aflição e desespero! Chegou o último dia do povo Ouigur!

Sensibilizadas com as palavras do rei tão querido, que o amor à Pátria fizera erguer da tumba, as mulheres puseram-se a chorar. E prantearam suas amarguras, dia e noite, sem descanso. Ordenaram os vencedores que elas dessem fim àquelas lamentações aflitivas. As mulheres de Ouigur, porém, não atenderam à intimação dos tiranos e continuaram com seus gemidos e soluços. Era ordem do rei Almagor e que faziam elas senão obedecer ao rei?

Os guerreiros de Gêngis-Can, exasperados com aquelas lamúrias intermináveis e impelidos por indominável furor sanguinário, degolaram, sem piedade, todas as prisioneiras. As infelizes escravas, porém, mesmo depois de mortas, continuaram a chorar incessantemente, e as suas lágrimas ardentes e abundantes, em gotas e gotas sem fim, formaram caudalosa corrente. Esse rio de prantos invadiu o vale submergindo jardins, palácios e mesquitas luxuosas.

Surgiu, assim, formado pelas lágrimas das inditosas esposas tártaras, o lago de Szira, em cujo seio dorme, para sempre, a cidade de Almagor.

E ainda hoje (afirmam os menos incrédulos) o viajante que se aproxima, no silêncio da noite, das margens do famoso lago, ouve o eco de estranho clamor, longínquo e misterioso, que se perde pelas estepes geladas. É a voz do rei Almagor no seu último e desesperado apelo:

— Chorai! ó mulheres tártaras! Chorai!

Ao geólogo (asseguram os sábios pesquisadores) ao geólogo é mais fácil, talvez, acreditar nessa lenda, do que descobrir, dentro dos ditames, postulados e princípios da Ciência, uma hipótese capaz de explicar a origem daquelas ruínas misteriosas, que repousam no fundo de um lago gelado em meio da planície siberiana.

O "T" EM ÁRABE E OS TRÊS BEDUÍNOS

O seu falar é tão suave que abre todos os caminhos do meu coração.
El-Rozali

SILÊNCIO profundo se fez, naquele instante — aquele silêncio de quarto escuro que os árabes denominam "sokout". O Professor Wadi Bechalani entrou, pela porta lateral, cumprimentou risonho os alunos — (Naharak said! Naharak said! Bom dia! Bom Dia!) e subiu, de maneira lenta e grave, para o estrado. Da pequena caixa de papelão, aberta sobre a Mesa, escolheu com religioso cuidado um pedacinho de giz e (como fazia, aliás invariavelmente todos os dias) aproximou-se do quadro-negro.

— A nossa aula de hoje — começou o insigne ulemá, em tom de simpatia. — A nossa aula de hoje, que é a sexta lição deste curso, terá por tema um assunto de palpitante interesse para os estudiosos: O "T" em árabe.

E segurando o giz com a ponta dos dedos escreveu, com letra bem torneada, no alto do quadro:

O "T" EM ÁRABE

Nesse momento o rapaz de olhos claros, que estava a meu lado, disse em voz baixa, quase inaudível, para a colega que ocupava o banco da frente:

— Mas afinal, Zaíde, queres, ou não, ouvir a lenda dos três beduínos?

— Sim, querido — respondeu a jovem, de cabeça baixa, num sussurro leve, disfarçando a desatenção ao mestre com a imobilidade do rosto.

Era morena, bem morena, tinha os cabelos negros ajeitados na nuca e usava brincos modernos, azuis, de fantasia. Pareceu-me graciosa, encantadora.

Já nessa altura da lição o Prof. Bachalani discorria em voz alta, pausada, numa atitude doutoral:

— Observem, meus bons amigos, observem com atenção o tê em árabe. Em nosso rico e belo idioma essa letra tem dois feitios. Duas formas bem distintas. Eis um exemplo: O tê que aparece no final de tauilat (mesa) não tem o mesmo aspecto do tê recurvado que vemos também no final do vocábulo bait (casa). O tê que completa tauilat é um; o tê que arremata bait é outro.

O rapaz dos olhos claros (sem se preocupar com as modalidades do tê em árabe) falava em surdina com a moreninha. E eu, mesmo sem querer, ouvia e percebia tudo. Como é dispersiva e desordenada a atenção dos estudantes! Murmurava o colega para a jovem da frente:

— Vou contar, Zaíde. Vou contar. Três beduínos jornadeavam por uma estrada. E já se sentiam fatigados, torturados pelo Sol, castigados pelo vento, quando avistaram, junto de pequeno oásis, uma casa em ruínas. Rojos de fumo negros erguiam-se para o céu. Compreenderam os viajantes que, momentos antes, violento e repentino incêndio havia destruído aquela habitação. Desceram os beduínos de seus camelos e aproximaram-se dos escombros fumegantes. Os moradores, ou melhor, os donos da casa e os servos haviam perecido no incêndio, viram os beduínos, com assombro, que apenas...

Depois de traçar na pedra os exemplos citados, o Dr. Bechalani prosseguiu em tom recitativo:

— O tê de bait, como vocês podem ver, é formado por um traço arredondado nas extremidades: é, por isso, denominado tê-longo. Prestem bem atenção: este é o tê-longo. O tê que aparece na grafia de tauilat é representado, na escrita corrente, por pequena haste recurvada, em forma de laço: é o tê-curto. Paralisou, correndo o olhar pelos alunos.

— Eis aqui o tê-curto! Eis ali o tê-longo!

E enquanto o erudito poliglota esclarecia aquela palpitante questão do tê-longo e do tê-curto, o meu vizinho de banco insistia em tagarelar com a moreninha graciosa. E eu ouvia, contra a minha vontade, aquela conversa importuna e perturbadora. Eis o que contava o estudante desatento:

— Viram os beduínos, com assombro, que apenas três coisas haviam escapado das chamas e da destruição. Três coisas: um garotinho, um camelo e uma bolsa com jóias e dinheiro. O drama, ali ocorrido, podia ser facilmente reconstituído. O dono da casa, ao perceber o perigo, havia levado para o terreiro, fora do alcance do fogo, o seu filhinho e a valiosa bolsa; voltara, depois, para salvar alguém (a esposa, quem sabe?) e foi morrer tragicamente sob as ruínas de seu lar! Que fizeram os três beduínos diante daquele quadro tão trágico?

Procurei alhear-me daquele impertinente tagarela, e concentrei toda a minha atenção nas sábias e eloqüentes palavras do Prof. Bachalani. Com admirável clareza o mestre ensinava:

— Vejamos como se apresentam, em árabe, essas duas modalidades do tê. No início das palavras, e também do meio, só se emprega o tê-longo. Citemos alguns exemplos: telefonn (telefone); tammrin (exército); tal-miz (aluno); Kitab (livro); tarifat (tarifa). Vejamos uma curiosidade: o tê-longo que encontramos na palavra Katafa (escolher).

A moreninha voltou ligeiramente o rosto para o namorado (sim, o estudante dos olhos claros devia ser o apaixonado dela) e indagou, com um arzinho beato, num fiozinho tênue de voz, com redobrada ternura, sem aguçar a frase:

— Que fizeram, querido, que fizeram os três beduínos?

Inclinando o busto sobre a carteira, e falando sempre baixinho, o rapaz retomou o fio da narrativa, com seu medíocre fraseado:

— Seria crueldade deixar, naquela região deserta e agreste, entre as ruínas do incêndio, o pequenino que a fatalidade privara de amparo e proteção. Outra dúvida: A qual deles deveria caber a bolsa das jóias? Quem levaria o belo camelo de boa raça, sem dono, ali abandonado? Para evitar brigas e desavenças resolveram tirar a sorte. Um dos beduínos trazia consigo dois dados. A sorte foi entregue aos azares do jogo. Aquele que tirasse, nos dados, o número maior seria o primeiro a escolher. E o vencedor teria que definir sua preferência por uma das três coisas: ou a bolsa, ou o menino, ou o camelo!

— Que idade tinha o garotinho?

— Quatro anos, talvez. E chorava aflito, sem parar...

— Pobrezinho!...

Com os óculos de ouro a rebrilhar, o Prof. Bachalani, caminhando de um lado para o outro, absorvia a atenção do numeroso auditório. Os seus ensinamentos eram firmes e seguros como se fossem esculpidos no bronze.

Prendia-nos, mais do que tudo, o entusiasmo que soava em sua voz:

— O tê-curto, meus caros amigos, é empregado no final das palavras femininas. Assim, por exemplo a palavra chammát (vela) termina com tê-curto; o mesmo ocorre com a bela palavra tauilat (mesa). Há, porém, uma regra geral que todos devem conhecer e fixar: o tê-longo é empregado em certos verbos para indicar o sujeito. Citemos o verbo ákala (comer) que nos oferece a forma al-kálat cuja tradução é a seguinte: Ela comeu!

Sim, sim professor! Muito bem! Mas a minha situação, naquela aula, era delicada. O rapaz, leviano, a meu lado, continuava a falar perturbando-me na minha aplicação ao estudo. Para não parecer grosseiro, ou pouco educado, eu fingia que não o ouvia. Eis o que ele narrava para a linda moreninha dos brincos azuis:

— A sorte favoreceu o beduíno chamado Sayad. Era, aliás, o mais velho dos três. Olhou Sayad para a bolsa, onde rebrilhavam dinares de ouro; observou o camelo que devia valer bom dinheiro e fitou com bondade e encantamento o garotinho. Depois de meditar, um ou dois minutos, declarou o beduíno Sayad, numa decisão inabalável: — "Meus amigos, resolvi escolher..."

O Prof. Bechalani, agora junto ao quadro-negro, discorria com entusiasmo, arrebatado pela beleza do assunto:

— Na linguagem falada o tê curto quase nunca se pronuncia, ou melhor, não exerce o papel de tê. Assinalamos, em muitas palavras, importante modificação fonética. O tê desaparece transmutando-se em iê ou mesmo em alef. Tal o caso da palavra chotmmát (vela) que pronunciámos — chotmmáa. Aqui está o tê final transformado em alef. Outro exemplo. Todo mundo escreve taitat; fala-se, porém, tatuili...

Voltei-me, precisamente nesse instante, para o colega conversador. Esquecido da aula continuava ele, muito jovial, a relatar para a namorada a tal aventura dos três beduínos:

— E, afinal, Zaíde, como contei, cada beduíno fez a sua escolha. Um levou o camelo; optou o segundo pela bolsa e coube ao terceiro o garotinho órfão que choramingava. E Sayad, o mais prudente e o mais judicioso dos três, sugeriu o seguinte: — "Dentro de poucas horas, tomaremos rumos diferentes pelos caminhos de Allah. Cada um de nós vai seguir a sua sorte levando, desta bela jornada, uma dádiva do Destino. É provável que as nossas vidas, em consequência das escolhas que fazemos, sofram perturbações imprevisíveis e vira-voltas incalculáveis. Pois bem, meus amigos, façamos um pacto: Dentro de vinte anos, contados dia a dia, voltaremos todos três a este mesmo sítio. E cada um de nós dirá aos outros dois o que lucrou, ou o que perdeu, com a escolha feita, se a vida transmutou, ou não, depois deste dia. Será interessante lançar esta insolente chicotada ao Futuro: Que surpresa reserva o Destino? A sorte, a boa sorte, premiará aquele que acolheu o menino, ou cobrirá de benefícios o companheiro que preferiu o camelo? A bolsa trará plena felicidade para o seu novo dono?"

Inclinando o rosto gracioso para trás a jovem indagou, num murmúrio com afetada meiguice:

— Os três beduínos se reuniram? Cumpriram a promessa?

Acudiu logo o galanteador:

— Sim, querida, reuniram-se vinte anos depois naquele mesmo local e no dia combinado. E verificaram ter ocorrido algo de espantoso, incrível...

Percebi, nesse momento, que o Dr. Wadi Bechalani concluía a magnífica e impecável lição sobre o tê em árabe. Deixou cair dentro da caixa (como fazia, aliás, todos os dias) o pedacinho de giz, tomou nas mãos a lista da classe e preparou-se para iniciar os exercícios orais. Passeou com os olhos, de alto abaixo, a relação dos alunos e chamou um deles ao acaso:

— Hamid Karã Jafet! Todas as atenções convergiram para o rapaz conversador que se achava ao meu lado. Como é caprichoso o Destino! Exatamente, aquele estouvado, que não ouvira uma palavra da lição e que estivera, todo o tempo, a derreter-se com a moreninha, era chamado para a arguição de rotina no quadro-negro.

Hamid Karã Jafet ergueu-se, meio contrariado, e encaminhou-se, com a tranqüila resignação de jovem disciplinado, para a mesa do professor. Notei-lhe na testa uma ruga em forma de tê longo. Era a ruga do mau humor!

— Meu caro Jafet — disse-lhe, bondoso, o Dr. Bechalani, ajeitando os óculos. — Vamos fazer alguns exercícios de recapitulação. Escreva aí, no quadro, as seguintes palavras que vou ditar: latim (órfão); chafaca (bondade); saada (servir); an-ustotobal (futuro); Yazá (recompensa). (*)

Passou na sala um breve silêncio.

Tive ímpetos de me levantar e dirigir, com escândalo, para toda a classe, um apelo veemente ao nosso querido professor de árabe:

— Ora, professor, por que chamou esse aluno? Dispensa-o, por hoje, da arguição no quadro! Dispense-o, por favor! Eu preciso ouvir o emocionante desfecho da história dos beduínos no deserto! Por favor, Dr. Bechalani, por favor!

Faltou-me, infelizmente, a necessária temeridade para essa atitude que os homens de sentimento justificariam e que o bom e paciente professor saberia, certamente, perdoar. Eis a deplorável consequência de minha intransitiva timidez.

Conheço o problema do tê em árabe. Sei distinguir, perfeitamente, um tê longo de um tê curto. Sou capaz de citar os casos em que o tê é escrito, mas não é falado.

Mas (pouca sorte a minha) até hoje ignoro como terminou aquela trágica e singular aventura dos três beduínos pelos caminhos de Allah!

(*) Observe o leitor que por incrível coincidência todas as palavras, apontadas como exemplo, estão relacionadas com o desfecho da lenda interrompida.

O PROBLEMA DOS DEZ MIL DINARES

— Beleza! O teu nome é Simplicidade, é Lealdade, é Amor!
Abdul Latif (1161-1231)

SEGUNDO uma lenda muito antiga — que eu li, já não me lembro mais onde — o célebre Califa Al-Motassim Billah, rei dos árabes, chamou certa manhã o astucioso Sabag, seu vizir-tesoureiro e disse-lhe em tom grave, como se ditasse uma sentença irrevogável:

— Dentro de poucas horas, meu caro vizir, receberei a visita do jovem Beremis Samir, apelidado "o Homem que Calculava". Não ignoras, certamente, que o talentoso Beremis tem deslumbrado esta nossa gloriosa Bagdá com inequívocas revelações de seu incomparável engenho e de sua agudíssima inteligência. Os enigmas mais intrincados, os cálculos mais difíceis são, pelo exímio matemático, explicados e resolvidos em rápidos momentos. É meu desejo presentear o ilustre Beremis com a quantia de mil dinares. Gostaria, entretanto, de experimentar, também, a tão elogiada argúcia do calculista propondo-lhe, durante a nossa entrevista, um problema (relacionado, de certo modo, com o prêmio de mil dinares), problema esse que deixasse o nosso visitante encantado, verdade, mas também perplexo e confuso.

O vizir Sabag (conta-nos, ainda, a tal lenda antiga) não era homem que se deixasse entibiar diante dos caprichos e fantasias do poderoso emir. Depois de ouvir, cabisbaixo e pensativo, as palavras do rei, ergueu, resolutamente, o rosto bronzeado, fitou serenamente o glorioso califa e assim falou:

— Escuto e obedeço, ó Príncipe dos Crentes! Pelo tom de vossas palavras adivinho, perfeitamente, o rumo seguido pela caravana de vossas intenções. É vosso desejo premiar um sábio geômetra com valiosa quantia. Ressalta, dessa intenção, a generosidade sem par de vosso coração; Quereis, entretanto, que este prêmio seja exornado com um problema original e inédito, capaz de surpreender o mais engenhoso dos matemáticos e de encantar o mais delicado dos filósofos. Essa lembrança põe em relevo a elegância de vossas atitudes, pois o visitante, ao ser argüido, diante da corte, poderá, mais uma vez, demonstrar a pujança de seu engenho e o poderio de sua cultura.

Proferidas tais palavras retirou-se o vizir para a sua sala de trabalho e, decorrido algum tempo, voltou à presença do rei precedido de dois escravos núbios que conduziam pesada bandeja de prata. Repousavam sobre a bandeja dez caixas de madeira, todas do mesmo tamanho, numeradas de um até dez.

Não pequeno foi o espanto do califa de Bagdá ao ver aquele singular aparato. Qual seria a razão de ser daquelas caixas numeradas de um até dez? Que mistério, no domínio das contas e dos cálculos, poderiam elas envolver?

Cheiques e nobres, que se achavam entreolhavam-se espantados. Cabia ao honrado Sabag, ministro da corte, explicar o porque daquela estranha preparação. Ouçamos, pois, o relato feito pelo digno vizir:

— Cada uma dessas caixas contém um certo número de moedas. O total contido nas caixas é, exatamente, mil dinares, prêmio que será oferecido ao calculista. As caixas, como podeis observar, estão numeradas de um até dez, e

dispostas segundo o número de moedas que cada uma contém. Para esse arranjo das caixas adotei a ordem crescente. Assim, a caixa designada pelo número um encerra o menor número de moedas; vêm, depois, a que é indicada pelo número dois; a seguir aparece a de número três e, assim por diante, até a última, isto é, a décima, que encerra o maior número de moedas. Para evitar qualquer dúvida direi, desde logo, que não é possível encontrar duas caixas com o mesmo número de moedas.

Nessa altura da história (reza a tal lenda muito antiga), o rei, seriamente intrigado, interpelou o vizir:

— Não percebo, é eloqüente Sabag!, que problema seria possível formular com esses mil dinares distribuídos por dez caixinhas. Por Allah! Não percebo!

O vizir Sabag, quando moço, fora professor primário e havia aprendido, diante das classes, a ensinar os iletrados, a esclarecer as dúvidas dos menos atilados e a dirimir as questões sugeridas pelos mais espertos. Firmemente resolvido a elucidar o glorioso soberano, o velho mestre-escola, assim falou:

— Cumpre-me dizer, ó Rei do Tempo!, que os mil dinares não foram distribuídos ao acaso pelas dez caixas. Cada caixa encerra uma certa porção de moedas. São, ao todo, portanto, dez porções que totalizam mil dinares: — Com os mil dinares, distribuídos pelas dez caixas, podemos fazer qualquer pagamento desde dinar até mil dinares, sem precisar abrir nenhuma caixa, ou tocar em moeda alguma. Basta separar, da coleção que se acha sobre a bandeja, uma, duas, três, quatro ou mais caixas e será obtido o total desejado.

— Iallah! É curioso! — comentou maravilhado o emir. — Segundo posso inferir de tua explicação, o arranjo dos mil dinares, distribuídos pelas dez caixas, permite que se possa retirar do total a quantia que se quiser (desde um até mil) sem violar nenhuma das caixas, sem remover moeda alguma?

— É isso mesmo! — confirmou pressuroso o vizir.

Digamos que fosse vosso desejo retirar, por exemplo, do total a quantia de 517 dinares. Nada mais simples. No grupo das dez caixas há algumas cujas porções nelas contidas perfazem a soma de 517. Consistirá, portanto, a dificuldade do problema, para cada caso, em determinar as caixas que devem ser separadas a fim de que se obtenha uma determinada quantia, pois o que se fez para 517, poder-se-á fazer para 200, 600, 841, ou qualquer número inteiro desde um até mil.

Feita breve pausa, a fim de permitir que o rei pudesse fixar idéias e refletir sobre o caso, o inteligente vizir (antigo mestre-escola) rematou:

— Eis, ó Comendador dos Crentes!, em resumo, o problema que poderia ser proposto, diante da corte, ao genial calculista: "Sabendo que estas caixas, numeradas de um até dez, totalizam mil dinares que estão por elas repartidos; sabendo-se, também, que é possível efetuar qualquer pagamento desde um até mil dinares, sem abrir nenhuma caixa, pergunta-se:

1º — Quantas moedas contém, respectivamente, cada uma das caixas?

2º — Como determinar, por meio do raciocínio, matematicamente certo, a quantia contida em cada uma?

3º — Será possível resolver o mesmo problema distribuindo-se as mil moedas por um número menor de caixas?"

O divã do califado, isto é, o salão real das audiências achava-se repleto de nobres e convidados quando, pelo soar surdo e solene do gongo, foi anunciada a visita de Beremis Samir, "o Homem que Calculava".

No centro do suntuoso recinto, sobre luxuoso tapete, foi colocada a bandeja com as dez caixas que iriam servir de base para o problema.

Al-Motassim Billah, Príncipe dos Crentes, que se achava em seu trono de ouro e púrpura, rodeado de seus vizires e cádis, dirigiu ao matemático amistosa saudação.

— Sê benvindo, ó muçulmano! Sê benvindo sob a inspiração de Allah! Que a tua presença neste divã seja motivo de júbilo para todos os nossos amigos, e que de tuas palavras possamos colher as tâmaras deliciosas da sabedoria que eleva as almas e purifica os corações.

Decorreu um momento de impressionante silêncio. Competia ao visitante agradecer aquela honrosa saudação. Inclinando-se Beremis diante do rei, assim falou:

— Allah badique, ia Sidi! (Deus vos conduza, ó Chefe!). Admiro, estimo e exalto àqueles que governam com justiça, bondade e sabedoria. É esse o vosso caso, ó Emir dos Árabes!, e todos os vossos súditos proclamam essa verdade. A vossa justiça assegura o poderio do Estado; a vossa bondade cria preciosas dedicações e a vossa sabedoria fortalece e perpetua e confiança do povo. Ai daqueles cujos governantes são sábios mas regem a vida pela injustiça das ações que praticam! Ai daqueles cujos chefes e dirigentes são justos mas desconhecem a bondade! E Allah, o Clemente, se compadeça daqueles que se acham sob o jugo de homens ignorantes, pérfidos e iníquos.

— As tuas palavras, ó Calculista! — respondeu o rei mansamente — são, para mim, como brincos de ouro e rubis! Servem-me de estímulo e encham-me de orgulho! Vou, mais uma vez, abusar de tua gentileza. Será um encanto, não só para mim, como para todos os nobres, vizires e cheiques que aqui se acham, ouvir a tua palavra, a tua doutíssima opinião, sempre original e brilhante, sobre um problema aritmético que parece desafiar o engenho dos mais insignes matemáticos. Esse problema, formulado pelo vizir Sabag, poderia ser enunciado nos seguintes termos: Sobre aquela velha bandeja (neste ponto, diz a lenda, o califa apontou para a bandeja) estão dez caixas. Cada caixa contém um certo número de moedas. As moedas, encerradas nas dez caixas, totalizam mil dinares e não há duas caixas com o mesmo número de moedas. Afirma o vizir Sabag que a distribuição de moedas, pelas dez caixas, foi feita de modo a permitir que se possa, do total, destacar qualquer quantia, desde um dinar até mil dinares, sem abrir nenhuma caixa, isto é, sem tocar nas moedas. Resta agora determinar quantas moedas contém cada caixa. Para facilitar a exposição, as caixas estão numeradas de um até dez, segundo a ordem crescente das quantias que encerram.

E o califa rematou, depois de breve pausa:

— Como orientarias, ó Calculista!, a solução desse engenhoso problema?

Beremis Samir, "o Homem que Calculava", como bom — súdito, não se fez de rogado. Cruzou lentamente os braços, baixou o rosto e pôs-se a meditar. Depois de coordenar as idéias, iniciou a preleção sobre o caso, nos seguintes termos:

— Em nome de Allah, Clemente e Misericordioso! Esse problema é, realmente, um dos mais interessantes que tenho ouvido, e a sua solução, por ser simples e suave, põe em relevo a beleza e a simplicidade sem par da Matemática. Vejamos. A distribuição dos mil dinares, pelas dez caixas, foi feita de modo a permitir que separemos uma quantia qualquer (desde um dinar até mil dinares), destacando-se da coleção uma, duas, três, ou mais caixas. Resta determinar o conteúdo de cada caixa. É evidente que a primeira caixa deve conter 1 dinar, pois do contrário não poderíamos destacar a unidade do total. Eis a conclusão algemada pela evidência: A caixa designada pelo número um contém um dinar. A segunda caixa deverá conter, forçosamente, dois dinares. Não resta a menor dúvida a tal respeito. Se a segunda caixa tivesse três, quatro ou mais dinares não seria possível separar dois dinares do total. Conclusão: Já conhecemos os conteúdos respectivos das duas primeiras caixas. Com auxílio dessas duas caixas podemos obter um, dois, ou três dinares. Passemos, agora, à terceira caixa. Quanto deveria conter? A resposta impõe-se imediatamente: quatro dinares! Com efeito. Se a terceira caixa encerrasse mais de quatro moedas, não seria possível, (conservando intactas as caixas) separar quatro do total. Para as três primeiras, temos, portanto:

1^a caixa — 1 dinar

2^a caixa — 2 dinares

3^a caixa — 4 dinares

Com auxílio dessas três caixas, podemos formar todas as quantias desde um até sete dinares. Sete representaria o total das três primeiras caixas, isto é, 1 mais 2 mais 3.

Repetindo o mesmo raciocínio, somos levados a afirmar que a caixa seguinte, isto é, a quarta, deverá conter oito dinares. A inclusão desta caixa, com oito dinares, permitirá separar do total todas as quantias desde um até quinze. O quinze é formado pelo conteúdo das quatro primeiras caixas. E a quinta caixa? Não oferece o cálculo de seu conteúdo a menor dificuldade. Uma vez demonstrado que as quatro primeiras caixas totalizam quinze, é evidente que a quinta caixa deverá encerrar dezesseis dinares. A inclusão da quinta caixa, ao grupo das quatro primeiras, permite que formemos qualquer número desde um até trinta e um, inclusive. O total trinta e um é obtido pela soma das cinco primeiras.

Neste ponto (diz a tal lenda muito antiga), neste ponto fez o calculista uma pausa rapidíssima, e logo prosseguiu:

— Vejamos, pelo encadeamento natural de nosso raciocínio, se é possível descobrir uma lei, ou regra, que permita calcular os conteúdos respectivos das outras caixas restantes. Para isso convém recapitular:

1^a caixa — 1 moeda

2^a caixa — 2 moedas

3^a caixa — 4 moedas

4^a caixa — 8 moedas

5^a caixa — 16 moedas

Observemos que cada caixa, a partir da segunda, contém sempre o dobro do número de moedas da caixa precedente. Dizem os matemáticos que os números

1, 2, 4, 8, 16, formam uma progressão geométrica, crescente, cuja razão é dois. Dada a natureza do problema é fácil provar que se mantém a mesma progressão fixando os conteúdos das quatro caixas seguintes. Temos:

6^a caixa — 32 moedas

7^a caixa — 64 moedas

8^a caixa — 128 moedas

9^a caixa — 256 moedas

E a décima e última caixa da bandeja? Não poderá ela conter em moedas o dobro de 256, pois, nesse caso, o total não seria mil, como foi dito, porém maior do que mil — o que é inaceitável. Vejamos como calcular o conteúdo da caixa que é uma incógnita para nós: As nove primeiras caixas encerram um total de 511 moedas. Ora, do total 1000 tirando as 511 já distribuídas restam, ainda, 489. Na última caixa, que é a décima, foram, portanto, colocadas as 489 moedas restantes. A distribuição das mil moedas, segundo acabo de indicar, permitirá que o problema seja resolvido de acordo com o enunciado.

Aquele que quisesse do total (mil) separar, por exemplo, 360 moedas, procederia do seguinte modo:

3^a caixa — 8 moedas

6^a caixa — 32 moedas

7^a caixa — 64 moedas

9^a caixa — 256 moedas.

A soma de 8 mais 32 mais 64 mais 256 é precisamente igual a 360. Da solução geral, segundo os termos em que foi formulada, decorre, claramente, que não é possível resolver o problema com menos de dez caixas. Sugere-nos este problema nada menos de sete observações que só poderão interessar ao matemático e ao filósofo. Desejo, entretanto, encerrar esta explicação, que já se vai tornando um pouco longa, citando, apenas, uma das sete observações que decorrem do problema. — "Para os números desde 489 até 511 apresenta o problema duas soluções". Uassalâ!

E com essa fórmula tão sonora — Uassalâ! — usual nas despedidas entre os árabes do deserto, dava o calculista por findo o seu discurso, isto é, a solução do problema.

Vai agora intervir no enredo desta história um novo personagem. É nosso dever apresentá-lo ao leitor. Trata-se do famoso Anauate Abdala Rezek Abeid, matemático e filósofo — cuja inteligência e cultura todos admiravam. Esse ulemá (ulemá quer dizer sábio), esse grande ulemá vivia na corte de Bagdá, sob a incondicional proteção do rei. Os árabes mais cultos reconheciam nele o maior matemático do Islã. — É um portento! É um colosso — diziam todos. E tinham razão. O velho Anauate merecia, na verdade, o honroso título de ulemá. Suas obras, traduzidas na Grécia, eram lidas em Roma e comentadas e discutidas pelos doutores da Espanha.

Achou o califa que o devia ouvir o douto Anauate e interrogou-o nestes termos:

— Que achas, ó preclaro e judicioso ulemá Anauate Abdala, da resolução que acabamos de ouvir? Devemos considerá-la completa, impecável, ou está

vincada por alguma falha ou sulcada pela imprecisão? Interessa-me ouvir a tua esclarecida opinião.

Interpelado desta forma pelo monarca, o velho Anauate Abdala Rezek Abeid deixou o lugar em que se achava, dirigiu-se numa atitude arrogante e insólita para o centro do salão, correu com o olhar o auditório e, numa voz áspera e dura como as pedras negras do deserto, assim falou:

— Considero deplorável, profundamente deplorável, a solução que acabamos de ouvir, engendrada pelo calculista persa Beremis Samir. O nosso visitante formulou-a em termos tão claros, tão simples que inutilizou para sempre esse magnífico problema das dez caixas, pondo-o, através de sua explicação elementaríssima, ao alcance até das inteligências mais acanhadas e incultas.

Foi mais um lamentável desserviço prestado à Matemática. Devo dizer, ó Rei do Mundo! (e falo agora como matemático), que o prestígio dessa ciência, a sua preponderância entre os homens, resulta principalmente na forma obscura, intrincada e incompreensível, com que nós, os matemáticos, formulamos as teorias e arquitetamos os problemas e equações. O respeito que os homens em todos os climas do mundo dispensam à Ciência dos Números provém Cinicamente das fórmulas geométricas e dos símbolos algébricos para eles, em geral, incompreensíveis. "O que não se entende venera-se" — proclamava um filósofo, exprimindo assim, em poucas palavras, uma verdade incontestável. A cada momento vemos centenas de homens exaltando determinado autor com desmedidos elogios. Se investigarmos as razões desses louvores vamos encontrá-las facilmente. O autor focalizado pela admiração do grupo escreve coisas nebulosas, desenvolve uma filosofia transcendente que os seus leitores extasiados e boquiabertos não atingem, nem poderão jamais atingir!

No domínio das Ciências a veneração dos homens só é concedida às verdades que suplantam o entendimento. Aquele que efetua a adição de três parcelas inteiras ou calcula a diferença entre sete e cinco não chega a inspirar admiração no espírito de um modesto aguadeiro de Bagdá. E isso por quê? Porque somas e subtrações de inteiros todo mundo entende; são operações que não envolvem mistérios em transformações abstrusas. O viandante sorri deleitado para a água límpida e transparente, mas teme e respeita o lago cujas águas escuras e lutulentas são invioláveis para a menor réstia de luz! Resulta daí a nobre e prudente preocupação de todo algebrista em não tornar claro o que deve ser obscuro; em não revestir de simplicidade o que deve ser embaraçoso e complicado. Competia, pois, ao jovem Beremis Samir, o dever de abordar os problemas que se apresentam no quadro da vida em termos confusos, por meio de um raciocínio ordenado e inteligível de modo que a marcha do cálculo ficasse muito acima do campo de compreensão de seus ouvintes. Chegaria, no fim, à solução certa, mas atingiria esse objetivo seguindo um caminho ladearento e tortuoso que bem poucos pudessem trilhar. Que fez o nosso imprudente e estouvado visitante? Arrasou as dificuldades, desmantelou as dúvidas, eliminou as arestas de sutileza do cálculo. Provou terra-a-terra, com sua eloquente e exuberante explicação, que o problema, apresentado neste magnífico divã pelo Emir dos Crentes não passava de uma questãozinha aritmética corriqueira e quase infantil. Ora, aquele que, mesmo diante da Corte, resolve uma banalidade,

não merece recompensa alguma, e não faz jus à nossa admiração. Eis, pois, a minha sentença: O calculista Beremis Samir deve receber, em público, severa advertência de nosso califa pela obra demolidora que está realizando contra o secular prestígio da Álgebra, dada a sua preocupação dissolvente de simplificar, ou melhor, de aniquilar a Matemática, eliminando o que há de incompreensível, ababelado e obtuso nos cálculos, nos problemas e nas fórmulas.

Inútil será acrescentar que Al-Motassim, o Sucessor do Profeta, com grande surpresa de seus ministros e cortesãos, não concordou com a brilhante sentença do ulemá algebrista. Determinou que fosse entregue ao talentoso Beremis Samir o prêmio de mil dinares, e no mesmo dia, assinou um decreto nomeando o jovem para exercer as funções de calculista efetivo do Califado, em substituição ao preclaro Anauate, que foi aposentado com todos os vencimentos, prêmios e gratificações. E aqui termina, meu bom e paciente amigo, aqui termina essa lenda muito antiga que eu li, já não me lembro onde. Uassalâ!

Tu és formosa, amiga minha! Em ti não há mácula.
Salomão, Cantares, 4,7.

TREZE, SEXTA-FEIRA

ENCONTREI-A, casualmente, durante uma reunião de pintores e jornalistas no velho castelo do conde Sichler. Era alta, morena, cabelos castanhos e olhos babilônicos. O tom de sua voz maviosa, sem artifícios, era tão doce que dava a impressão de veludo azul na capa de um Alcorão.

Não sei a que propósito repontou, no meio de nossa palestra, tão simples e despretenhiosa, a palavra mágica:

— Superstição.

— E por falar em superstição — atalhou Lenora (o seu nome, esquecia-me de dizer, era Lenora) — quero felicitar-te pelo teu conto "Treze, Sexta-feira". Aponto-o como um dos mais originais do gênero folclórico.

Treze, Sexta-feira? Minha talentosa e encantadora amiga estava, com certeza, nas malhas perigosas de um equívoco. Não me recordava, em absoluto, de ter escrito aquele conto que ela (pintora modernista de mérito incontestável) sublinhava com as tintas elogiosas de sua enaltecedora apreciação. Ocorre, muitas vezes, com as pessoas que lêem e estudam, ao mesmo tempo, mil e vinte assuntos diversos (era esse, precisamente, o caso de Lenora), certas confusões literárias e acabam por atribuir ao poeta X, uma novela policial arquitetada pelo romancista Y. O fato, em resumo, era o seguinte: O tal conto folclórico "Treze, Sexta-feira" podia ser de X, de Y ou de Z. Meu, afinal, é que não era.

— Ora, deixemos de fantasias — insistiu Lenora com delicioso encantamento. — Não há confusão alguma de minha parte. O conto, por mim citado, é teu, meu caro cheique. Não poderás negar. É teu pela forma, é teu, ainda, pelo enredo, é teu, finalmente, pelo cenário, pelos conceitos e pelas

conclusões. É teu nas cinco dimensões do espaço literário. Encontrei-o, casualmente, há dois ou três meses, em "Para Ti", a fulgurante revista argentina.

Acompanhava-o uma ilustração estranha, na qual aparecia um negro gigantesco, de tanga vermelha, com um turbante escandaloso, tocando tambor. Se pretendes repudiar a tua obra não contes com a minha cumplicidade. E, dizendo isso, olhava muito fita para mim.

Com uma serenidade que a mim mesmo surpreendia, fiz ver à minha gentil interlocutora que eu não pretendia negar a autoria de uma página tão curiosa de ficção em torno do número fatídico — o célebre dez mais três das incríveis Numerologias. Seria loucura retalhar com o alfanje do repúdio, interessante conto que despertara a atenção de uma jovem tão cintilante, com o espírito crítico afiado por inteligência viva e por sólida cultura literária e artística. Repudiar uma obra literária equivale a abandonar um filho pequeno em meio de floresta escura. É fazer o que fez (segundo a lenda) o pobre lenhador, pai do Pequeno Polegar. Não, minha amiga, nunca! Não há clima em meu espírito para torpezas desse gênero. Os Pequenos Polegares, filhos da minha imaginação, eu os conservo sob o meu teto, teto humilde de lenhador do Pensamento, tratando-os com bondade e acalentando-os com simpatia.

Lenora sorriu com finura:

Os elefantes conduziam o rei Nezigã e sua corte — ministros, oficiais, doutores, juizes e embaixadores.

— Estás com a tua memória em curto-circuito, meu caro cheique. É impossível que esqueças um conto com a mesma facilidade com que esquecemos o aniversário da sogra ou o endereço de antigo calista. Quem sabe se ouvindo novamente o conto poderás reconhecê-lo como teu filho legítimo?

Encantou-me aquela idéia. Era um pretexto magnífico para prendê-la junto a mim durante mais alguns minutos. Disse-lhe, pois, em tom quase suplicante:

— Conta-me, bondosa Lenora! Conta-me essa singular fantasia, "Treze, sexta-feira", lenda ou novela que o tempo arrancou de minhas recordações. Quero ver até que ponto estou sendo espezinhado e traído pela minha memória incerta e claudicante.

A formosa pintora surrealista não se fez de rogada. E, com uma voz mais suave do que um regato marulhante a correr, assim começou:

— O caso passou-se em Timbuctu, a Misteriosa. Sabes onde fica esse longínquo caravanchá humano, que a Geografia denominou Timbuctu?

— Creio que sim. É uma cidade do Sudão, refúgio de tuaregues, caçadores negros, mercadores de sal, e árabes aventureiros. Fica nas margens do rio Níger, em plena África Ocidental Francesa.

— Muito bem. É isso mesmo. Pois segundo o teu conto (que vou tentar reproduzir tim-tim por tim-tim) viveu outrora em Timbuctu um rei chamado Nezigã, o Calmo. Do retrato de Nezigã concluímos que esse monarca era cordato, justo e muito ingênuo. Um simplório, enfim, mas de bom íntimo. Esse rei ouviu dizer que a decadência dos sukés (tribo que habitava Timbuctu) decorria das superstições grosseiras que envenenavam a alma daquela pobre gente. Os sukés são pobres, indolentes, atrasados e incapazes porque se deixam dominar por crendices absurdas e sórdidas. Aceitam como verdade as abusões

mais torpes e ridículas. Acreditam nos amuletos, nas benzeduras e nos feitiços. Admitem que a ferradura dá sorte, que o canto da coruja é de mau agouro, que o lobisomem aparece (galopando por sete estradas) em noite de temporal e que há pessoas de mau-olhado. Cultivam as bruxarias e esconjuros mais inverossímeis inventados pelos mágicos e mandingueiros. Horrorizou-se o rei Nezigã ao ouvir tão graves denúncias. Em seu povo a superstição grosseira entrava pela alma como o ar entra pelos pulmões de um rinoceronte. Os peixes que cruzam o Níger, na época das chuvas, eram menos numerosos que as crendices cultivadas com fanatismo, pelos sukés. Um habitante de Timbuctu seria incapaz de entrar numa barco, atravessar a soleira de uma casa ou subir numa árvore com o pé esquerdo. Nunca. Todos os passos sérios, na vida de um bom suké, deviam ser iniciados com o pé direito. Sempre com o pé direito, pelo lado direito. A superstição máxima do povo era relativa ao número treze. "Que Treze? — estranhou o rei Nezigã. — Que tem esse número com a vida de meus súditos?" Um ministro bajulador e loquaz, informou, logo, ao crédulo monarca: — "A gente inculta desta boa terra acredita na ação maléfica do número treze. Esse número é apontado como a conta mais funesta entre todas as contas. Treze é sinônimo de desgraça, de doenças graves, de morte. Reunião de treze pessoas acaba em luto e desesperação. Escada com treze degraus é queda inevitável. Casa com treze janelas, roupa com treze botões, caravana com treze camelos, carta com treze linhas, frases com treze palavras, horta com treze melancias, tudo, enfim, que some treze, deve ser evitado. O treze é sinal de luto; é número azarento, calamitoso!" Nesse ponto o rei Nezigã interrompeu o seu vizir informante e indagou: — "E o dia treze? Entra esse dia na contagem funesta do meu povo?". Esboçando nos lábios o veneno de um sorriso irônico o vizir bajulador respondeu: — "Cumpre-me dizer, ó Rei!, que é essa a superstição mais séria dos sukés. Quando acontece o dia treze cair numa sexta-feira (dupla crendice) o povo fica alarmado. Dia treze, sexta-feira, em Timbuctu é dia de luto nacional. Cessa toda a atividade. Os pescadores recolhem seus barcos; os caravaneiros fecham-se em suas tendas; os carregadores de sal deixam-se ficar, como dervixes mendicantes, debaixo das árvores olhando assustados para as nuvens cinzentas debruadas de ouro que rolam vis pelo céu. É um dia perdido para a vida da cidade".

Aquela crendice relativa ao dia treze, irritou o soberano sudanês. Era um absurdo, um exagero. — "Acabemos com tais superstições — arrematou o monarca com voz surda. — É preciso convencer o povo de que o dia treze, seja sexta-feira, sábado ou domingo, é um dia como outro qualquer do calendário". Decorridas poucas semanas, verificou-se a coincidência: As folhinhas assinalavam TREZE, sexta-feira! Nesse dia, pela manhã, o rei Nezigã reuniu seus vizires e declarou enfaticamente que ia festejar, com incomparável pompa, o dia Treze. Majestoso cortejo, no qual figuraram treze elefantes ricamente ajaezados e treze carros adereçados com flores e bandeiras, desfilou pelas ruas. Os elefantes conduziam o rei Nezigã e sua corte (ministros, oficiais, doutores, juizes e embaixadores); nos carros iam músicos, palhaços, faquires e encantadores de serpentes. Por determinação de Sua Majestade, as casas deviam ficar abertas e o povo era convidado a assistir ao aparatoso desfile. Logo, em meio da marcha

festiva, o rei Nezigã (do alto de seu pesadíssimo elefante) observou que havia, na praça principal, uma casa inteiramente fechada. — "Quem mora ali?" — inquiriu o rei, dirigindo-se a seu ajudante-de-ordens. O interrogado prontamente informou: — "Reside naquela casa um sujeito chamado Talig Mospel, rico negociante de sal. Recusou-se a tomar parte na festa por ser hoje dia treze e sexta-feira. Alegou que tem medo de azar e que prefere ficar fechado em casa, numa sala escura, rezando". Enfureceu-se o rei ao ouvir aquela informação: — "Esse mercador de sal não passa de um ignorante. Faremos obra altamente meritória arrancando do espírito desse homem essas crendices idiotas. Determino que ele seja trazido à minha presença". A ordem foi logo transmitida ao corpo da Guarda Roxa — uma espécie de polícia-especial de Timbuctu. Que fizeram os homens da Guarda Roxa? O rei pediu dois e eles completaram duzentos. Arrombaram as portas do prédio em que morava o honrado mercador, arrebentaram as janelas, partiram os móveis, agrediram os moradores e prenderam o dono da casa que, afinal, já ferido, meio aparvalhado, com as vestes em frangalhos, foi levado à presença do rei. Desceu o monarca de seu elefante e veio ao encontro do preso. — "Meu amigo Talig Mospel — disse-lhe com vaidosa entonação — queria apenas aconselhá-lo a deixar essas superstições grosseiras que denotam ignorância e atraso. O dia treze — convença-se da verdade — é um dia como outro qualquer". O pobre homem ajoelhou-se diante do rei e, depois de beijar a terra entre as mãos, assim falou com voz desolada e um pasmo idiota na face: — "Como poderei, ó Rei!, convencer-me de uma coisa que os próprios fatos desmentem? Como negar a evidência sob a luz da verdade? Logo hoje, precisamente hoje, por ser treze, sexta-feira, o negro azar foi cair sobre mim. Minha casa foi assaltada, meus filhos espancados e eu, ferido e injuriado, sou arrastado pela rua como se fosse um criminoso da pior espécie. E isto tudo por quê? Por ser aziago e funesto o dia treze, sexta-feira!" Não encontrou o rei Nezigã, o Calmo, palavras que pudessem justificar as violências praticadas contra o honrado mercador de sal. Arrependeu-se de ter promovido aquela passeata ridícula com faquires e encantadores de serpentes. Mandou dissolver o cortejo e, abatido pelo fracasso de sua infeliz iniciativa, voltou para o palácio. Figurava, porém, entre os vizires do rei, um certo Kahn Tazuk, homem judicioso e sábio.

Ao notar a tristeza e o desânimo do monarca, o ministro Tazuk, sempre transigente e benévolo, achou que seria de bom-aviso consolar o pávido monarca. Acercou-se, pois, do chefe africano e, arqueando-se em solene cortesia, assim falou: — "Permiti, ó Rei do Universo!, que manifeste a minha obscura e desvaliosa opinião sobre o caso. Seculares superstições, enraizadas na alma do povo, não podem ser eliminadas com cortejos de músicos e palhaços. Só há um meio de combater as crendices que entravam o progresso e estiolam as energias — é por meio da educação e da instrução. É preciso instruir e educar os homens para livrá-los dos fantasmas, libertá-los dos duendes e desembaraçá-los das abusões. Proporcionando ao povo instrução sadia e bem-orientada (tendo essa instrução caráter nitidamente educativo), as superstições nocivas, ridículas ou perniciosas vão pouco a pouco desaparecendo. As crendices, na Antiguidade, eram muito mais numerosas do que são hoje. Quem, nos dias que correm, vê no

rebrilhar do raio ou no ribombar do trovão uma advertência de Júpiter? Ninguém. Há superstições que desaparecem; outras há que surgem aqui, transfiguram-se com o passar dos séculos e vão reaparecer, irreconhecíveis, em clima bem diverso. E, muitas vezes, o fato hoje proclamado como verdade científica não passa, amanhã, de ridícula credence. Hoje, ciência; amanhã, superstição! Levemos, pois, a luz da Instrução ao povo; eduquemos os homens e veremos como eles se libertam desses ridículos sortilégios e acabam com as feitiçarias". Concordou o rei Calmo com as sábias palavras de seu preclaro ministro e comentou muito sério, olhando-o de esguelha: — "Você tem toda razão, meu caro Tazuk! Hoje não era, realmente, um dia indicado para iniciar a nobre campanha contra a superstição. Desci da cama, sem querer, com o pé esquerdo; ao atravessar o salão, pela manhã, avistei aquele servente magro, meio calvo, que tem jetatura; quando cheguei à janela vi um gato preto no jardim e ouvi um pescador, na rua, cantando: "chô, chó, peixe fino, chô, chó!" — (Essa música me dá um azar incrível para a semana inteira). Precisamos consultar um oráculo-benzedor e escolher um dia auspicioso em que os astros estejam em boa posição". Ao ouvir aquelas palavras do rei Nezigã, o douto ministro Tazuk franziu a testa, retorceu a boca e arregalou os olhos. O monarca sudanês era mais supersticioso do que um pobre e desprezível camaleiro do deserto africano. Neste ponto da narrativa, depois de ligeira pausa, Lenora acrescentou, ajeitando, com graça, os cabelos ondedos:

— Não me lembro mais do final de teu conto. Confesso que não me lembro. Sei apenas que o tal ministro Kahn Tazuk citava, a respeito do caso, um provérbio árabe, que ia servir como chave-de-ouro, para a triste aventura do supersticioso rei de Timbuctu.

— Pois minha encantadora amiga — repliquei, sincera e admirativamente emocionado. — Essa aventura do rei Nezigã, o Calmo, parece-me interessante e apresenta alguns traços de originalidade. Encerra ensinamentos notáveis; envolve vários temas folclóricos; leva o leitor para um país exótico (o Sudão) e apresenta-o aos sukés, povo mais exótico ainda. Sinto-me, entretanto, forçado a confessar a verdade. Esse conto que acabo de ouvir, enlevado, não é meu. Acredite, minha incomparável Scherazade do Século XX! Acredite. Jamais escrevi essa aventura intitulada TREZE, SEXTA-FEIRA.

Fitou-me Lenora, muito séria e, num tom mavioso, misto de zanga, gentileza e sedução, declarou numa doce intimativa:

— Pois se não era teu, meu caro cheique, se não era teu, fica sendo!

Em submissa admiração agradei comovido. E tive ímpetos de repetir, bem alto, em árabe bem puro, os versos deliciosos que ouvi uma tarde, em Damasco, de um velho beduíno:

— Louvado seja Allah que fez a Mulher, com toda a sua Bondade, com toda a sua Beleza e com toda a sua Alma generosa e simples! Allah seja louvado!

O VELHO ZAMARAK

Porque os retos habitarão a Terra, e os sinceros nela permanecerão.
Salomão, Provérbios, 2,21.

VOU contar-vos, agora, ó Irmão dos Árabes!, a curiosa lenda intitulada "O Velho Zamarak" que ouvi, durante o último inverno, quando percorria o interior da Pérsia.

— Onde fica Zamarak?

Eis aí uma pergunta capaz de perturbar e confundir um sábio geógrafo. Vou, porém, esclarecê-la de uma vez para sempre. Zamarak é uma pequenina aldeia, de três mil tamareiras, que fica além de Kishin, num país longínquo, banhado pelo mar da Arábia.

Reza, pois, a tradição, que em Zamarak vivia um velho que tinha noventa e sete anos. Esse número, bem sabeis, simboliza uma longa existência na face da terra.

E o singular ancião, quase centenário, possuía saúde admirável e uma invulgar resistência: trabalhava ativamente, percorria a cavalo largo trecho do deserto, caçava gazela, domesticava falcões de raça e praticava mil outras proezas que só os jovens robustos são capazes de levar a termo.

O generoso rei Ali Djafar Billah ao passar, certa vez, com sua caravana, pelo oásis de Zamarak, foi informado da existência do prodigioso ancião. Mandou o monarca que trouxessem o velho a sua tenda e interpelou-o.

— Meu amigo — disse-lhe bondoso — bem vejo que sois, ainda, forte e sadio numa idade em que o homem, em geral, já se vê trôpego, fraco e esmagado pelo peso da própria vida. Se o egoísmo humano não vos impedir de revelar o vosso segredo, dizei-me: Qual foi o bálsamo maravilhoso que vos proporcionou essa invejável vitória sobre o tempo e essa resistência para a vida?

— Rei magnânimo e justo! — retorquiu o velho — vou atender ao vosso pedido. Não conheço, porém, bálsamos nem remédios milagrosos. Devo a saúde que ainda hoje possuo ao regime de vida que adotei. Esse regime admirável resume-se em três preceitos para mim invioláveis e sagrados.

— Qual é o primeiro? — indagou o rei com afetada paciência.

O velho de noventa e sete anos respondeu, baixando um pouco a voz:

— Nunca perdi o orvalho da manhã!

— Por Allah! É interessante! — comentou jubiloso o monarca. — Compreendo muito bem o sentido oculto de vossas palavras. Quereis dizer que sois por hábito madrugador e só um homem dado ao trabalho ativo, de vida metódica, é que nunca "perde o orvalho da manhã".

— O segundo preceito — acrescentou o ancião, depois de breve silêncio — é o seguinte: Nunca bebi de um cântaro sem me assegurar da pureza da fonte!

— Muito bem! — tornou risonho o soberano. — A vossa regra de bem viver exprime o cuidado que o homem deve ter com a própria alimentação. Nossa saúde depende muito da água que bebemos e do pão que comemos. Qual o terceiro e último preceito?

— É o mais importante dos três — confessou o velho beduíno. A esse preceito devo exclusivamente a vida calma e tranqüila que tenho tido: — Jamais contrariei alguém!

— Mac'Allah! — protestou com veemência o rei. — Não acredito em semelhante coisa! Não posso admitir que um homem, seja ele um emir ou simples caravaneiro, viva noventa anos e mais sete anos sem causar a seus semelhantes infinitas contrariedades! Ah! Isso não! Deyman! Abadan! Em tempo algum!

O velho, que ouvira com invejável serenidade as imprecações do monarca, tornou com seu tranqüilo falar:

— As objeções que acabais de formular, ó Rei!, colocam-me, neste momento, em sérias dificuldades. Devo aceitar as vossas objeções? Cumpre-me recusá-las? Não posso, é evidente, concordar com a vossa opinião, pois isso implicaria em confessar que já contrariei alguém. Não quero, porém, contrariar-vos, para não ferir um preceito para mim inviolável!

E depois de ligeira pausa de vergonhoso embaraço, rematou num gesto burlesco de credulidade:

— Mas afinal, admito que a razão esteja de vosso lado. Não se pode viver neste mundo de dúvidas e incertezas, noventa anos e mais sete anos sem contrariar centenas de crentes e milhares de infieis!

— Ó homem admirável! — exultou o rei, com alvoroço. — Os grandes tesouros dos velhos são a Prudência e o Saber! Preferistes passar por mentiroso a causar uma leve contrariedade àquele que negava o vosso preceito. Com um gênio assim chegareis, se Allah quiser, aos cento e noventa e sete anos...

O NATAL DO BOM CALIFA

Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação.
David, Salmos, 85,7.

CERTEZA, na vida — dizia um velho beduíno, meio filósofo, que conheci em Damasco — a certeza, na vida, é mais rara que a flor do anem (1) no deserto do Roba-el-Káli.

Sim, a certeza para as múltiplas situações e problemas da vida é realmente das coisas raras. Será, certamente, mais preciosa do que a flor rubra do anem na aridez escaldante das areias sem fim. Mas, por Allah, que importa? Há ocasiões em que o nosso espírito se sente sob o escudo inabalável, da certeza.

Eis um caso bastante expressivo que vem corroborar o que acabo de afirmar:

(1) Anem — Planta muito rara que dá uma flor vermelha de singular beleza. Roba-el-Káli é um dos maiores desertos da Arábia.

— Tenho certeza, meu amigo, certeza absoluta de que você já ouviu, muitas vezes, falar do glorioso Al-motassim, Califa de Bagdá, Cheique do Islã. (2) Já ouviu, não é verdade? Vamos. Faça um pequeno esforço de memória.

Não se lembra? Al-Motassim, na primeira metade do IX século, ocupou o trono de Bagdá e foi, no seu tempo, um dos monarcas mais ricos e prestigiosos.

Tomo Djebril (3), o Incomparável, como testemunha fiel do que vou contar.

Certa manhã o poderoso Al-Motassim (que Allah o tenha entre os eleitos!) mandou viesse a sua presença o vizir Yasbek Naífe.

Direi que esse vizir ou ministro do califa era homem de meia idade, sensato e cauteloso. Por ser culto e viajado desempenhava, na corte, as árduas e honrosas funções de conselheiro do rei. E mais ainda. Sempre que se fazia necessário servir, também, com inexcedível eficiência, de intérprete durante as audiências com embaixadores da Pérsia, da Índia ou da China.

Atendendo ao chamado do califa chegou o prestimoso Yasbek Naífe ao divã real. E houve, então, entre o Emir dos Árabes e seu digno auxiliar um diálogo que vou tentar reproduzir.

CALIFA — Sinto-me, meu caro vizir, intrigado com algo que ocorre neste palácio e desejo amplo esclarecimento e minuciosas informações a respeito.

VIZIR — De que se trata, ó Príncipe dos Crentes?

CALIFA — Eis o que observei: Ao romper da manhã, pouco antes da primeira prece, ouvi cânticos que partiam do fundo do jardim. Mais tarde, quando subi ao terraço, outra vez o murmúrio de um hino feriu-me os ouvidos. Tenho a impressão de que existe por toda parte, na luz do Sol, nas nuvens que se amontoam na amplidão azul, no rebrilhar dos repuchos e até nas fisionomias dos servos e escravos, uma espécie de alegria, um ar de festas e de intenso júbilo. Estarão os bagdalis preparando alguma surpresa para os caravaneiros da Síria? Pretenderão comemorar algum feito glorioso de nossos antepassados?

VIZIR — Cumpre-me dizer-vos, ó Rei do Tempo!, que os bagdalis não aguardam hoje as ricas e aparatosas caravanas de Damasco, nem pensam em festejar as estupendas vitórias dos exércitos do Profeta sobre as hordas dos hereges e fanáticos. A música que chamou a vossa prestimosa atenção para a alegria intensa que ela estende por toda a cidade, não parte dos muçulmanos, mas dos cristãos.

CALIFA — Dos cristãos? Que pretendem esses infiéis com todos esses cânticos e hinos festivos?

VIZIR (com um sorriso tranqüilo) — Nada de mal, ó Príncipe do Islã!, nada de mal! Os cristãos, por todos os recantos do mundo festejam, na data de hoje, o nascimento de Issã, filho de Maria, a quem eles veneram sob o nome de Jesus Cristo, o Salvador!

(2) Cheique do Islã — Título concedido aos califas.

(3) Djebril — Arcanjo Gabriel.

CALIFA (com certo espanto) — Mas Issâ, filho de Maria, é citado, com alta e elogiosa distinção, no Livro Sagrado! (4)

VIZIR — Sim, ó Rei Magnânimo!, o incomparável Issâ, filho de Maria, por suas incontáveis virtudes e divinos atributos, é citado dezenove vezes no Alcorão, o Incrindo. Uma das cinco preces que nós, muçulmanos, proferimos todos os dias, é feita em homenagem a Issâ, filho de Maria, o inspirado de Allah!

CALIFA (arrebataado) — Sei que és sábio, ó Vizir! Sei que já leste todos os livros que ensinam os Ritos, os Hadits (5) e as Tradições. Conta-me ó insigne Yasbek!, conta-me um episódio da vida desse admirável Issâ, filho de Maria, cujo nome é consagrado pelas nossas preces e pela nossa profunda veneração!

VIZIR — Escuto-vos e obedeço-vos. Vou narrar-vos um dos muitos episódios que aureolam a vida exemplar de Issâ, filho de Maria.

CALIFA — Fala. As tuas palavras serão como brincos de ouro para os meus ouvidos!

VIZIR — Achava-se, certa vez, Issâ, filho de Maria, em Jerusalém e ensinava aos homens o caminho da Justiça e da Bondade. Com suas palavras, cheias de divina sabedoria, conquistava a simpatia dos humildes e ameigava o coração dos mais rebeldes. Mas os pérfidos fariseus e os ricos sacerdotes decidiram prendê-lo. Como atirar a culpa sobre um justo? Como acusar um inocente? Queriam um pretexto que legitimasse, aos olhos da multidão, a captura violenta, a iníqua prisão do Mestre. E esse pretexto surgiu. Os pérfidos arquitetaram um plano.

CALIFA (impressionado) — Que Allah castigue os pérfidos judeus!

VIZIR — Irrompeu, num pátio em que se achavam as mulheres, violento tumulto. Uma das infelizes fora surpreendida em adultério. Escribas e fariseus arrastaram a desventurada pecadora para diante de Jesus. Queriam, com o consentimento do Mestre, condená-la à morte!

CALIFA — Condená-la?

VIZIR — Sim, ó Rei dos Árabes!, prescreve a lei mosaica que a mulher, sob acusação de adultério, seja lapidada, morta a pedradas, em plena rua, pelo povo. Então os judeus, enfurecidos, levaram a mulher para diante de Jesus, filho de Maria. Nathan Hazer, fariseu rico, que parecia o mais prestigioso do grupo, sustentando nas mãos duas ou três pedras, interpelou o Mestre:

— "Determina a lei de Moisés que esta mulher seja lapidada. Que pensas disso, ó Rabi?" Issâ ergueu os olhos, olhos cheios de infinita candura, e olhou para a acusada.

(4) Livro Sagrado — Alcorão. Segundo um dos dogmas do Islã, o Alcorão sempre existiu. É apontado como o Livro Incrindo.

(5) Hadits — (conversaão) — Ensinamentos do profeta conservados, em geral, pela tradição.

A mísera rapariga, deitada por terra, ocultava o rosto com as mãos e os cabelos. As suas vestes estavam rotas, os seus pés feridos. Na imensa vergonha não ousava fitar Aquele que os impiedosos acusadores haviam escolhido para supremo Juiz. Isaac Hana, outro fariseu, insistiu com arrogância: — "Sabemos que és implacável na luta contra o pecado. Que decides em relação a esta mulher, ó Rabi? Jesus não respondeu. Abaixou-se, e com a ponta do dedo pôs-se a escrever no chão.

CALIFA — Ele escrevia sempre?

VIZIR — Não. Nunca. Só escreveu essa vez e nunca mais. Quando os judeus viram Jesus, em silêncio, a rabiscar na areia encheram-se de alegria. Tinham a impressão de que o haviam enleado nas teias de irremovível dificuldade. Realmente. Perdoar a adúltera seria transgredir a Lei Civil; condená-la seria subverter e demolir a Lei de Deus. Outro judeu, um certo Jannai Meir, que pertencia à família dos Sacerdotes, proferiu em tom de desafio: — "Qual é a tua sentença, ó Rabi?" Respondeu Jesus: — "Que se cumpra a Lei!"

CALIFA — Condenou?

VIZIR — Não. Não condenou, disse "Que se cumpra a Lei". Mas acrescentou, com impressionante energia, dirigindo-se aos pérfidos judeus: — "Aquele de vós que se julgar isento de culpa que atire a primeira pedra!" Nathan Hazer que se achava à frente, chefiando o grupo, procurou ler o que Issâ escrevera. A seus olhos surgiu apenas uma palavra: — "Fratricida". O rosto do miserável acusador cobriu-se de indizível palidez. Ali estava, bem clara, na areia, a acusação que faria dele, judeu orgulhoso, um ser abominável. Era, na verdade, um execrável fraticida. Dois anos antes, para apoderar-se de uma herança, assassinara seu irmão mais moço. O crime ficara em segredo e o criminoso impune. As pedras que Nathan Hazer trazia nas mãos caíram por terra e o rancoroso fariseu retirou-se sob o peso da acusação que o aniquilara. Isaac Hana, ao ver o seu amigo Nathan afastar-se, ficou apreensivo. Procurou ler, também, o que Issâ havia assinalado. Aos olhos de Isaac surgiu, em letras bem nítidas, esta gravíssima denúncia: — "Ladrão sacrílego". E era a expressão da verdade. Recordou-se Isaac de que roubara, alguns meses antes, as ricas alfaias e vasos de ouro da sinagoga. Jamais poderia ele, ladrão sacrílego diante do Rabi, considerar-se isento de culpa, livre de pecado. E o miserável acusador, esmagado pela revelação de sua alma torpe, afastou-se em silêncio. O arrogante Jannai Meir, também como os outros, lançou os olhos sobre os caracteres que Issâ traçara no chão e leu, cheio de ódio: "Envenenador!" Ali estava estampado, em letras bem claras, o crime negrejante de sua vida. Jannai envenenara um ancião que o havia acusado perante o Sinédrio. E o sórdido Jannai retirou-se, disfarçadamente, fugindo para o meio das tendas.

CALIFA — É espantoso o que acabas de contar, ó Vizir! E Issâ, filho de Maria, havia escrito tudo isso? Fratricida, ladrão, sacrílego, envenenador?

VIZIR — Tenho dúvida em responder. Não sei se deverei responder "sim" ou se dizer "não". Issâ, filho de Maria, havia escrito uma palavra. Uma palavra e nada mais. Mas, pela vontade de Deus (exaltado seja o Onipotente!), essa palavra era milagrosa. Para um, as letras formavam "Fratricida"; aos olhos de outro surgia: "Ladrão sacrílego"; o terceiro só poderia ler, como realmente leu:

"Envenenador!" E assim cada acusador lia, na areia, na mesma areia em que caíam as lágrimas da pecadora, o crime que lhe enodoava a consciência.

CALIFA — Que fizeram, então, os pérfidos judeus que acusavam a adúltera?

VIZIR — Retiraram-se todos. Jesus levantou-se e não vendo senão a infeliz pecadora que continuava a chorar, perguntou-lhe: — "Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?" Ela respondeu num fio de voz: "Ninguém, Senhor!" Disse então Jesus com longanimidade: — "Nem eu também te condeno. Vai-te, milha filha, vai-te e não tornes a pecar!" E aqui sua alma deixava transparecer toda a infinita caridade de que era formada.

CALIFA — É admirável!

VIZIR — Com essa sábia e divina sentença, ó califa!, ensinou Jesus, aos homens, que o Amor, o Amor verdadeiro, se resume no Perdão. Para amar é preciso saber perdoar. Muito ama aquele que muito perdoa.

Foi esse, meu bom amigo, segundo a Lenda, o Natal do bom Califa. Posso afirmar isso com absoluta certeza, embora saiba que a certeza, na vida, é mais rara do que a flor do anem do deserto de Roba-el-Káli.

Uassalã! (6)

(6) Uassalã — Fórmula usual de despedida.

A ESPOSA DOS DOIS MARIDOS

Tenho tua imagem nos meus olhos; o teu nome, nos meus lábios; a tua lembrança, no meu coração. Como julgas, então, que podes estar ausente de mim?

Ben Ai Nasir (1166-1228)

EM nome de Allah, Clemente e Misericordioso.

Foi em Saida, (1) a pitoresca cidade da Argélia, que ouvi, pela primeira vez, o nome do justo cádi Rafik ben-Najm Fares Haddjat. (2) Um beduíno (3) chamado Abit, guia de caçadores, homem vivo, falador, confidenciou-me, certa manhã, na mesquita, junto à fonte das abluções:

— O cádi (4) Rafik ben-Najm é um notável ulemá, um sábio. Sábio e justo. Justo e profundamente humano. Não existe, nas terras argelianas, homem mais digno da nossa admiração e do nosso respeito.

(1) Saida — Cidade da Argélia. Não confundir com Saida (Sidan), do Líbano.

(2) Rafik — Bom companheiro. Carinhoso. Ben-Najm: Filho de Najm. E se "Najm" fosse uma tribo ou uma família, seria: Iben-Najm.

(3) Beduíno — Habitante do deserto.

(4) Cádi — Em árabe pronuncia-se cáadi. Quer dizer: Juiz.

E Abib, sempre exuberante, narrou-me espantosa aventura, ocorrida em Mascara, na qual o cádi Rafik brilhava como autêntico herói das "Mil e uma noites".

Outros casos, mais estranhos, ouvi (uma semana depois) de dois roumis, compradores de fumo.

Mais tarde, em Argel, conversando com um guitarrista, chamado Saliba ou Taliba (não me lembro bem), recebi novos informes sobre o famoso juiz Rafik, o sábio.

— É extraordinário — confirmou com veemência o guitarrista. — Não é possível encontrar, entre os muçulmanos, homem tão surpreendente. Conhece até as letras misteriosas do Livro de Allah. (5)

Aqueles elogios (ditados pela sinceridade popular) despertaram em mim vivo desejo de conhecer o prestigioso e justo cádi. Rafik ben-Najm Fares Hadjdjat.

Quando estive, pela terceira vez, em Khalfallah, (6) vendendo louças, relógios, tecidos e comprando pistache, (serviço exclusivo do cheique Abd-el-Rahmã), tive a excelsa ventura de conhecer pessoalmente o justo cádi Rafik ben-Najm.

Será interessante, ó Irmão dos Árabes!, (7) contar o caso como ocorreu.

Na faina diária, em busca de bons negócios, eu havia saído com dois criadores de ovelhas, de Maalif, (8) a fim de levá-los à presença do cheique Abd-el-Rahmã, o homem mais violento e impulsivo que conheci até hoje. Ao atravessar pequena povoação indígena, avistei inquieta multidão que se amontoava na porta de uma tenda. Achavam-se ali mercadores árabes, bérberes do deserto, nômades esfarrapados e até mulheres. Indaguei do que se tratava.

— É o sábio e justo cádi que está julgando — disse-me um bérbere, maneta, de turbante sujo, remordendo dois galhinhos de rak. (9).

— O justo cádi Rafik ben-Najm?

— Sim, é esse mesmo — corroborou com voz meio cantada o meu informante. — Já está no terceiro caso.

Voltei-me para os homens de Maalif e disse-lhe numa decisão inapelável: — "Esperem por mim. Um instante". E meti-me no meio dos curiosos. Depois de alguns empurrões e muitas pragas (três pragas e meia para cada empurrão) consegui chegar ao interior da Kaimat-al-hadl (Tenda da Justiça) que era, aliás, ampla e confortável, com sete panos listrados.

(5) Livro de Allah — Trata-se do "Alcorão". Allah é Deus. Portanto, refere-se ao "Livro de Deus" ou "Livro da Lei". No início de certas suratas (ou capítulos) apresenta o Alcorão letras misteriosas para as quais os exegetas mais sábios não acharam explicação.

(6) Khalfallah — Cidade da Argélia.

(7) Irmão dos Árabes! — Tratamento carinhoso.

(8) Maalif — Lugarejo perto de Kalfallah.

(9) Rak — Haste fina; muito forte. Serve de palito.

Reconheci logo o honrado e prestigioso cádi. Estava sentado, pernas cruzadas, em grande almofada, e tinha, à sua direita, sobre pequena banqueta, soberbo exemplar do Alcorão. Abria-se, na frente do Juiz, largo círculo vazio. Para aquele círculo eram conduzidos os réus, as testemunhas, os acusadores e os litigantes. Atrás do justo cádi, também sentados à moda árabe, achavam-se os seus dois auxiliares e cinco guardas armados. Com espadas recurvas de aço indianizado. Os secretários anotavam, em grandes livros de capa escura, os nomes que interessavam, os fatos que ocorriam e as decisões do cádi. No alto, no centro de belo escudo prateado, lia-se esta sentença: Fihilin al-aiát 'ua adlihem iajed addoafot otmaluon" (Na Bondade e na Justiça dos fortes reside toda a esperança dos fracos).

Observei o justo cádi. Era homem de meia idade; discreto e impecável nos trajes; rosto largo, barba preta e bem-cuidada. Fisionomia simpática; olhar expressivo. Os seus gestos eram serenos. Deixava, ao mais rápido exame, a impressão de ser pessoa culta e finamente educada.

Um árabe agigantado de roupa escura, turbante amarelo e semblante carrancudo, perfil adunco de coruja, que se achava de pé, na primeira fila dos assistentes, depois de consultar uma folha de papel, anunciou em voz alta:

— Vai ser julgado agora, pelo nobre e honrado cádi Rafik ben-Najm Fares Hadjdjat, representante de nosso Governador, o caso da jovem Najat, (11) bint-Djelfa, (12) que é reclamada por dois maridos.

(Ele proferira o nome feminino — Na-já — separando bem as sílabas).

Tudo parecia seguir, para mim, um rumo bem curioso.

O argeliano do semblante carrancudo bateu palmas. Aqui e ali brotavam, entre os presentes, gestos de impaciência e curiosidade. Uma rapariga, seguida de dois homens, atravessou, aos arrancos, o grupo compacto dos curiosos, e foi colocar-se no centro do círculo livre, em frente ao cádi.

Era aquela a jovem de Djelfa que os azares da vida levaram, com dois maridos, ao Tribunal. Devia ter, no máximo, vinte ou vinte e dois anos. Seus olhos eram negros bem-rasgados e vivos; os cabelos castanhos pareciam brilhar sob o lenço de seda azul que lhe cobria a cabeça. Ostentava um fustam (13) discreto e bem feito.

Em seu braço esquerdo, moreno e roliço, rebrilhavam três largas pulseiras de ouro.

À direita da graciosa Najat postou-se, logo, o primeiro marido. Era um tipo forte, muito moço, de aparência sadia, rosto avermelhado. Trazia sobre a cabeça, retorcido para a esquerda, um gorro sujo de pele de coelho. Os seus trajes descuidados, davam a impressão desagradável de pessoa grosseira e desleixada.

(11) Najat — Nome árabe feminino. Leia-se Na já. Significa: "aquela que foi salva". No Líbano existe "Saidá ter Anajá" que significa: "Nossa Senhora da Salvação".

(12) Bint-Djelfa — Natural (filha de) Djelfa.

(13) Fustam — Vestido, traje feminino.

O outro, o "segundo marido" ficou, um pouco enleado, à esquerda da esposa. Era bem mais velho e bem diferente do primeiro. Teria, talvez, cinquenta ou cinquenta e cinco anos (sanat). Sentia-se a distinção inconfundível de sua figura, desde o turbante de seda (elegante e discreto) até os sapatos escuros, de bico fino, que reluziam em seus pés. Fazia-se acompanhar de soberbo cão vermelho de fina raça (como era belo o animal!). Logo que o dono parou (ao lado de Najat) o cão deitou-se, com solenidade, a seus pés.

Tudo recaiu em silêncio. Não bolia o mais leve sussurro.

— Liatakodonn az-zaitj od-ctu ai! (Que fale o primeiro marido) — ordenou o justo cádi, (14) com voz serena.

O jovem do rosto avermelhado, para atender ao juiz, passou a mão pelo queixo, ajeitou a cinta, cuspiu para o lado, relanceou um olhar de ódio ao rival e assim falou, desenvolto, de semblante iroso:

— Chamo-me Hassã Rida e sou natural de Orã, (15) onde ainda a Djelfa, em trabalhos de estrada, conheci Najat, filha de Jamil, (16) o carpinteiro. Casamo-nos. Fomos muito felizes. Juntamente com seus pais, levei-a, mais tarde, para Buda, (17) de Buda fomos para Argel.

Nessa cidade conheci vários mercadores gregos. Desejoso de viajar pelo mundo e enriquecer depressa, coloquei-me a serviço dos aventureiros gregos e parti, em grande veleiro, para Kubros. (18) Deixei Najat aos cuidados de minha sogra. Não fui feliz nessa viagem. Ocorreu uma desgraça. O nosso navio, em alto mar, foi atacado por piratas turcos e incendiado. Juntamente com vários companheiros fui aprisionado pelos piratas e vendido, como escravo, em Constantinopla. Passei três anos sofrendo todos os horrores do cativo. Durante a minha longa e involuntária ausência, a mãe de minha esposa fez constar, entre amigos e parentes, que eu havia perecido em naufrágio. E preocupada em abiscoitar o dote que esse velho oferecia, concedeu-lhe Najat (falsamente viúva) em casamento. A culpada de tudo foi minha detestável sogra.

"Lanat — Allah alaihua!" (Que o castigo de Deus caia sobre ela) Volto agora, ó justo cádi, e venho reclamar minha esposa. Procurei-a loucamente, por várias cidades; andei como um chacal, pelos oásis; sofri fome e sede no deserto e vim, afinal, encontrá-la, aqui, nesta terra hospitaleira. Sou o marido legítimo de Najat e esse homem (e apontou para o rival) e esse homem não a quer deixar. Não a quer deixar.

Calou-se, neste ponto, o primeiro marido. Fios de baba desciam-lhe lentos, aos cantos da boca.

— Desejo ouvir agora o segundo marido — declarou o justo cádi Rafik ben-Najm. E tamborilava com os dedos da mão direita sobre a capa do Alcorão.

(14) Justo cádi — O árabe não se refere a um cádi, sem preceder esse honrado título do qualificativo "justo".

(15) Orã — Cidade da Argélia.

(16) Jamil — Quer dizer: belo.

(17) Buda — Cidade da Argélia.

(18) Kubros — Chipre, ilha do Mediterrâneo.

Ao ouvir a intimação do juiz, o segundo marido, depois de ligeiro salã, (19) começou, esboçando um sorriso descorado:

— Tomo Allah como testemunha de minhas palavras. (20) Chamo-me Chahin Nadli Hanoun. Dedico-me ao comércio de jóias e disponho de casa bem instalada em Argel, mas resido, atualmente, nesta cidade, por motivo de saúde. Tendo ido, certa vez, a Ain-Taya (21) adquirir jóias e antiguidades, conheci, no mercado, essa jovem Najat, filha de Jamil. Enamorei-me dela. Informado de que se tratava de uma viúva (cujo marido perecera em naufrágio) falei ao respeitável Jamil, seu pai, e pedi-a em casamento. Obrigou-me Jamil a pagar o dote; não fiz a menor objeção a tal exigência, e entreguei ao pai de minha noiva o dobro da quantia exigida. O nosso casamento realizou-se em Argel perante o cádi e cinco testemunhas. Sou, portanto, diante da Lei, o marido legítimo de Najat, filha de Jamil.

Proferidas tais palavras, inclinou-se, com simplicidade, e acariciou a cabeça do majestoso cão que já dormitava a seus pés.

Ouvida a narrativa do segundo marido, o digno magistrado voltou-se para a jovem e interpelou-a com mansidão, em tom bem natural e conciliador:

— E tu, Najat, filha de Jamil, o carpinteiro, que dizes diante de tudo isso? Queres continuar com o teu atual esposo, Chahin Nadli Hanoun, ou preferes voltar para a companhia de Hassã Rida, o teu primeiro marido?

— Justo Cádi — respondeu a moça com voz cheia de meiguice, envolvendo suas palavras num sorriso de simpatia — nada posso resolver. Não desejo, neste momento, decidir do meu Destino. O generoso Sidi (22) Chahin é bom, extremamente delicado para mim; vivo bem em sua companhia. — Aqui fez ligeira pausa. E concluiu com candura: — Hassã jura, pela sombra da Caaba, que me quer também...

— Por Allah, Justo Cádi — acudiu o segundo marido com veemência, apontando para o rival com um meio sorriso, sem expressão: — Eu sei muito bem porque ele a quer. Eu sei muito bem, ó venerável ulemá! (23) Najat é bondosa; é diligente; é meiga; é prestativa. Esse moço julga-se poeta e escreve, todos os dias, versos e mais versos. Najat, para agradá-lo, lia com paciência os versos e decorava os poemas. É por isso que ele a quer!

(19) Salã — Saudação árabe.

(20) Essa expressão equivale à seguinte: "Juro por Deus que é verdade tudo aquilo que vou dizer."

(21) Ain-Taya — Pequeno porto de Argel.

(22) Sidi — Senhor. Homem de prestígio pela idade ou pela fortuna.

(23) Ulemá — Sábio. Homem douto.

— Perdão, justo Cádi! — revidou asperamente, o primeiro marido, transbordante de ódio. — Eu sei muito bem porque esse velho a quer! Najat é boa dona de casa; quieta e modesta; prepara com perfeição os pratos mais finos. Um cabrito assado, com recheio, temperado pelas mãos hábeis de Najat, é uma

delícia; o kichk (24), preparado por Najat, pode ser servido, em palácio, ao Sultão de Marrocos! Najat não esquece as plantas e as flores da casa, e cuida até do cão de Sidi Chahin. É por isso que ele a quer, justo Cádi! É por isso!

E repetiu num gesto de repulsivo nojo:

— É por isso que ele a quer, ó justo Cádi!

— Está bem — atalhou o juiz, encerrando o debate. — Está bem! Já ouvi todos os interessados. Cumpre-me resolver esse caso de acordo com a Lei, sem esquecer a delicada situação de constrangimento dessa jovem que é reclamada por dois maridos, que em tudo, e por tudo, diferem profundamente um do outro.

Fez-se profundo silêncio na Tenda da Justiça. Ficaram todos imóveis. Não se ouvia o mais leve sussurro. O árabe agigantado, do turbante amarelo, com os braços cruzados, aguardava, impassível, a sentença. Só o cão de Sidi Chahin, despertado com os gritos do segundo marido, agitava a sua longa cauda avermelhada.

Nesse momento senti que me puxavam, com força, pelo braço. Era um dos beduínos de Maalif.

— "Venha depressa! — segredou-me nervoso, aflito. — Venha depressa! O cheique (25) Abd-el-Rahmã, seu patrão arrelento, já se encontra, lá fora, à sua espera. Está furioso! Por Allah! Depressa! O cheique quer falar-lhe agora mesmo.

A situação era grave. Algo de anormal havia ocorrido com os nossos rebanhos. Roubo? Baixa de preço? Deixei (debaixo de novos empurrões e novas pragas), o tribunal e, impossibilitado de ouvir a sentença do cádi, corri ao encontro de meu chefe, o rancoroso Abd-el-Rahmã. Retornamos, na mesma hora, para o oásis de Maalif.

Na tarde desse mesmo dia segui, por ordem do cheique, para Saida, e de Saida fui, com mercadores de fumo, para Orã. Viajei, mais tarde, para a Europa. Passei cinco meses no Havre vigiando os embarques e desembarques de mercadorias. E, de quando em vez, a curiosidade remordia-me o coração:

— Como teria o justo cádi, naquele dia, na Tenda da Justiça, resolvido o caso da jovem que dois maridos disputavam? Teria decidido a favor do apaixonado Hassã, o primeiro marido? Teria dado ganho de causa ao velho e generoso Sidi Chahin?

Dois anos depois, vi-me forçado a percorrer vários centros comerciais de Marrocos. Essa viagem delongou-se por cinco semanas. Na volta, resolvi visitar Tlemcen, (26) a cidade mais curiosa da Argélia.

Embora pareça incrível, sob o céu de Tlemcen fui conhecer inesperadamente o surpreendente desfecho da singular aventura dos dois maridos de Najat.

Tudo se passou assim. Maktub! (Estava escrito!).

(24) Kichk — Prato árabe, feito de trigo, carne e coalhada.

(25) Chet que Chefe pessoa de prestígio. No Líbano e na Síria (antes da guerra) era o título concedido aos que não pagavam imposto...

(26) Tlemcen — Cidade da Argélia

Uma tarde, sentindo-me bem disposto, julguei que seria acertado levar algumas peças de roupa a uma tinturaria que ficava no fim da rua Kaldoum.

Ao entrar na tinturaria dei de rosto com o tal guitarrista de Argel, chamado Saliba ou Taliba (não me lembro bem), admirador fervoroso do justo cádi Rafik ben-Najm.

— Por Allah, meu amigo! — exclamou o argelino.

— Sabes quem está morando agora aqui, em Tlemcen? Aquele famoso cádi, o sábio, que fazias tanto empenho em conhecer.

— Sim — confirmou risonho o guitarrista. — O honrado e benquisto Rafik ben-Najm.

Ora, o guitarrista argelino não era homem inclinado a rir-se das coisas sérias.

Exultei, pois, com a notícia. Colhi, no mesmo instante, todas as informações precisas. O justo cádi instalara-se em pequeno prédio, de janelas verdes, que ficava na rua Orã, dois quarteirões à direita, além da Mesquita.

No dia seguinte, depois da prece da tarde, dirigi-me à residência do cádi. Era uma casa simples, mas bem arranjada e distinta. O pátio interno era um primor pelas plantas viçosas e raras que o adornavam. Homem fino, o justo cádi!

Recebeu-me, atencioso, com vivas demonstrações de simpatia. Contei-lhe que o havia conhecido na Tenda da Justiça, em Khalfallah, durante acidentado julgamento. Procurava-o, naquele momento (disse com a maior franqueza), impelido por uma curiosidade martelante: — "Como havia resolvido aquele interessante e delicado litígio dos dois maridos que pretendiam a mesma esposa?"

— O caso da jovem Najat, filha de Jamil?

— É esse mesmo! — confirmei.

— Vou informá-lo da minha sentença — tornou o justo cádi, com alegre sombra. — Antes, porém, vamos saborear uma taça de delicioso café!

Naquele mesmo instante vi surgir, na sala, uma criatura encantadora, elegantemente vestida; trazia nas mãos graciosas (pintadas de henna), (27) larga bandeja de prata com duas xícaras de café de Adem! (28)

Foi, para mim, indescritível surpresa. Logo a reconheci. Era a formosa Najat!

O cádi encarou-me risonho e apresentou, com certo entono vaidoso:

— Eis, ó mercador, a minha esposa! É Najat, a filha de Jamil!

Fitei-o assombrado. Sim, assombrado como o homem que custa a crer no que vê e não se atreve a dizer o que sente.

Najat sorriu para mim e proferiu com graça e simplicidade (a sua voz tinha a claridade suave do luar)

— Ahk' ua Sahlet! (Bem vindo sejas a esta casa, ó mercador!) Rajactka as Sacui! (Que a felicidade seja a tua sombra).

(27) Henna — As mulheres árabes, de fino trato, pintam de henna (trato especial) as unhas, as palmas das mãos e os pés.

(28) Café de Adem — Café Moca.

Tão perturbado fiquei ao ouvir aquela delicada saudação árabe que não soube retribuí-la. Inclinei, apenas, a cabeça à maneira dos nômades do Saara.

Retirou-se Najat. Sentia-se no ar, pela sala, invadindo tudo, o perfume inconfundível de sua encantadora presença.

— Quer saber qual foi naquela tarde, em Khalfallah, a minha sentença? — voltou o cádi. — Vou contar-lhe como tudo se passou.

Feita ligeira pausa, o ilustre magistrado, muito sereno, sem uma sombra no olhar assim começou:

— Naquele tempo eu era viúvo e pensava seriamente em escolher nova esposa. Tinha, porém, receio de errar. Dada a minha situação, a minha carreira, o divórcio seria desastroso. Quando Najat apareceu, naquele dia, acompanhada dos dois maridos, achei-a muito simpática. O seu ar era simples, mas distinto. Parecia até deslocada naquele meio. Um dos maridos, querendo ferir o seu rival (lembra-se?) — elogiou-a: "É bondosa; é diligente; é meiga; é paciente. Muito hábil e inteligente. Lê versos, aprecia os belos poemas". O outro marido exaltou-a como dona de casa: "É quieta; é modesta. Um cabrito assado, com recheio, temperado pelas mãos de Najat é uma delícia! Najat faz um Kichk digno do sultão; Najat se desvela em cuidar de tudo aquilo que interessa ao esposo!" Citou até as atenções que ela dispensava ao belíssimo cão de Sidi Chahin. Disse, então, de mim para comigo: "Eis a mulher ideal". "Eis a esposa que me convém". Como resolver, porém, com inteira justiça aquele caso? Declarei nulo o primeiro casamento de Najat, pois o marido passara mais de mês fora do lar. Cuariat (É da Lei). O segundo casamento (realizado em Orã) também era nulo (de acordo com a Lei) pois fora efetuado antes que o primeiro tivesse sido legalmente anulado. Ditadas as duas sentenças, e lavrado oficialmente o ato, Najat ficava livre dos dois maridos.

Levantei-me, então, e dirigindo-me ao público (cheiques e beduínos que se comprimiam na tenda) declarei: — "A jovem Najat, de Djelfa, está livre. Pode escolher, agora, sem o menor constrangimento, o marido que quiser. Se algum dos presentes for candidato, e pretender, também, a mão dessa jovem, queira colocar-se ao lado de Sidi Chahin Hanoun, o segundo marido". As minhas palavras causaram forte impressão. Correu pela tenda prolongado sussurro de espanto. Ninguém poderia admitir ou imaginar que um juiz (em pleno deserto) promovesse aquele concurso de noivado. Mas, afinal, dois homens menos irresolutos, destacaram-se do grupo e apresentaram-se como candidatos. O primeiro, já meio pesado no corpo e na idade, era o dono de grande oficina de ferreiro. Chamava-se Bechara. Não seria exagero dizer que era obeso e disforme. A sua apresentação, como terceiro pretendente, foi recebida com risos deleitados. Aproximou-se da noiva bamboaleando-se nas pernas. O outro era um belo rapaz alto, moreno, insinuante, filho de Sidi Omar Wahid, riquíssimo vendedor de goma de mascar. Ostentava no pescoço três ordens de ouro. Era antipático, não obstante suas feições corretas. Foram esses dois os únicos. Vendo que ninguém mais se apresentava (darei melhor: ousava se apresentar), deixei o meu lugar de cádi, entreguei o Alcorão a um dos secretários e fui colocar-me no extremo da fila, como sendo o quinto e último pretendente. E assim falei: — "Que cada candidato, dirija um apelo à noiva. E ela, no fim, decidirá." Coube ao primeiro

marido, o jovem Hassã Rida, a oportunidade de iniciar aquele singular torneio sentimental. Erguendo o busto, numa atitude desafiadora, disse: — "Querida, não me abandones". O segundo marido, depois de passar a mão pela testa proferiu, com arrebatamento: — "Najat, meu amor, não posso viver sem ti". O noivo rotundo, sem sentir o ridículo da situação, um pasmo idiota na face, gaguejou contrafeito: — "Prometo, ó formosa Najat!, fazer-te feliz!". O rapaz, moreno, erguendo a mão, em cujos dedos cintilavam vários anéis, formalizou-se, com ostentação de riqueza, naquele concurso oral de galanteria: — "Farei de ti a mulher mais ditosa do mundo". Cabia-me, afinal, a vez de falar. Procurei ser simples e sincero e disse apenas: "Najat, minha filha, segue, segue os ditames de teu coração!". A jovem meditou durante um rápido instante. A ansiedade era geral. Qual dos cinco noivos teria a preferência da ex-esposa dos dois maridos? Afinal, estendendo o braço, apontou para mim e declarou resoluta: — "É a ti, ó Justo Cádi!, que eu escolho para esposo. Foi o único que me honrou com o tratamento de "Minha Filha". Espero que sejas, para mim, mais do que um marido: um dedicado companheiro e protetor". Casamos. Vivemos felizes. Najat tem qualidades que os dois primeiros maridos não chegaram a perceber: é econômica, é leal, extremamente asseada e goza de perfeita saúde. É mãe exemplar...

— Mãe?

— Sim, já temos um filhinho. É um encanto de criança. Dentro de alguns instantes ele voltará do jardim, onde foi passear com a sua ama Ocesa.

Ao ouvir aquele singular relato sinceramente emocionado:

— Não creio, ó ilustre e justo Cádi, que possa haver, sob o céu que envolve o mundo, juiz mais sábio, mais esclarecido e mais liberal! Podendo, na Tenda da Justiça, com o prestígio de sua autoridade, com as regalias do cargo, ter tomado logo posse da jovem, submeteu-se a um concurso livre, de títulos e provas, concorrendo, democraticamente, com vários candidatos! Isso é notável!

Responde o justo cádi:

— Grato sou, ó mercador!, pelo elogio que acabo de ouvir. Acredito que és sincero, pois não me iludo com a música das belas frases.

E rematou:

— Todos os dias, nas minhas preces, imploro a proteção e a misericórdia de Deus! Louvado seja Allah que fez, da boa mulher, a esposa perfeita, e da esposa perfeita, a companheira ideal! Allah seja louvado!

UMA AVENTURA DE AMOR NO REINO DO SIÃO

Na rica e surpreendente Literatura Árabe existe um livro intitulado "Farady ba' d'ech-chida", no qual são relatadas as estranhas aventuras ocorridas com o egípcio Adibo Danil Maaruf, médico muçulmano, que o rei do Sião pretendeu, cinco vezes, converter à religião budista.

Aqui oferecemos aos leitores o terceiro capítulo de "Farady ba' d'ech-chida" no qual o autor apresenta curiosas informações sobre o povo siamês, seus

costumes e suas crenças. "Farady ba' d'ech-chida", em tradução para o nosso idioma, significa: "Coletânea de histórias destinadas a combater o tédio".

III da Lua de Tichrir el-Mni
Sob o céu de Damasco,
1351, da Hégira.

CAPÍTULO 1

Adibo Daniel Maaruf, o árabe, narra-nos as suas aventuras

- Sua vida em Alexandria
- A cesta de uvas
- A casa da rua Kanopa
- O velhinho surdo e madrigaz
- O pátio das paredes enramadas
- Quem era Lala Nurenahar, a infiel
- Morena transparente, rival de Cleópatra
- Pelo Buda de Esmeralda! Não tenha medo!
- As uvas são esquecidas
- Os dois estrangeiros
- Os pontos essenciais
- O dobro menos a metade
- Um problema de Álgebra
- O total de dúzias e uma surata do Alcorão
- A primeira aventura amorosa de um jovem egípcio
- A flecha livre no espaço e a folha na corrente
- Maktub!

SOU árabe, nasci no Egito e venho do reino do Sião.

A minha vida, do princípio ao fim, recortada de episódios estranhos e surpreendentes, um verdadeiro emaranhado de absurdos, bem merecia ser escrita com a ponta de uma agulha de ouro, na escama azulada de um peixe-voador (1). Aos dezessete anos, concluídos os meus estudos na medresch (2), (há que tempo que isto vai!) vivia eu em companhia de meu pai e de minhas irmãs, na cidade de Alexandria, em pequena casa de dois pavimentos na parte sul de Bruquio (3). Nesse tempo as preocupações e incertezas não pisavam na ponta de minha sombra. A vida, aberta em céu azul, sorria para mim.

(1) Fórmula usual entre os narradores árabes. Revela o exagero extremo dentro da fantasia.

(2) Medresch — Escola Pública.

(3) Bruquio — Antigo bairro de Alexandria.

Oferecia-me a mocidade as tâmaras mais doces da alegria (4). Certa manhã recebi de meu pai a incumbência de levar pequena cesta de uvas à casa de uma egípcia (para mim desconhecida) não muçulmana (5), chamada Nurenahar. Morava para além da praça, na rua Kanopa.

— "Escuta, meu filho — recomendou-me gravemente meu bondoso pai. — Escuta. Esta bela cesta deve ser entregue em mãos, à própria destinatária. Tu mesmo (insistiu) deverás fazer a entrega. A infiel (6) deverá receber de ti a encomenda. Escuta bem: Receber de ti!"

Meu pai falava em tom sério, martelando as palavras, como se a cesta de uvas, destinada a uma infiel, fosse um talismã encontrado entre as ruínas dos tempos dos faraós. Sem dar muita atenção ao caso, tomei da cesta e parti para o prédio indicado na rua Kanopa, (7) depois do canal. Era uma casa ampla, toda de pedra escura, com janelas gradeadas e pequeno muxarabiê (8) implantado sobre a porta principal. Quando lá cheguei (depois de observar a escada e correr os olhos pelo pátio interno) assaltou-me a impressão de que a casa não tinha moradores. Pareceu-me toda fechada. Fechada, escura e silenciosa. Bati várias vezes. Abriu-se, afinal, pequena janela lateral (a única janela sem grades) e vi surgir o rosto de um ancião, magríssimo, inteiramente calvo, de longas barbas brancas. Seus olhos eram pequeninos; sua pele de impressionante palidez. Figura estranha, encarquilhada. Parecia mais perigoso feiticeiro do deserto do que porteiro de uma casa alexandrina.

— Que pretendes aqui, ó jovem? — inquiriu o ancião. Sentia-se em sua palavras acentuado sotaque estrangeiro.

— Trago uvas para a senhora Nurenahar — respondi impaciente. — Remete-as meu pai, Salim Maaruf, o honrado fruteiro do porto. Venho de Bruquio.

— Inab... Inab... (Uvas... uvas...) — remoneou muito sério o macróbio, levando a mão, em concha, sobre a orelha direita. Parecia muito surdo. E interpelou-me num tom que não admitia réplica:

— Teu nome, qual é?

Ora, o meu nome! Para quê o meu nome? Já ia muito longe a petulância daquele porteiro surdo, das barbas brancas. Quem era eu? Modesto mensageiro, em serviço. Meu pai...

(4) Essa frase, proferida por um árabe, exprime — Vida despreocupada e feliz. Pessoa jovem cheia de saúde e alegria.

(5) Muçulmano — Aquele que segue a religião fundada por Maomé (571-632). Preferem alguns escritores a forma "musulmano" tendo o s em vez do ç. Vocábulo derivado de muslin — "aquele que resigna a vontade de Deus". Os muçulmanos são atualmente (1957) em número de 240 milhões e representam 14% da população total do mundo.

(6) Infiel — Aquele (ou aquela) que não segue a religião dos árabes e não aceita Maomé como profeta de Deus.

(7) Kanopa — Rua residencial em Alexandria. Não é nome árabe.

(8) Muxarabiê — saliente nas fechadas das casas árabes.

— Vamos, vamos — insistiu o velhinho madrigaz (9) interrompendo as minhas explicações. — Estamos perdendo tempo. Dize logo, ó alexandrino!, o teu nome e deixa o resto por minha conta. Não quero mistificações comigo!

A discussão da janela, com o tal surdo, não me interessava. Cumpria-me entregar a cesta. Respondi com acentuada ostentação:

— Chamo-me Adibo Daniel Maaruf! Que mais pretende o senhor, com essa mordente insistência, saber de mim? Quero, eu mesmo, depositar esta cesta nas mãos da tua ama. É ordem de meu pai.

O velho desapareceu como por encanto. Novo silêncio. Decorridos alguns instantes abriu-se a porta central e vi aparecer, novamente, o mesmo ancião calvo que pouco antes me interrogara da janela.

Então, ó jovem muçulmano! — ordenou secamente. — Entra, Lala Nurenahar (10) vai receber-te no mesmo instante.

Guiado pelo velhote, cruzei rico vestibulo (todo atapetado), atravesssei o pátio, adornado com ricas albarradas de vários feitios, (11) as paredes enramadas de trepadeiras, e fui ter a um aposento largo, bastante iluminado, onde se encontravam dois homens (com trajes bem estranhos) e uma senhora, bastante moça, de rosto descoberto. (12) Ali se achava, recostada em amplos coxins de veludo, a infiel Nurenahar, a quem meu pai se referira com tanta reserva. Observei-a com a desconfiança e a curiosidade palpitante de um adolescente. Era de uma beleza egípcia fora do comum. A célebre Cleópatra, apaixonada de César, não seria tão formosa, não revelaria tanta amenidade. Morena, de um moreno transparente e leve, tinha os olhos castanhos e os cabelos, ondulados e bem-arrumados, da mesma cor dos olhos. O seu vestido impecável, em linhas geométricas, de um amarelo suave, com mangas curtas, magnificava a sua elegância e o seu bom gosto. Largo fio de ouro repousava em seu colo. Cintilavam anéis, com gemas coloridas, em seus dedos esguios. Os pezinhos, minúsculos e delicados, de unhas pintadas, repousavam, desnudos, sobre uma almofada azul de seda.

— Já estávamos à tua espera — disse-me a encantadora infiel, (13) sublinhando as suas palavras com um sorriso transbordante de meiguice.

(9) Madrigaz — Homem magro, muito, escaveirado. Parece ser a melhor tradução do árabe.

(10) Lala Nurenahar — Precedendo um nome feminino, o vocábulo Lala equivale a um tratamento respeitoso. Significa: senhora, dona.

(11) Albarradas — Vaso de barro ou de louça da Índia em que se colocam flores ou plantas ornamentais.

(12) Rosto descoberto — A jovem não trazia véu, atitude que parece provocante para um árabe. A muçulmana, na presença de um homem conserva o rosto cuidadosamente velado.

(13) Encantadora infiel — Para Adibo, a jovem Nurenahar era uma não-muçulmana e, portanto, uma infiel.

E puxando-me de leve, muito de leve, pelo braço, tagarelou, com doce brandura:

— Vem! Senta-te, aqui, meu querido Adido Daniel Maaruf! Deixa as tuas uvas e chega-te para mim! Pelo Buda de Esmeralda! Não tenhas medo!

Certo vexame, misto de timidez e incerteza, apoderou-se de mim. Sentia o bater descompassado do coração.

Encantava-me, no convite que acabara de ouvir, a espontaneidade com que fora feito. Era aquela a primeira aventura sentimental de minha vida. Larguei a cesta das uvas, junto à parede, e acomodei-me, respeitoso, embora confuso e perturbado, em pequena almofada, ao lado da sedutora kafira. (14) Só então voltei minha atenção para os dois homens que ali se achavam. Examinei-os de relance. Eram ambos estranhos para mim. Estranhos pelos trajes e mais estranhos, ainda, pelas atitudes. Vieram de longe — pensei — e são estrangeiros. Sim, mas de que terra? Que pretendiam ali? Seriam chineses? Teriam vindo da longínqua Ceilão? Multiplicavam-se os enigmas no labirinto fervilhante de meus pensamentos. Adivinhava nos desconhecidos um não-sei-quê de misterioso e assustador.

Um deles, o mais gordo, de rosto redondo, tinha o braço direito entalado; seus olhos rasgados, frios como aço, fugiam obliquamente para as frondes; o outro, o mais magro, usava uma barbicha rala, avermelhada e já mudando de cor.

Houve um instante de silêncio na roda. A esplendorosa Nurenahar, o rosto inclinado, fitava-me risonha. E eu não deixava, um só instante, de contemplá-a embevecido. Vê-la era sonhar e o sonho é toda a minha vida. Convergiram sobre mim os olhares esmiuçadores dos estrangeiros. Observaram-me com acentuado e constrangedor acinte. A menor particularidade (no meu rosto ou nos meus trajes) não escaparia à argúcia daqueles terríveis espíões.

Interpelou-os Nurenahar, com um sorriso cálido, apontando para mim:

— Que achas da escolha? Preencherá esse jovem alexandrino as condições impostas pela irmã de Fra-Monkut? (15)

O homem do braço entalado inclinou a cabeça, passou a mão esquerda pelo queixo, e proferiu com a fria delicadeza da indiferença:

— No físico e no porte, considero ótimo. Resta agora apurar a idade, a inteligência e a vivacidade de espírito.

São pontos essenciais para o Senhor da Vida. (16)

— É isso mesmo — aparteou o "kafir" ruivaça, com desenvoltura, esboçando um sorriso maldoso. — Faltam, para o candidato, os pontos essenciais.

— Acredito que tudo estará certo — anuiu Nurenahar, soerguendo o busto e acariciando-me, lentamente, no rosto, com sua mão perfumada. E interrogou-me:

— Qual é a tua idade, querido?

(14) Kafira — Para o árabe kafir significa infiel e teria o feminino de kafira

(15) Fra-Monkut — A irmã de Fra-Monkut era a rainha do Sião

(16) Senhor da hoje Tailândia.

Com um desembaraço, que a mim mesmo me surpreendia, respondi com extraordinária presteza:

— Terá alguém motivo para ocultar a verdade, quando essa verdade não fere, não ofende, não prejudica e não perturba? Este ano, na Lua de Redjeb, (17) completei o meu décimo sétimo aniversário!

Riu gostosamente a deliciosa Nurenahar ao ouvir aquela confissão e, voltando-se para os dois estrangeiros, comentou:

— Pelos templos de Bangkok! (18) Estão vendo! É um menos! Uma verdadeira criança! Um perfeito hezach (19) para os encantos e fantasias do amor! Se da sua idade fosse descontado um ano, eu teria o dobro da sua idade, menos a metade da sua idade!

— O dobro menos a metade! — repetiu sorridente o homem do braço entalado. E advertiu com certa malícia: — Cuidado, Lala, cuidado! Esse jovem, se for hábil na Matemática, poderá calcular a tua idade! Ouvi bem: O dobro menos a metade de dezessete menos um.

— E lá se vai o grande segredo — aduziu o antipático ruivaça, em tom de gracejo!

Calou-se Nurenahar. Seus olhos castanhos, num inexpressível enlevo, fixaram-se em mim:

— Dize-me, querido, qual é a minha idade? — E punha, em suas palavras, certo acento de brejeirice, uma entonação vaidosa. — Se tens talento para o cálculo dos números e da Álgebra resolve o meu problema! Repito para esclarecer-te: Tenho, agora, o dobro menos a metade da idade que tinha o ano passado.

Refleti durante rápidos instantes. Como agir sem melindrar? Como responder sem revelar?

— Lala! — exclamei, muito sério. — A ordem, que acabo de ouvir de teus lábios, cai, firme como uma flecha, sobre os meus olhos e sobre o meu coração. (20) Quer o cálculo da sua idade? Dentro do Livro Sagrado irradia luz! (21) Direi o total em meses para parecer mais discreto: O dobro de doze dúzias! (22) Nem mais um dia!

(17) Redjeb — Sétimo mês do calendário árabe.

(18) Bangkok — Capital do Sião. É cidade relativamente moderna.

(19) Hezach — Muçulmano ao regressar de Meca. Equivale a peregrinado na frase, no sentido de "bari", puro, sem maldade.

(20) Coração — A fórmula clássica é um pouco diferente: "A tua ordem está sobre os meus olhos e sobre o meu coração". Seria melhor: "Como a flecha do beduíno".

(21) No Alcorão a surata 24 (cujo número exprime a idade pedida) é intitulado "Surata da Luz".

(22) Dúzia — O dobro de doze dúzias, são 288 meses, isto é, 24 anos. Era essa a idade de Nurenahar.

Os estrangeiros entreolharam-se. Eu os havia, certamente, deslumbrado com aquela inesperada perícia nos cálculos e pela forma original de resolver o problema.

O homem do braço entalado, depois de proferir algumas frases, em voz baixa, ao companheiro, encolheu as pernas e ergueu-se lentamente. A ruivaça, em silêncio, sobrolho carregado, levantou-se também. Percebi que iam retirar-se.

— Que é isso? — insistiu Nurenahar, em tom preocupado — compondo, tremulamente, com as mãos finas, os seus longos cabelos. — Hal anton hhaderin? (23) Já se vão? Consideram tudo assentado? Não pretendem interrogar mais este jovem?

Respondeu gravemente o estrangeiro gordo enquanto o outro lhe ajeitava o turbante:

— Os pontos essenciais, a meu ver, foram atendidos. Essa idéia das doze dúzias pareceu-me original e excelente. Conhece bem as luzes do Alcorão! Não podia ser melhor. O mais faremos depois. Vamos deixá-lo, agora, aos seus cuidados.

E saíram empertigados do aposento. Ouvimos, ainda, os seus passos lentos e pesados no pátio das paredes enramadas. E depois, voltou tudo ao silêncio.

— Devo ir também? — perguntei a Nurenahar, sob o guante de tremenda emoção.

— Não, não, de forma alguma — respondeu apertando-me a mão. — Preciso falar seriamente contigo. Já sei que és alegre, discreto e corajoso. Quero envolver-te, querido, nos planos alucinantes da minha vida.

As suas palavras, transbordantes de meiguice e sedução, eram proferidas com ansiedade, com sofreguidão. Em seus olhos castanhos, tão límpidos e suaves, parecia brilhar a inquietação e a dúvida.

Compreendi que havia chegado a uma encruzilhada de meu destino. Novo rumo ia ser dado à minha vida.

Que pode o homem contra o destino? Maktub! (24) A folha, levada pela correnteza, não sabe onde o rio vai parar! A flecha, livre no espaço, não pode ver o alvo para o qual foi apontada! Eu serei (refleti) como a folha que rola ou como a flecha que voa! Deixá-la ir; deixá-la voar! Maktub!

Nurenahar fitou-me muito séria e, a seguir, revelou-me o mais assombroso segredo de sua vida. O drama daquela formosa infiel poderia figurar entre as lendas mais fantasiosas do livro das "Mil e uma Noites".

Vou repetir o que ouvi de Nurenahar naquela manhã, em Alexandria, na casa sombria da rua Kanopa.

(23) Hal anton hhaderin — Já estão prontos? (Alude à partida: Já estão prontos para partir?).

(24) Maktub — estava escrito! Fatalidade. Tinha que acontecer.

CAPÍTULO II

Nang Nurenahar conta ao jovem Adibo o romance agitado de seu passado

- A vida em Bangkok, capital do reino do Sião
- O combate entre as formigas
- Epidemia em Bangkok
- O luto e a desesperação
- O príncipe laotiano e seu capricho
- Nurenahar parte para Bagdá
- Setenta e três vezes: Não!
- A vida entre os árabes
- A tia Rafif, esposa do justo cádi
- O justo cádi e o assalto no corredor escuro
- Rafif quer ser "esposa única" até morrer
- É chamada uma "khatbeh"
- Como casar um "broto" infiel?
- A jovem Nurenahar aprende o significado de uma palavra árabe
- Tia Rafif e os tesouros do céu.

Gibram Chiab era o nome de meu pai. Iraquiano (1) dos velhos tempos, aventureiro e destemido. Muito moço ainda, impelido por insofrida paixão pela caça, alistou-se numa caravana de aventureiros e mercadores persas que iam em busca de especiarias pelo interior da Índia.

Oito anos permaneceu meu pai, no misterioso País dos Rajás (2) Seria longo recordar aqui as espantosas aventuras e tropelias em que se viu envolvido. Caçou tigres na Indochina; domesticou elefantes na Birmânia; chefiou pequenos grupos de compradores de arroz no Camboja (3); combateu o banditismo no interior da China.

(1) Iraquiano — Natural do Iraque.

(2) País dos Rajás — Forma literária e bastante expressiva para designar a Índia.

(3) Camboja — Província ou parte da Indonésia.

(4) Bangkok — Capital do Sião. Fica nas margens do rio Menan Chao Phraya (Mãe das Águas Nobilíssimas). A cidade de Bangkok ainda não completou (estamos 1957) dois séculos de existência. Na Tailândia só há uma cidade, mas é uma obra-prima. Bangkok, contendo mais de um milhão de habitantes, estende-se ao longo do Chao Phraya. Entrecruzada de canais, e uma cidade com muitos barcos fluviais. É também uma cidade de templos. Mais de 300 dominam a sua linha do horizonte. São construções vistosas. Os tetos são cobertos de placas brilhantes, douradas, vermelhas e azuis, e reluzem à luz do Sol".

Quis o destino que meu pai fosse, certa vez, à cidade de Bangkok, (4) a pérola encantada do reino do Sião. Interessou-se pela vida de Bangkok, simpatizou com o povo siamês, agradou-se dos costumes dessa gente e ali fixou residência encerrando a sua jornada pelas terras misteriosas do Oriente. (5)

Bangkok, a cidade pitoresca e acolhedora que os siameses apelidam (e com muita razão) Krung-Itelpha-naha-nakhon-si-jana-dilok-ra-xettretni (6) já era, nesse tempo, capital do reino. Ao trono siamês tinha sido elevado o erudito Phra-Somdetch-Mongkut, (7) o Senhor da Vida; recebia as homenagens de segundo rei (8) o jovem Iakt-Thon, natural de Ajuthia, (9) e irmão de Mongkut.

Alegrou-se meu pai ao encontrar em Bangkok numeroso núcleo de muçulmanos. Muitos desses islamistas viviam em barcos no rio Menan (10) e trabalhavam como gondoleiros; ocupavam-se outros da pesca ou vendiam folhas de ouro junto aos túmulos dos santos budistas; preferiam alguns fabricar bolos que eram vendidos junto ao templo do Buda de Esmeralda.

Aprendeu meu pai a falar não só o siamês (na sua forma popular) como também o pali, (11) o chinês e vários dialetos derivados do antigo idioma sânscrito.

(5) "difícil descrever — observa James A. Mucherer — a felicidade da Tailândia. Na Ásia, desesperadamente superpovoada, ela é subpovoada. Ainda se encontram, dentro das fronteiras siamesas, imensas regiões de matas devolutas. No mundo que sofre os horrores da fome, desconhece a Tailândia o problema da falta de alimento. Produz arroz suficiente não só para a sua população como para oferecer apreciável ajuda alimentar aos países mais próximos".

(6) Toda essa longa frase, em siamês, exprime um apelido singularíssimo que os siameses repetiam sem trocar uma sílaba. A tradução é a seguinte: "A grande cidade real dos anjos, a bela, brilhante e inexpugnável cidade, etc."

(7) Mongkut — Citado pelos historiadores como um dos grandes monarcas siameses. Era homem generoso e culto. Leia-se: Frá-Sondexe-Mongkur.

(8) Segundo-rei — Durante largo período teve o Sião dois reis permanentes. Um governava (de fato) e ao outro só cabiam as honrarias e o título. O segundo-rei tinha mandarins a seu serviço e um exército.

(9) Ajuthia — Antiga capital do Sião. Alguns autores escrevem Aiútia.

(10) Menan — "É o Menan um dos rios mais poéticos e mais pitorescos do mundo. Enormes toras de teça, quase tão valiosas como o ouro, flutuam nele. Balsas de bambu amarradas com cipós da selva e cada casal com sua casinha de esteiras de junco, movem-se silenciosas sobre o imenso lençol d'água barrenta. Homens de rio acima derivam rio abaixo em canoas cavadas em troncos. Lavradores das terras baixas trazem enormes sacas de arroz. Vendedores ambulantes da cidade locomovem-se em barcos-casa cobertos de zinco. E pequenas chatas de varejão, impulsionadas por mulheres vigorosas cruzam de um lado para o outro a enorme estrada aquática."

(11) Pali — Língua sagrada do Budismo meridional, isto é, do Ceilão e da Indochina. Os livros escritos em pali são ditos livros pálicos. O vocábulo pali, em sânscrito, significa linha, série.

Graças a essa cultura lingüística, exerceu, a princípio, o honroso cargo de primeiro-intérprete do rei. Nas relevantes funções de intérprete, prestou meu pai valiosos e inesquecíveis serviços aos mandarins, aos monges budistas e aos nobres da corte, construindo, desse modo, largo círculo de relações e boas amizades.

Para consolidar mais essas amizades e ampliar suas relações, casou-se com uma jovem, chamada Nah-Thiang, que exercia as funções de amazona (12) no palácio de Mongkut. O monarca siamês (por ser amigo de meu pai) concedeu inteira liberdade a Oha-Thiang, amparou-a com o valioso dote de mil e quinhentos e cinco bahtes, (13) e indenizou o pai de Nah-Thiang com um sinsod (14) de duzentos e dezesseis sacas de arroz. Ainda sob a proteção do rei e dos ricos mandarins, tornou-se meu pai (auxiliado por minha mãe) perito treinador de peixes, grilos, etc, educados para lutas. Constituíam os combates (entre animais) o passatempo predileto dos nobres siameses e, acima de tudo, as formigas lutadoras (denominadas pupilas de Gibran) eram apreciadíssimas em Bangkok.

Não pretendo descrever em que consistiam os emocionantes combates entre os formigões. Em pequenas caixas, fechadas com fio de seda. O interessado examinava a coleção e escolhia a formiga que lhe parecia mais ágil e mais forte. A lutadora escolhida era vendida por meu pai. O preço de uma perfeita campeã subia, às vezes, a duzentos e três bahtes. (15) Sobre um prato amarelo de cobre, ligeiramente aquecido, o jogador (já dono da lutadora) colocava orgulhoso a sua formiga e lançava o desafio — "Quem se atreve a lutar contra a minha invencível Niou-Kiang?" (Cada formiga, ao entrar em luta, recebia um nome). A provocação não ficava sem resposta.

(12) Amazona — O rei do Sião tinha a sua vida garantida por uma guarda feminina. As amazonas eram, em geral, escravas do Rei.

(13) Baht — Moeda do Sião. Era dividida em cem partes. Cada centésimo do bath é denominado satang.

(14) Sin-sod — Quando uma jovem siamesa se casa, o pai (da noiva) recebe do noivo uma indenização. Esse pagamento (sin-sod) deve ser equivalente a quantia gasta com a alimentação, educação, etc., da jovem desde o dia de seu nascimento até o dia do casamento. No caso relatado o pai da noiva recebeu duzentos e dezesseis sacos de arroz pelos duzentos e dezesseis meses que a jovem havia vivido em sua companhia.

(15) Duzentos e três bahtes — Observe-se a preocupação dominante do número ímpar. Os números pares eram todos, pelos siameses, considerados como números de mau agouro.

Surgia, no mesmo instante, exaltado antagonista, também com sua formiga (já escolhida e paga) em boa forma. Colocadas no tal prato, frente a frente, as formigas (adestradas por meu pai) entravam em luta. Parece inútil acrescentar que a luta era de morte. Sucediam-se as apostas: Cinquenta e sete bahtes em Niou-Kiang!" — arriscava um. — "Jogo tudo na Zid-Roq" — bradava outro. Golpes pela direita, ferroadas pela esquerda, pernas partidas, o combate tornava-se apaixonante. Decorridos poucos instantes uma das lutadoras baqueava e era

trucidada pela inimiga. O dono da formiga vencedora recolhia o montante das apostas e não deixava de gratificar generosamente àquele que havia preparado as lutadoras. Graças aos lucros nos jogos, tudo corria bem para a nossa família em Bangkok.

Minha mãe, esposa dedicada e dona de casa exemplar, levou-me para o templo de seus avós e educou-me na religião budista.

Meus três irmãos foram, por meu pai, instruídos na crença muçulmana e adotaram na vida os preceitos e dogmas do Alcorão. Tolerante e simples, meu pai dizia sempre: — "Para a mulher, o Budismo, com sua renúncia e seu amor ao próximo; para o homem, o Islamismo, com sua Força e sua Fé". (16)

Desferido pelo Destino, sofreu a nossa vida um golpe tremendo e impiedoso. Grave epidemia de cólera, trazida de Java, assolou Bangkok durante o próspero reinado de Prhab-Sondetch-Mongkut, o Cauteloso. Milhares de siameses foram abatidos pelo flagelo. Nas ruas e ao longo dos canais de Bangkok via-se o branco do luto (17) e pelos lares sentia-se o rugir da desesperação e o bramir da dor sem remédio. Os mandarins mais ricos, tomados de pânico, fugiram para as montanhas levando suas esposas e seus servos. Minha querida mãe e meus irmãos pereceram na segunda semana. Amparada por um monge budista e levada para um isolamento provisório, no templo de Xetufon (18), salvei-me milagrosamente.

Todas as fúrias do desespero apoderaram-se de meu pai. Via-se, de um momento para o outro, privado da companheira e dos três filhos. Receoso de novas desgraças achou meu pai que seria mais acertado e mais seguro mandar-me, o mais depressa possível, para a cidade de Bagdá, onde vivia Lala Rafif, (19) sua irmã mais velha; mulher de muito prestígio, esposa única de um cádi. (20)

Outro motivo muito sério interferia nessa grave resolução de meu pai. Um príncipe laotiano, (21) de Patawi, que vivia no alto Menan, entre grandes bosques de tamarindo, insistia (com muito arrogância e atrevimento) em querer casar comigo. Com tal enlace meu pai jamais poderia concordar. O príncipe Patawi era odioso. Tham-na-bon-ling-frai! (22)

(16) O Budismo é a religião pacifista por excelência. Os dois preceitos básicos para um aldeão budista são os seguintes: 1º não se embriagar; 2º não agredir a quem quer que seja (a não ser em legítima defesa).

(17) No Sião a cor branca é a expressão do luto.

(18) Xetufon — Famoso templo budista. Existe em Xetufon uma imagem de Buda que tem cinquenta e um metros de altura.

(19) Lala Rafif — Lala, quer dizer dona, senhora. Rafif significa excelente, apetitosa. Veja nota nº 10 do Cap. 1.

(20) Esposa única — Um muçulmano, segundo o Alcorão, pode ter quatro esposas legítimas. Ser, portanto, esposa única, é um título muito honroso para uma senhora casada. Cádi é o juiz.

(21) Laotiano — Natural do Laos.

(22) Tham-na-bom-ling-frai — Eis a tradução da frase siamesa: "Só sabia viver à custa do povo". Tradução literal: "Fazia suas sementeiras nas costas do povo"

Eu tinha, nesse tempo, pouco mais de dezessete anos e estava bem longe dos dezenove.

E numa noite de Lua, sob um céu muito calmo, parti da foz do saudoso Menan, ao embalo das ondas verdes daquele mar imenso que rodeia a minha terra natal.

Longa e penosa, sem deixar o menor resquício de saudade, foi essa viagem torturante, em grande veleiro inglês, desde o golfo de Sião até às praias remotas do Golfo Pérsico. Entregue, por meu pai, aos cuidados de um dervixe (23) macambúzio (homem íntegro e de boa têmpera) consegui chegar sã e salva, ao país dos muçulmanos. No decorrer da perigosa travessia, que durou quarenta e sete dias, fui, pelos reloucados tripulantes, pedida em casamento setenta e três vezes! Soturno e grave, na sua perspicácia, o monge respondeu, sem pestanejar, setenta e três vezes: Não! Em muitos casos, amolentada pela nostalgia do mar, relentada pelo isolamento da vida (puro sentimentalismo!) eu teria sido impelida a responder: Sim!

Uma caravana bem provida, amparada por poderosa escolta, paga a peso de ouro, levou-me de Báçora para Bagdá. Magnífica viagem! Deram-me um Cheqdefe (24) em um camelo bem ensinado, que se ajoelhava devagar quando eu queria descer. Cheguei à lendária Cidade dos Califas (25) no último dia do mês de Ramadã. (26) Era na hora do pôr do Sol. As ruas surgiam repletas. Percebia-se agitação entre os adeptos de Mafoma. (27) Recebeu-me tia Rafif com extrema alegria e simpatia. Era uma senhora de quarenta e sete anos (contando bem, cinquenta e um) que aparentava ser bem mais moça. Corpulenta e alta, orgulhava-se de sua pele clara, límpida e fresca.

(23) Dervixe — Monge. Será preferível a forma darvês. Todo dia, ao romper da aurora, monges budistas, descalços, cabeça raspada, de túnicas amarelo-açafrão, vão silenciosamente de casa em casa esmolando o alimento cotidiano. Às vezes no nevoeiro parecem enormes borboletas douradas esvoaçando pelos caminhos. Em geral, o dervixe é monge durante uma certa fase de sua vida. Alguns monges, depois do período de vida religiosa (que pode ter a duração de três meses), retornam à vida normal.

(24) Cheqdefe — Acomodação (palanquim) para senhoras, colocado no dorso de um camelo. Deriva-se do árabe koqdofe.

(25) Cidade dos Califas — Bagdá foi a sede do Califado. O califa era o chefe supremo do Islã, eleito pela maioria dos notáveis.

(26) Ramada — Mês da Quaresma muçulmana.

(27) Adeptos de Mafoma — Muçulmanos. Para o nome de Maomé há várias formas: Mafoma, Maoma, Maomed, etc. Observa o saudoso Mário Barreto: "Mafoma é a forma popular; Mafonieda, a forma erudita do Século XVI, ambas com f. Nos Lusíadas, de Camões, encontramos: Mafoma, Maoma, Maoniet e Maomed". Na narrativa, feita por uma infiel (não muçulmana) os árabes são tratados como adeptos de Mafoma. É falso. É errado. O árabe não é maometano. Maomé, foi, apenas, o Enviado de Allah. O árabe é muçulmano, crente de Allah. O adjetivo maometano tem, no caso, sentido depreciativo.

Os seus olhos, debruados de kohl (28), eram negros e vivazes. O bom humor iluminava, a cada instante, o seu rosto redondo e corado. Ria, ria muito a propósito de tudo, e seus lábios, dilatados pelo detestável dairã, (29) eram de uma tonalidade azulada. Falava-me sempre com carinho, abraçava-me com cativante ternura. Dava-me conselhos, indagava dos meus segredos, inquiria com certa pieguice das minhas intimidades como se fosse minha mãe. E eu comecei a estimá-la desde o primeiro momento em que a vi. Adorável e querida tia Rafif! Tinha a mania dos perfumes. Usava em seus vestidos, em seus véus, essências raras, de sândalo e de rosas. Os seus tapetes, os seus divãs, a sua casa, enfim, era toda regada com essência de gerânio.

Profundas modificações sofri em meus hábitos. As modas e costumes do Sião (pais de gente simples e honesta) eram incompatíveis com a vida artificial e complicada em Bagdá.

Obrigou-me tia Rafif (e isso desde o primeiro dia) a andar de rosto coberto "para não chamar muito a atenção" (30) e não permitia que mesmo dentro de nossa casa, no harém (31) eu me apresentasse com o seio direito descoberto, ou colocasse na testa o mimoso distintivo da donzela siamesa. (32)

Tudo é explicável no plano simples da vida. Não há limites para o amor que lateja no coração dos bons. A irmã de meu pai não tinha filhos; os outros parentes moravam longe e raramente a procuravam; e, por isso, só por isso, tomou-se de grande amizade por mim. Elogiava as minhas mãos; exaltava o brilho dos meus olhos e a garridice dos meus gestos; considerava sem igual, no mundo, a cor dos meus cabelos. Descobria, em meu rosto, traços de formosura que, até então, eu própria ignorara.

Repetia, com sincero e arrebatado enlevo, inundando-me com seus perfumes: — "Tu pareces, ó siamesa infiel!, (33) uma huri do céu mais alto! (34) Que olhos!... Que cabelos!... Que boca!... Yallah, ó Nurenahar! Yallah!" (35)

(28) Kohl — Tinta preta para os olhos. No deserto é usada, também, pelos homens, pois refresca os olhos e protege-os contra a luz do Sol.

(29) Dairã — Casca indiana que as damas elegantes usam para tornar os lábios mais vivos e mais sedutores.

(30) Atenção — Entre os muçulmanos, uma jovem sem véu é motivo de escândalo.

(31) Harém — Parte da casa em que vivem exclusivamente as mulheres. Harém, quer dizer: "proibido".

(32) Donzela siamesa — A jovem siamesa (quando solteira) vestia-se com muita graça, deixando descoberto o seio direito. Uma estrela prateada na testa é sinal de castidade, de pureza. Na atualidade essas modas já foram abolidas. Duas faixas formam a vestimenta comum do siamês: o pa-rung e o pa-hoin. A primeira passa por entre as pernas e vai se amarrar na parte posterior. O pa-rung forma os largos calções. O pa-horn é destinado a cobrir o busto.

(33) Infiel — Designação dada pelos árabes ao não-muçulmano (cristão, judeu, budista, etc.). Veja nota 6, do Cap. 1.

(34) Huri do mais alto céu — Os puristas preferem a forma huria. Criatura do céu de Allah dotada de unia beleza infinita. Se uma huri (diz a lenda) lançasse sobre a Terra um simples olhar todos os homens cairiam desmaiados de assombro e deslumbramento. O céu mais alto é o sétimo céu, céu em que residem os eleitos de Deus.

(35) Yallah — Por Deus! Exaltação de fé pela obra de Deus.

Falarei, agora, do justo cádi (36) Ninfun Chamie, esposo de minha tia. Baixo, magrinho, usava o rosto sem barba; era ligeiramente calvo e tinha um defeito qualquer no pé esquerdo. O justo cádi mancava ligeiramente.

Notei várias vezes (particularidade que escapava aos sentidos argutos de minha tia) que o justo cádi, homem de gênio bem-humorado, olhava para mim com um interesse que o nosso parentesco estava muito longe de justificar. Bichanava (37) futilidades, repetia os maviosos versos de Abbas-ben-el-Ahnaf (38) (seu poeta predileto), contava histórias de amor no deserto e indagava de minha vida de siamesa entre os jovens de Bangkok.

Era infatigável na sua verbosidade. Em certos momentos, especialmente, cumulava-me de atenções tão cativantes que ao espírito de uma esposa sofrivelmente desconfiada poderiam parecer exageradas. Vê só: Ao terminar a refeição oferecia-me, em taças de porcelana, doces de romã e ia, ele próprio, em seu andar claudicante, buscar a bacia de cobre, com água límpida, fresca e perfumada, onde eu mergulhava as pontas dos dedos; (39) e esquecido da velha etiqueta fazia questão absoluta de enxugar as minhas mãos com a toalha mais fina da arca de minha tia. E depois, com certo requinte, beijava-me três vezes na palma da mão direita como se eu fosse uma criança travessa e balbuciava leitak saidé (40) E eu, afinal, não era árabe; não lia o Alcorão; era uma siamesa infiel! (41)

(36) Justo cádi — O título de cádi (juiz) é sempre precedido do qualificativo justo. O árabe não compreende um juiz que não seja justo.

(37) Bichanava — Cochichava. Segredava.

(38) Abbas-ben-el-Ahnaf — Foi contemporâneo do famoso califa Harum-al-Raschid, tantas vezes citado no livro das "Mil e uma Noites". Viveu no IX século e é estudado em "Arabie" de Noel des Verges (Paris, 1857, pág. 396,6)

(39) Pontas dos dedos — Os árabes comem com a mão e quando terminam a refeição, purificam, cuidadosamente, as pontas dos dedos.

(40) Leitak saidé — Despedida do árabe ao cair da noite. Equivale ao nosso "boa noite", "até logo, querida".

(41) Infiel — Não-muçulmana. Veja a nota 6, do Cap. 1.

Havia, na velha casa de tia Rafif, longo corredor escuro que ia da porta principal até o harém. Para esse corredor abriam-se as duas salas (uma delas destinada exclusivamente aos homens) e os três aposentos, arejados por pequenas chebbak, (42) mas ricamente mobiliados. Uma tarde, ao deixar o meu quarto (o mais amplo da casa), dei de rosto, no meio do corredor, com o justo cádi. Nesse dia, por acaso, tia Rafif não se achava em casa. Havia ido, muito cedo, ao suque

(43) dos perfumistas e levava, em sua companhia, as duas escravas sudanesas que nos serviam. O justo cádi, arrastando o pé, caminhou direito ao meu encontro, segurou-me de leve pelo braço, fitou-me de maneira estranha (os seus olhos pareciam enviesados) e sussurrou, arrebatado, trêmulo, inclinando o seu rosto sobre o meu rosto: — "És linda, ó Nurenahar! Pela sombra da Caaba! (44) És linda, ó siamesa infiel!" E, depois de proferir tais palavras (sem que eu pudesse evitar) apertou-me em seu braços e beijou-me, na boca e nos olhos, repetidas vezes. E beijos desse gênero, de um enamorado, de um homem apaixonado, eram os primeiros que eu recebia em toda a minha vida!

E não foi sem custo que me livre, naquela tarde, no meio do corredor escuro, das expansões amorosas, e certamente censuráveis do justo cádi apaixonado. Os seus arrebatamentos ultrapassaram os limites de liberdade que uma jovem solteira, siamesa e infiel, poderia permitir a muçulmano, de meia idade, marido fiel de uma esposa dedicada e simples. Quando a bondosa e despreocupada tia Rafif voltou do suque dos perfumistas, contei-lhe sem nada ocultar, tudo o que havia ocorrido no corredor escuro durante a sua ausência. Aprendi com minha saudosa mãe a ser leal e honesta. O veneno da intriga, com seus deploráveis malefícios, passa bem longe de mim. É princípio entre os siameses. Todas as minhas ações são inspiradas pela sinceridade dos meus propósitos e pela gratidão que devo aos que me tratam bem. E alertei minha tia sobre a realidade crua dos fatos, sublinhando com a maior franqueza:

— Se a senhora pretende manter-se na privilegiada situação de esposa única do justo cádi, trate de me casar o mais depressa possível! Os meus pressentimentos não são bons! Não desejo enturvar a sua vida!

Ao ouvir o relato fiel do assalto no corredor escuro, (eu contei tudo, tim-tim-por-tim-tim), Tia Rafif, sem se mostrar impressionada, abraçou-me e beijou-me com maternal ternura. Os seus lábios grossos, azulados pelo dairã, tremiam.

Recalcando os seus cuidados e ciúme, soluçou emocionada, envolvendo-me numa albaforada de perfumes: (45) — "Querida Nurenahar! Tua mãe educou-te à perfeição! És leal, honesta e digna como teu pai! Comoveu-me o teu recatado alarme. A tentação reside nos teus olhos, no teu riso, no teu corpo modelar. Cheitã (46) fez ninho em teus encantos! A tua provocadora beleza redime meu bom e fiel marido de qualquer culpa! Ele é inocente, completamente inocente!"

E, depois de ligeira pausa, acrescentou com muita graça, um tanto compenetrada, com palmadinhas no peito, os olhos úmidos:

(42) Chebbak — Janela pequena.

(43) Suque — Mercado. Rua principal; rua comercial. Termo que originou, em português, a palavra açougue.

(44) Caaba — Templo muçulmano em Meca. É o centro religioso do Islã. A fórmula "pela sombra da Caaba" exprime, para o árabe, asse juramento: "Juro pelo que há de mais sagrado, que és linda, etc.".

(45) Albaforada — É vocábulo árabe derivado de albafor que significa incenso, perfume. Em Portugal há uma composição de bejuim, alfazema, vinagre forte denominada albafor.

(46) Cheitã — O Demônio.

— Quero, porém, continuar, neste lar e na vida, como esposa única (47). Envencilhada pelo amor de meu marido, deliberei ser esposa única, e esposa única até morrer! Não dividirei com outra mulher o quinhão de amor que o destino me outorgou. Vou promover, portanto, o mais depressa possível, o teu casamento. Se Allah quiser, casarás dentro de poucos dias com um cheique bagdali! (48)

— Com um cheique? — estranhei, fitando-a muito séria. — Lala! Eu sou budista, eu sou uma infiel!

— Não importa — discordou tia Rafif, na sua gravidade de matrona, trejeitando com os lábios um gesto de indiferença — Não importa, repito! A tua beleza, fervente e ímpar, converterá qualquer crente de Mafoma! O teu marido será um cheique! Um cheique bagdali! Que melhor partido poderá desejar uma jovem siamesa que não aceita a sublime verdade e não reza pelo Khafihy (49)

No dia seguinte, depois do zohor (50) recebemos, (entre os mexericos da vizinhança) a visita da astuciosa e diligente Mabruka, khatbeh (51) de profissão. Até hoje não vi criatura mais fria e mais impassível na forma de agir. Parecia uma autêntica africana. O seu carão largo, escuro, envinagrado, cheio de manchas esbranquiçadas, nada sugeria de atraente. Pelo volume exagerado do busto lembrava um tonel. Tinha os lábios grossos e o nariz deformado por antiga cicatriz.

Durante largo tempo a imodesta khatbeh, fumando ou comendo tâmaras secas, discutiu animada com tia Rafif. Falou, gesticulou e praguejou. Creio ter sido eu o tema central daquele memorável debate feminino.

— Não tenha receio — rematou, afinal, a cerzideira de vontades (52) com um sorriso dissimulado, encenando as complicadas negociações (53). — Não tenha o menor receio, Lala Rafif! O filho mais velho do rico vizir Sayad aceitará a nossa proposta. Dentro de três ou quatro dias (Se Allah quiser) essa mouhil, (54) adoradora de ídolos, estará comprometida. Marcaremos o enlace para o mais breve possível.

(47) Esposa única — Convém reler a nota 20.

(48) Bagdali — Natural de Bagdá.

(49) Khafihy — É a primeira surata do Alcorão. Negada a primeira o Livro estaria anulado. A Sublime Verdade é o Islã.

(50) Zohor — Prece do meio-dia. Veja nota 1 do Cap. 1.

(51) Khatbeh — Agenciadora de casamentos. Mulher que percorre os haréns interrogando as moças solteiras e, depois, combinando casamentos para essas jovens. Apresenta-se, em geral, como vendedora de tintas, perfumes e miudezas. Mabruka significa "a benvinda", aquela que é esperada com ansiedade.

(52) Cerzideira de vontades — Apelido que as jovens casadoiras dão à khatbeh.

(53) Negociações — Idade do noivo, dote, situação da noiva, etc.

(54) Mouhil — Terrível, perigosa. É aplicada em sentido irônico. Convém observar que a muçulmana (árabe) aponta a budista como uma "adoradora de ídolos". Sayad significa caçador.

E, precedendo as suas palavras de um largo e ostensivo bocejo, chalaceou desdenhosa e um tanto desbocada:

— Vamos converter ao Islã (55) esse broto infiel! Nunca mais, em sua vida, tentará enviscar maridos alheios. Uassalã, Lala! (56)

Logo que a antipática khatbeh desapareceu da sala, enchi-me de ânimo e, com certa cautela, interroguei tia Rafif:

— Que quer dizer enviscar?

A esposa do justo cádi, já reclinada indolente sobre largo divã, a cabeça apoiada na palma da mão esquerda, abanando-se, nervosa, com seu leque de pavão, respondeu, em tom meio pontificante, alçando um pouco a voz e com petulante ar de inteligência:

— Enviscar, minha filha, enviscar quer dizer: seduzir, embelecar, embair, enfeitiçar, atrair, arrastar, iludir, ilaquear, fascinar, desencaminhar.

— Tudo isso?

— Sim, querida, tudo isso... Tudo isso e mais alguma coisa, muito séria e delicada, que, por ora, não te posso revelar em...

E parou, muito séria, sem concluir a frase.

No velho templo de Ongkor (57), o piedoso Pra-Enn, rei dos Anjos, escreveu: — "A simplicidade é um dos tesouros do céu!" E a simplicidade, tesouro do céu, vivia no coração de tia Rafif. Conhecia a boa senhora todos os segredos do vocabulário, mas ignorava a maneira mais segura de enviscar um marido romântico e volúvel como o justo cádi.

(55) Islã — O vocábulo Islã pode ser empregado em três sentidos: 1º Religião dos árabes maometanos; 2º Conjunto de países do grupo árabe; 3º Cultura dos povos orientais (árabes). Na frase citada Islã significa religião: "Vamos converter ao Islã", quer dizer — "Vamos tornar maometana". No caso, a jovem seria forçada a adotar a religião de seu esposo.

(56) Uassalã, Lala — Uassalã é uma fórmula de despedida. Adeus! Até breve! Lala, quer dizer senhora.

(57) Ongkor — Templo famoso do Sião: "Ongkor-Watt". O anjo Pra-Enn é citado dentro das crenças budistas.

CAPÍTULO III

Continuação da narrativa de Nang Nurenahar

- Rebelião em Bagdá
- Nurenahar é levada para Damasco
- O seu casamento com um marido alugado
- A casada que era solteira três vezes
- O seu encontro com os floristas chineses
- O milagre das palavras em siamês
- Surpresa de Nurenahar
- O rei do Sião proclama nova princesa
- Nurenahar parte para Alexandria.
- Entra em cena astuciosa khatbeh
- A cerzidora fala do lében e cita uma fonte do Paraíso
- O noivado de Nurenahar
- "Kopliai! Kopliai!"
- O juramento de Adibo Daniel
- Lá ilá ilalláh, Mohammed 'rassoul Allah!

Os planos casamenteiros de tia Rafif e as intrigas sentimentais da detestável khatbeh caíram por terra.

Ficou tudo perdido. Não cheguei a conhecer o filho mais velho do rico Sayad. Ocorreu em Bagdá, perigosa rebelião de mercenários turcos que se mostravam descontentes com o grão-vizir. Houve distúrbios pelas ruas. Várias pessoas foram mortas e muitas foram presas. Os funcionários mais seguros viviam por um fio; à menor suspeita eram degolados ou estrangulados com uma corda de seda. O justo cádi, Ninfun Chamie, acusado pelos agentes de polícia, viu-se obrigado a fugir, com sua família, para Damasco, a fim de ficar sob a proteção de seu pai (homem idoso, mas de alto prestígio) que era chefe de uma tribo do deserto.

Em Dimischk (1) a nossa vida recuperou o seu ritmo e voltou a ser segura e tranqüila, sem solavancos inúteis. Para evitar possíveis contrariedades e garantir a permanência de seu precioso título — esposa única — tia Rafif obrigou-me a aceitar um marido alugado (2) e fez constar que o meu casamento fora real e legítimo.

(1) Dimischk — Nome antigo de Damasco.

(2) Marido alugado — "Em determinadas situações a mulher árabe é obrigada a contrair um casamento provisório, isto é, um casamento fictício. Toma, para isso, um marido alugado, marido mercenário. Para um estudo mais completo convém ler o conto "O marido alugado", no livro "Minha Vida Querida". Leia também "Aventuras do Rei Baribé", que esclarece o problema do marido alugado entre os muçulmanos."

Os fatos, que ocorriam em Damasco, diferiam muito dos planos arquitetados em Bagdá. Casei-me, não com um cheique bagdali, mas com um pobre falcoeiro sírio, mal-ajambrado, chamado Elias Sequef, homem envilecido pelos azares da vida, cem vezes macerado pela sorte.

E o justo cádi? Ora, o justo cádi não soube do meu falso casamento. Se estivesse em nossa casa não admitiria a mistificação. Dias antes, em companhia do velho cheique, seu pai, ele havia partido para Baalbec. (3) Tia Rafif recomendou-me que ficasse presa no quarto (sem aparecer a ninguém) durante vinte dias. Isso tudo era para fazer crer, aos parentes e amigos, que eu partira, com o infeliz falcoeiro, em viagem de núpcias.

Mas a minha situação nada tinha de invejável: Era casada, legalmente casada e continuava solteira. Três vezes solteira. Solteira em todos os sentidos. Como é triste malgastar a mocidade tão relimada pelo sonho! E com isso eu vivia bastante acabrunhada.

Diante do Destino, a nossa vida é como a pena arrastada pelo hamsim. (4) Os nossos sonhos e esperanças valem menos do que o rastro deixado, na areia, pelo primeiro camelo da caravana. (5)

Eis o que comigo ocorreu sob o céu de Damasco na terceira lua do mês de Rabi-el-aklr. (6)

Certa manhã, manhã muito quente de verão, obtida a necessária permissão de tia Rafif, fui dar umas voltas pelas ghutas (7) floridas até o rio. Ao regressar, acompanhada de uma escrava negra, junto ao malcheiroso khan Sultani, (8) a pequena distância de Bab el-Malek, (9) avistei dois floristas chineses. Parei. Lembrei-me de meu pai, de minha mãe tão querida, de minha terra, de Bangkok com seus klongs e seus templos maravilhosos. (10) Um dos chineses, cara verrugosa, de cachimbo na boca, acorocado no chão, parecia dormir descuidado; o outro, com um gorro preto na cabeça, de mãos atrás das costas, o olhar perdido na distância, vigiava a barraca. Espalhadas pelo solo viam-se valiosas mercadorias à sombra dos toldos listrados.

(3) Baaalbec — Na Síria. Há em Baalbec ruínas famosas.

(4) Hamsim — Vento forte e quente que sopra sobre à Arábia e sobre a Síria, originário do Egito.

(5) Primeiro camelo — A caravana, ao passar, deforma e apaga o rastro do primeiro camelo.

(6) Rabi-ei-aklr — Quarto mês do calendário árabe.

(7) Ghuta — Jardins e pomares que rodeiam a cidade de Damasco.

(8) Khan — Caravançará. Abrigo construído para viajantes.

(9) Bab el-Malek — Bairro antigo em Damasco.

(10) Ouçamos o que nos conta James A. Mucherer ao discorrer sobre a vida no Sião: "Mais do que os templos, entretanto, os que visitam Bangkok recordam os klongs, os tortuosos canais que constituem as artérias urbanas. Os que vivem em casinhas nas margens dos klongs rodam da cama de manhã, e se banham na água cor-de-tijolo. Um homem de tanga tirando água do klong e depois bebendo ele mesmo. Uma jovem, que mais tarde aparecerá como datilografa bem-vestida, enrola-se num frouxo sarong e mergulha n'água. Um menino escova os dentes.

Uma velha lava os pratos da primeira refeição, enquanto um rapaz, que mais tarde irá para a universidade, limpa o peixe da manhã.

Toda a rica vida de Bangkok desfila de manhã ao longo dos maravilhosos klongs, e por volta das nove, meio milhão de homens e mulheres, lavados e limpos, de roupa branca engomada, saem para o trabalho. O povo da Tailândia é sem dúvida o mais limpo da Ásia."

Cambistas mal encarados, aguadeiros andrajosos e ambulantes malagueiros cruzavam a rua na lufa-lufa constante.

— Berrid! ala Ialketk! (11) — berrava sem cessar um sírio machacaz, vendendo limonada.

— Mou-ailah, ya ouled! (12) — gania o outro, oferecendo aos damascenos tzoulbas (13) secas.

Não me sentia interessada pelos vendedores. Os seus pregões ludibriosos eram enigmas, em árabe, para mim. As suas ganduras (14) rotas e sujas causavam-me piedade. Acerquei-me do chinês do gorro preto e disse-lho duas ou três palavras em dialeto siamês. O florista não ocultou o espanto que as minhas palavras lhe haviam causado. Tinha o ar apatetado. Parecia um sonâmbulo. Tocou com a ponta do pé nas costas do companheiro; este levantou-se de golpe.

— Que houve? — perguntou maquinalmente. — Que flores deseja, minha bela senhora?

— Deixa as flores — recalcitou, irritado, o chinês do gorro. — Esta jovem muçulmana fala o siamês!

— Siamês? — estranhou o chinês da cara verrugosa.

— É lá possível semelhante prodígio?... hi... hi...

E expandiu-se num risadinha metálica, irritante.

Deliberei levar até o fim aquela aventura. Divertida seria a reação dos amarelos.

— Não se assustem — retorqui, levantando o haic, (15) e falando em dialeto de minha terra. — Sou siamesa, budista e nasci em Bangkok!

Os dois amarelos, engolfados pelo espanto, entreolharam-se.

No caso, a surpresa seria muito natural. Como obrigar uma pessoa sensata, em pleno dia, sob o céu damasceno, a aceitar o inverossímil?

Sim, o meu caso (apreciado friamente) era inteiramente inverossímil. Uma budista, de rosto velado, seguida de escrava negra, a caminhar pelas ruas mais agitadas de Damasco.

(11) Refresca o teu coração.

(12) Da mais pura, minha filha!

(13) Ervas secas, para perfumar o banho.

(14) Gandura — Túnica; espécie de blusa que cobre o corpo até os pés.

(15) Haic — Véu preso ao cabelo e que, em geral, oculta o rosto das damas. Os homens usam o haic preso ao turbante e caído sobre a nuca. (Leia-se: aique).

— Não resta dúvida! — apostrofou o chinês da cara verrugosa falando abruptamente, com ar desenvolto. — Não pode mais haver a menor dúvida. Essa jovem é siamesa. A sua face não me é ignota! Vamos chamar o velho Sangh Hacira. Este caso deve interessá-lo. Proferidas tais palavras, o chinês dirigiu-se ao khan e, decorridos alguns instantes, regressou acompanhado de um terceiro chinês bem mais velho do que os outros dois.

O recém-chegado era calvo, escaveirado e trajava uma larga bata azul.

Acalorada discussão estabeleceu-se entre os três amarelos. Proferiam frases curtas e ríspidas em dialeto para mim inteiramente estranho.

Afinal, o chinês da bata azul (que parecia um pouco surdo), assumindo uma atitude decisiva, fez silenciar os dois companheiros e, acercando-se de mim, com seus passinhos miúdos, medindo-me com o olhar desconfiado, interrogou-me falando em dialeto:

— Vive, aqui, em Damasco, a bela Nang (16) Nurenahar, filha de Gibran, o intérprete do rei? Conhece-a? Onde poderá ser encontrada?

Aquela pergunta inesperada foi como um relâmpago diante dos olhos; quase me fez desmaiar de emoção. A minha fisionomia devia exprimir, sem dúvida, a sensação absurda que se apoderou de mim.

— Nurenahar! — exclamei, alvoroçada. — Pela terceira sombra do Somanokodum!, (17) Nurenahar sou eu! Sou filha de Gibran Chiab, intérprete do rei!

A veemência com que revelei a minha identidade causou não pequeno assombro aos amarelos. E para mim (confesso) foi surpreendente a atitude manifestada, a seguir, pelos meus patrícios. Inclinarão-se respeitosos, macilentos, como se estivessem diante de um mandarim. Tal gesto inopinado deixou-me confusa. O chinês mais velho (da bata azul) depois de várias exclamações de regozijo, cruzando os braços sobre o peito magro, proferiu, enucleado, solene:

— Cessa, neste momento, Princesa!, a nossa trabalhosa missão no País dos Árabes. Fomos pelo rei do Sião encarregados de encontrar-vos e conduzir-vos de volta para Bangkok. Saímos da terra do Elefante Branco (18) à vossa procura. Cruzamos mares e areias do deserto. Sabíamos da vossa partida para Bagdá em companhia do venerável monge de Watt-Chang; (19) em Bagdá, onde fomos forçados a permanecer durante um ano, tivemos notícia da fuga de vossa família para Damasco. Deixamos Bagdá e viemos para esta cidade. Não foi difícil descobrir aqui a residência de Rafif, irmã de Gibran. Soubemos, então, com certo espanto, de vosso casamento com Elias Sequef, falcoeiro desmiolado, de reputação bastante duvidosa. A mulher encarregada de descobrir o vosso paradeiro trouxe-nos a notícia de que Sequef havia seguido para Alexandria.

(16) Nang — Senhora, jovem. O vocábulo não é árabe; é siamês.

(17) Somanokodum — Nome de Buda, para os siameses.

(18) O reino do Sião é apelidado "A Terra do Elefante Branco".

(19) Watt-Chang — Templo famoso em Bangkok. O vocábulo Watt (leia-se vate) designa templo.

— "E a esposa do falcoeiro?" — "Não a vejo há vários dias — informou-nos. — É bem provável que tenha acompanhado o marido". De posse dessa informação, os dois agentes de Sião, Luang-Sa e Hoa-Deng, seguiram para Alexandria e já se encontram lá.

O relato feito pelo chinês, por mim ouvido como se fosse um sonho, deixou-me estupefata e trouxe grave confusão ao meu espírito.

Via-me elevada à alta dignidade de princesa em minha terra natal. Emissários da confiança do Rei, andavam pelo mundo, à minha procura. Como explicar todo aquele mistério, para mim indecifrável?

O velhinho da bata azul esclareceu, em poucas palavras, o enredo fantástico da minha vida.

Soube, então, com profunda mágoa, que meu pai, dono de incalculáveis riquezas, havia falecido em Bangkok e eu, Nurenahar, proclamada herdeira única de todos os seus bens. O rei do Sião, amigo direto de meu pai, levando em conta que minha mãe era filha de uma princesa, elegeu-me Princesa da Corte e, assim, os meus direitos ficaram garantidos. Fazia-se, portanto, necessário que eu voltasse a Bangkok e entrasse na posse da herança.

Não havia tempo a perder. Nesse mesmo dia conversei longamente com a dedicada tia Rafif e informei-a da estranha situação em que se achava a filha de seu irmão Gibran, transformada em princesa de um momento para outro. A minha viagem para as terras de Misr (20) (considerada pelo justo cádi, como uma tresloucada decisão) seria feita em companhia dos três siameses que haviam (sob o disfarce de floristas) permanecido em Damasco. Tia Rafif chorou ao despedir-se de mim! Bondosa e tolerante, e sempre perfumada, tia Rafif! Queira Allah que ela continue a ser a esposa única do justo cádi!

Os fados que presidem a vida, fizeram com que fosse tranqüila a nossa viagem de Damasco até Alexandria. Confesso que de Damasco não tenho saudade alguma. Logo que aqui cheguei (na terra do Egito), entrei em contato com os ativos emissários do rei do Sião. Luang-Sa e Hoa-Den (os dois siameses que neste recinto se achavam quando chegaste), puseram-me inteiramente a par das condições básicas do meu regresso a Bangkok. A rainha Lang-Wian, esposa favorita do rei do Sião, admitia a minha volta, mas exigia o seguinte:

1º que eu fosse casada (uma jovem solteira poderia causar desavença entre os príncipes)

2º que meu marido fosse jovem, árabe, muçulmano e hábil nas contas (O Sião é o país dos homens livres. Entre os auxiliares de confiança do rei deve figurar um muçulmano).

Foi, para mim, fácil, anular o casamento fictício. Uma sentença do cádi de Alexandria, na presença de três testemunhas, livrou-me para sempre do falcoeiro sírio. Livre do marido arranjado, cumpria-me, portanto, escolher um noivo que estivesse dentro das condições exigidas.

(20) Misr — Egito.

Procurei a diligente Alcacema, khatbeh muito relacionada, (21) de toda confiança e expliquei-lhe a minha delicada e romântica situação. — "Um marido — implorei — um marido que seja bastante jovem, árabe, muçulmano e hábil nas contas"!

— Por Allah! O teu pedido vem a calhar! — respondeu-me com certo orgulho profissional a khatbeh. — Conheço um alexandrino, albaleguim adolescente, (22) que serve maravilhosamente, sob medida. Cairá em teus braços como lében (23) fresco em tua boca, e será como o Salsabil (24) para a tua sede de vida e de amor. Chamase Adibo Daniel e é filho de Maaruf, homem honrado, fruteiro no porto. Adibo Daniel é um belo rapaz, alegre, trabalhador, forte, inteligente e sem vícios.

— Mas isso é um tesouro, ó khatbeh — exclamei com impeutosa sinceridade. — É esse o jovem que me convém!

E, inspirada pela vaidade (tão desculpável para o coração feminino) acrescentei:

— Sou princesa em meu País. Quero um marido que seja digno da minha terra e da minha gente!

A esperta e habilidosa cerzideira, (25) generosamente gratificada por mim, entendeu-se com teu pai e articulou, com o maior cuidado e discrição, o nosso encontro na presença dos dois emissários do rei do Sião.

E apontando, com as sete alwan (26) da malícia para a cesta de uvas esquecida junto à parede, a deliciosa morena ciciou, entrecerrando as pálpebras.

— A remessa daquela cesta (idéia sugerida por teu pai) não passava de um pretexto para esta maravilhosa entrevista de tanto relevo para a minha vida.

E, remexendo-se, nervosa, interpelou-me com ansiedade:

— Concordas em casar comigo? Concordas, também, em ir comigo para o Reino do Sião? Escuta, querido, escuta: Sou infiel, não nego, sou infiel! (27) Andei pelo mundo, fui pedida em casamento mais de setenta vezes, casei-me com um sírio, mas continuo mais pura do que o mármore de Phrabat! (28)

(21) Veja nota 52 do cap. V. Alcacema, nome feminino, significa divisão.

(22) Albaleguim — A idade vigorosa. Indivíduo cheio de saúde e alegria.

(23) Lében — Coalhada fina, de sabor agradável. É alimento predileto dos árabes, Na frase citada, o vocábulo lében é empregado como sinônimo de manjar saboroso.

(24) Salsabil — Fonte do Paraíso. Alcorão, 76,18. É a única fonte (diz a lenda) capaz de saciar a sede do beduíno que se encontra perdido no deserto.

(25) Cerzideira — Veja nota 53, cap. II.

(26) Alwan — Em árabe, significa propriamente cores, mas, no sentido em que aparece, que é intraduzível.

(27) Infiel — Quer dizer "não-muçulmana". Nurenahar era budista.

(28) Phrabat — Leia-se Frabó. Montanha famosa do Sino, onde existe riquíssima jazida de mármore de extrema pureza.

Jamais poderei exprimir a paixão alucinante, abrasadora, despertada em mim pela formosa Nurenahar, a siamesa infiel. Onde encontrar palavras para traduzir o intraduzível? Como inventar qualificativos que possam caracterizar os sentimentos arrebatados de um adolescente? As minhas palavras tornaram-se vestiginosas. Respondi:

— Caso-me contigo, ó sedutora infiel de Bangkok! E contigo irei devotadamente para a Pérsia, para a China, para todos os remos do mundo! Viveremos felizes aqui, junto ao Nilo, entre escravos, ou nas margens do Menan, (29) no País dos Homens Livres. Terás a tua religião e eu, a minha! (30)

— Kopliai! Kopliai! (31) balbuciou num discreto sorriso, passando de leve a mão pelo meu rosto, numa carícia lenta. Senti, em seus olhos, o véu de profunda melancolia. Permaneceu rápido instante em silêncio. E, a seguir, em tom suave, desabafou:

— Espera, querido! Sou muito ciumenta! Tenho no coração os três venenos do ciúme. (32) Aceito-te para marido, mas imponho uma condição: Vais jurar pelo Alcorão, o livro da tua Lei, que eu, Nurenahar, filha de Gibran, serei tua esposa única (33) por toda a vida! Vais jurar, querido?

E, num gesto rápido, retirou, de sob a almofada, a seu lado, um exemplar luxuoso do Livro de Allah. (34)

— Aqui está o teu código sagrado, a base da tua Fé — declarou Nurenahar em tom grave, sem desviar os olhos de meus olhos, entregando-me o Alcorão. — Eis o verdadeiro degrau do árabe, para a Honra, para o Amor e para o Céu. (35) Quero ouvir, agora, o teu juramento. Não hesitei meio segundo. Inclinei-me, como um escravo egípcio, e beijei-lhe a mão direita. E, a seguir, ajoelhei-me, (voltado para Meca) (36) e apertando ao peito o Livro Incriado, (37) proferi o juramento que, saindo dos lábios, nascia perfeito e sincero, no fundo pronunciei:

(29) Menan — É o rio que banha Bangkok, no Sião.

(30) Alcorão — Surata 109, v. 6. Assegura entendimento entre os homens para absoluta tolerância religiosa.

(31) Kopliai — Obrigado. É vocábulo siamês. Por uma tradição curiosa (entre os siameses) essa palavra deve ser sempre repetida.

(32) Os três venenos do ciúme, para o siamês, são: desconfiança constante, amizade excessiva e imaginação ardente.

(33) Veja nota 26.

(34) Alcorão.

(35) O livro é sempre um degrau. Se é bom, serve para subir; para descer, quando é mau. O Alcorão é (dentro da crença muçulmana) o único degrau para a Honra (vida digna e perfeita), para o Amor (família) e para o Céu (salvação eterna).

(36) O juramento (à semelhança da prece) deve ser proferido, com a maior solenidade, estando o crente voltado para Meca (a cidade santa do Islã)

(37) Livro Incriado — De acordo com um dogma do Islã, o Alcorão sempre existiu, tem o atributo da Eternidade e é, por isso, denominado "O Livro Incriado".

— Lá ilá ilalláh, Mohammed 'rassoul Allah! (38) juro, por Allah, o justo, o eterno, que Nurenahar, filha de Gibran Chaib, será minha esposa e esposa única no Amor, na Vida e no Pensamento! Lá ilá ilalláh, Mohammed 'rassoul Allah!

Nurenahar que se colocara, também, de joelhos, a meu lado, logo que eu terminei o juramento, cingiu-me pelo pescoço e beijou-me demorada e apaixonadamente. Percebi em seus olhos duas lágrimas, puras como o albelor, (39) e através dessas lágrimas luciluzia um pensamento, firme e dominador.

Combinamos o nosso casamento para sete dias depois. E decorridos outros sete dias partimos para o prodigioso e inesquecível Reino do Sião, o país dos homens livres.

Vou narrar o que se passou.

(38) "Afirmo (asseguro) que só há um Deus, que é Allah e que Maomé é o profeta de Allah". Essa frase exprime a profissão de fé do muçulmano.

(39) Albelor — Cristal. Na Província da Beira, em Portugal, existe uma pequena aldeia com esse nome.

CAPÍTULO IV

Adibo Daniel narra a sua chegada a Bangkok, capital do Sião.

- A chuva na terra de Thai
- O homem dos punhos dourados
- Viagem para Ajarieh
- Alegria de Nurenahar
- As belezas de Bangkok
- O "erro" no palácio do rei
- As bailarinas e o contador de histórias.

Recordo-me, com todas as minúcias, da nossa chegada à histórica cidade de Bangkok, capital do Reino do Sião. Chovia torrencialmente. Ech-chok-têllah! (1) Terra magnífica e prodigiosa! Tudo sob a moldura do deslumbramento, tinha para mim o sabor da novidade. Como imaginar, neste mundo de Allah (exaltado seja o Eterno!) (2) como imaginar chuva assim tão copiosa e demorada! O céu muito baixo, quase ao alcance de nossa mão, fazia pesar sobre a terra de Thai (3) a sua imensa mortalha de nuvens cor-de-chumbo.

(1) Ech-chok-têllah. — Exclamação muçulmana: "Allah (Deus) seja louvado!" Fórmula pela qual o crente manifesta a gratidão ao Criador.

(2) Eterno — O muçulmano não profere o nome de Deus sem acrescentar uma fórmula de exaltação.

(3) Thai — Homem livre. E daí o nome: Tailândia, país do homem livre. Oitenta e cinco por cento dos tailandeses são lavradores, e mais de 70% alfabetizados, cifra sem comparação em qualquer outra parte da Ásia. Habitam

pequenas aldeias cuja vida gira em torno do templo budista. Em 1956, o Sião, em sua população de 13 milhões de habitantes, editou mais livros que o Brasil.

Sob o olhar de dois ou três mil siameses curiosos, de todas as castas, que nos aguardavam no porto, acenando e gritando, deixamos o nosso confortável veleiro e, sempre fustigados pela chuva, patinando na lama e escorregando na terra suja e pegajosa, transportarmo-nos para um pequeno barco, coberto de couro. No Dilok (4) (era esse, lembro-me bem, o nome do tal barco), no pequeno e inseguro Dilok, com seus oito remadores laotianos, (5) devíamos subir o caudaloso Menan até urna povoação chamada Ajesieh, (6) um pouco ao norte de Bangkok, para além do último kraal (7) do rei.

A alegria de Nurenahar, ao descer em sua terra, era surpreendente, comunicativa. Observá-la, nos seus volteios febricitantes, nas suas idas e contraidas, era um delicioso encanto. Comovia-me aquele interesse patriótico da "filha de meu tio", (8) a siamesa do meu coração. Cumprimentava um, saudava outro, acenava com simpatia para um terceiro e beijava as raparigas (em geral formosas e sorridentes) que surgiam aos grupos, com as caras molhadas pela chuva. As jovens siamesas dançavam e cantavam; as roupas enxarcadas punham em relevo, em relevo bem vivo, as formas esculturais de suas donas. (9) (Louvado seja Allah que fez a mulher! Louvado seja Allah, o Criador da beleza!).

Um siamês ricamente trajado, com punhos dourados e alardeando um chapéu afunilado e alto como um obelisco, (10) aproximou-se de Nurenahar. O seu rosto redondo, mongólico, era de um moreno carregado. Na ponta do queixo, o encartolado figurão exibia uma barbinha redonda, caprichosamente pintada de preto. Protegia-o, da chuva, um toldo amarelo que era carregado por quatro servos seminus. Com calculada solenidade o recém-chegado parou diante da minha esposa, infltiu respeitoso o joelho (equilibrando sempre o perigoso chapéu-obelisco) e desandou a falar, moxinifando, em siamês, coisas para mim incompreensíveis:

— Iak nug olcesa okesa trug.

(4) Dilok — Veja nota 6 do Cap. II.

(5) Laotianos — Naturais do Laos (Indochina).

(6) Ajesieh — Fica bem longe da Capital. Há, nesse ponto, um pequeno equívoco do A.

(7) Kraal — Recinto fechado onde são guardados os elefantes do rei.

(8) Filha de meu tio — Expressão carinhosa, pela qual o árabe designa a própria esposa.

(9) Os tailandeses da China, lá das curvas do Iang-Tsé-Quiang, são miúdos, de formosa conformação e extraordinariamente vivos. Não odeiam ninguém. Não tendo sofrido a indignidade da colonização estrangeira, não precisam provar que são tão bons quanto os brancos. Sabem que o são. Suas mulheres sempre foram conhecidas, na Ásia inteira, pelo seu exótico fascínio.

(10) Forma clássica de chapéu siamês.

Com tudo aquilo (que ele dizia) a querida Nurenahar parecia concordar, repetindo, a todo instante, risonha:

— Kopliai! Kopliai! (11)

E as frases do siamês dos punhos dourados soavam, em meus ouvidos, como uma sucessão de enigmas indecifráveis.

— Que pretende esse janota — indaguei bastante intrigado pois, nesse tempo, ainda não conhecia o siamês.

Logo que o encartolado se afastou numa solenidade cômica, enterrando os pés na lama viscosa, Nurenahar traduziu o discurso que ele fizera e, em poucas palavras, explicou o mistério:

— Este nobre e honrado siamês, Krome Luang (é o seu nome) é um dos gurus (12) do rei Phrah-Sondetch-Mongicut, (13) nosso bom amigo e protetor. Apresentou-nos, agora, em nome de Sua Majestade, os votos de boasvindas e convidou-nos (também em nome de Sua Majestade e sob a inspiração de Vichnu) (14) para um arroz (15) esta noite, em palácio! Será, a seguir, servido o chá da amizade.

— Com toda essa chuvarada! — estranhei.

— Sim — confirmou minha esposa. — Com toda essa chuvarada. Será um arroz delicioso. Poderás saborear o nosso chá.

Momentos depois, no Dilok, castigados pelo interminável aguaceiro e batidos pelo vento irritante, iniciamos a nossa lenta e penosa viagem pelas águas barrentas do Menan.

Sentia-me triste e fatigado. Os ombros pesavam-me sobre os ombros. (16) Uma nostalgia inexplicável afligia-me a alma e agulhava-me o coração. Deixei-me ficar como ébrio, numa doce lassidão, perto do piloto, deitado num tapete grosso e ao abrigo da chuva.

Ao esforço cadenciado dos remadores o barco vencia o Menan. Seguíamos para Ajarieh. Maktub! (17)

Envolta numa capa fina, (de couro de leopardo), a formosa Nurenahar, na proa descoberta do barco, enfrentava com soberba alegria o látego do tempo. Eila, novamente, em Bangkok, sua cidade natal! De pé, chicoteada pelo vendaval, parecia uma criança a brincar descuidada, no pátio de sua casa.

(11) Obrigada! Obrigada!

(12) Guru — Aquele que dá orientação espiritual.

(13) O vocábulo Phrah já significa, em siamês, rei, senhor, etc.

(14) Vichnu — Um dos deuses da mitologia hindu. A Trindade Hindu é formada por Brama, Siva e Vichnu. Este último é o Deus Conservador. Siva, o Destruidor.

(15) Arroz — Reunião festiva.

(16) Os ombros pesavam-me sobre os ombros — Fórmula pela qual o árabe exprime o cansaço invencível.

(17) Maktub — Está escrito. Particípio passado do verbo Katab, escrever. Expressão pela qual o muçulmano confessa que está conformado com o seu destino e não se revolta contra os desígnios do Onipotente. Equivale à expressão cristã: "Seja tudo o que Deus quiser!"

— Adibo, querido! — gritava, num contentamento esfuziante. — Levanta-te daí! Que preguiça é essa! Vem ver! É um assombro! Estamos na terra maravilhosa de Thai! (18) Kung-thefa-maha-nakhon... (19)

E, apontando para uma sombra vaga, acinzentada, que mal se distinguia ao longe, sob o véu da chuva, ela explicava:

— Olha ali o soberbo palácio do Segundo-Rei! (20)

Lá estão duas estátuas de pedra, os vigilantes de Indra. (21) Um pouco acima já se avista o templo da Torre de Ouro! E a seguir (repara!) que maravilha, o monumental Watt-Chang! (22) Amanhã, sob a luz do Sol, poderás admirar a Nang Ham, a cidade das Mulheres Proibidas. (23)

E a chuva desabava violenta, cada vez mais forte. Os remadores laotianos, batendo com força na água, desfiavam uma toada monótona, triste. Em seus peitos nus percebiam-se tatuagens retorcidas, complicadas. Os ajudantes do piloto (que pelos penteados pareciam siameses) de costas para o vento e embrulhados em suas capas, mastigavam bétel.

Vencendo a chuva, alheios ao vento, subíamos o Menan, o coração vivo do Sião.

Ao cair da tarde fomos levados ao palácio do rei. A chuva havia cessado. O céu, embora ainda coberto de nuvens, ensaiava sob a proteção do vento, um tom mais claro e mais ameno. Os sinos dos diversos pagodes repicavam festivos. Nurenahar, pompeando o seu vestido azul de gala, ostentando complicado chapéu de dois bicos, parecia uma dançarina chinesa recém-chegada de Pequim.

Ao som de uma música constante e suave (flautas e tambores) subimos os sete degraus, transpusemos as colunas de mármore cor de rosa e penetramos no espaçoso e aprazível vestibulo da residência de Mongkut. Dez imponentes mandarins, na exuberância de seus trajes dourados, acorreram ao nosso encontro e proferiram, de acordo com a praxe, os votos de quietação de espírito, fartura de arroz e saúde indefinida.

Deixamos a antecâmara e seguimos para o açacalado salão de honra, ricamente decorado, onde se achavam o rei Mongkut, sua primeira esposa Lang-Wian, os ministros da corte (todos vestidos de branco), os sábios gurus, os mandarins, vários brâmanes e os antipáticos generais, com seus cintos de couro e suas espadas de prata. O aparatoso recinto era iluminado por centenas de lâmpadas de bronze que espargiam uma luz amarelada. Dezenas de servos, com grandes leques, afugentavam os impertinentes mosquitos.

(18) Thai — Veja nota 3, deste capítulo.

(19) Veja nota 6 do Cap. II.

(20) Veja nota 8 do Cap. II.

(21) Indra — Deus da mitologia hindu.

(22) Watt-Chang — Watt significa templo.

(23) Nang Ham — Parte da cidade onde viviam as esposas e escravas do rei.

Acercou-se Nurenahar, do trono, saudou a rainha (primeira esposa) e a seguir beijou a mão do rei. Com ostensiva alegria o monarca recebeu a nova princesa. E, para dar uma demonstração pública do alto apreço e de sua amizade pela recém-chegada, exigiu que ela se sentasse no terceiro degrau da escada, ao lado da segunda dama da corte. (24)

Cumpria-me também, saudar o rei, a rainha, a segunda-esposa e a todos os nobres daquela aparatosa corte siamesa. Dirigi-me com passos firmes, bem medidos, até o centro do salão, inclinei ligeiramente o corpo, ergui o braço direito e declamei o salã clássico dos cheiques do deserto:

— Que a perfeita alegria brilhe sempre nos olhos de vossos filhos! Que o sossego faça a sua tenda na soleira de vossa casa! Que em vosso coração brilhe sempre o nome de Deus!

Sorriu o rei Mongkut ao ouvir aquelas palavras. Embora fosse budista sincero, considerou-as perfeitas e de rara oportunidade. E, como Sua Majestade falasse correntemente o árabe, traduziu em voz alta o tríplice salã dos cheiques, a fim de que os mandarins apreciassem (dentro do estilo árabe) a beleza e a simplicidade dos votos por mim proferidos.

Para evitar a menor sombra de constrangimento, determinou o rei que um funcionário da corte, o diligente Tin-Key, permanecesse a meu lado. Conhecendo com bastante segurança o árabe e o siamês, Tin-Key traduzia discretamente, para mim, as frases e ordens (proferidas em siamês) e, dentro de uma solicitude tipicamente profissional, esclarecia-me em relação a certas cerimônias, para mim totalmente incompreensíveis.

O ocupante do trono do Sião era um homem relativamente baixo, muito pálido, de olhos claros e pouca barba. Tinha os ombros largos e as mãos grossas. Quando moço devia ter sido muito forte. A sua voz era clara e agradável e suas atitudes discretas e despretensiosas. Não ocultava o seu desinteresse pelo formalismo que o rodeava.

Lang-Wian, a rainha, primeira-esposa, era bem mais baixa e menos simpática do que o rei. Tinha o ar severo de quem coleciona descontentamentos e pequeninas amofinações. Trajava um vestido aparatoso, de mangas curtas, cor-de-tâmara, todo feito de contas e miçangas prateadas. Os sapatos eram cravejados de rubis e pérolas.

Seus olhos amendoados luziam sobre os nuns perfeitos de suas sobrancelhas. De instante em instante, abria-se em bocejos intermináveis. O rosto redondo, o nariz sensivelmente achatado e os lábios finos. Quando ria (e isso acontecia raramente) mostrava duas fileiras de dentes curtos irregulares e enegrecidos pelo bétel. Fizera-se acompanhar por dez escravas, a mais velha das quais teria, no máximo, treze anos.

No momento em que eu ia observar a segunda-dama da corte, o salão real foi invadido por vinte bailarinas, graciosas e vivas, que durante meia hora divertiram os numerosos convidados com os volteios, requebros e fantasias de sua arte maravilhosa.

(24) No Sião era admitida a poligamia, O próprio rei tinha várias esposas.

Findas as danças retiraram-se as bailarinas (eram todas escravas do rei) e a música cessou os seus acordes. Vi surgir, no salão, saindo de uma porta lateral, um novo personagem para mim inesperado. Todos o observavam com cativante interesse e simpatia. Até a rainha, sempre séria e de mau humor, esboçou a sombra de um sorriso. Era um homem alto, magro, fisionomia expressiva e o rosto ligeiramente encurvado. Seus olhos eram claros e vivos. Erguia com certo orgulho a face bem barbeada. Sobre a roupa comum vestia uma espécie de túnica amarela que chegava até os joelhos. Na mão direita trazia uma vareta de quatro a cinco palmos de comprimento.

— Encanta-me a vossa presença — declarou o rei, retomando o seu ar majestoso e dirigindo-se tranqüilo ao homem da túnica amarela. — Todos nós nos sentimos ansiosos por ouvir a vossa palavra simples e eloqüente.

Largo silêncio, imposto pela curiosidade geral, pesou no salão.

O amável Tin-Key veio em meu auxílio. Aquele esmagriçado siamês, que acabava de chegar, era o famoso e erudito Liang-Chang, budista de boa casta, elevado ao galarim do prestígio nos meios cultos. Desempenhava na corte siamesa a honrosa função de "contador de histórias".

— E vamos ouvi-lo? — indaguei.

— Sim — confirmou, com júbilo, Tin-Key. — Vamos ouvi-lo.

E galhofou baixinho, malicioso, encostado numa coluna:

— Até o rei será capaz de dormir sob a cadência de sua voz!

Para atender aos desejos do soberano siamês, o eloqüente Liang-Chang encaminhou-se até o centro do salão e, depois de saudar, sem espalhafato, a todos os presentes, iniciou o relato de singular lenda budista. Tudo farei para reproduzi-la, conforme a tradução que me foi feita.

CAPÍTULO V

Narrativa surpreendente de um contador de histórias

— Uma lenda budista

— História de um gato que virou príncipe

— As sete coincidências sobre o número sete

— Como pode uma jovem romântica livrar-se de um noivo indesejável

— O perigo dos recalcados.

Na pequena aldeia de Dang-Rek, (1) no país de Camboja, (2) para além, muito além das fronteiras do Sião, vivia um modesto criador de abelhas chamado Dan-Diak. Os dias corriam calmos e felizes para o esforçado Dan-Diak.

Arrastava uma vida modesta, modestíssima, mas isenta de sobressaltos e de preocupações. Parece oportuno esclarecer (nesta altura da narrativa) que o apicultor cambojano era casado mas não tinha filhos. Mai-lá-id, sua esposa, jamais poderia ser apontada como uma criatura vulgar. Longe disso. Sabia contar até cento e oitenta (3); conhecia, pelos respectivos nomes, várias estrelas do céu e repetia, de cor, os versos do rei-poeta.

(1) Dang-Rek — Montanhas do Camboja. Não assinalam os mapas atuais da povoação com esse nome.

(2) Camboja — Os autores espanhóis adotam a forma Cemboyat. A designação de Camboja é preferida pelos geógrafos.

(3) Cento e oitenta — Três vezes sessenta. O número sessenta foi, para os povos primitivos, a base da numeração. As mulheres no Sião eram analfabetas.

Orgulhava-se Dan-Diak do talento de sua esposa. E tinha, para isso, razão de sobra. Mai-lá-id conhecia os artifícios das quatro contas até cento e oitenta. Um bonzo, com suas práticas constantes no templo, seria incapaz dessa proeza.

O excesso de afetividade que borbilhava em sua alma, a bondosa Mai-lá-id consagrava a um belo gato siamês que ela criava com exagerado desvelo e extremo carinho. Lapa-Uck (eis o estranho nome do gato) era cinzento, de um cinzento bem claro e tinha os olhos da cor azul viva do céu. A vida do casal Mai-Dan enquadrava-se, sem o menor desvio, naquele objetivo: Proporcionar conforto e prazer ao gorboso Lapa-Uck, o gato cinzento.

Certa manhã (o dia começava claro e límpido) Mai-lá-id, um tanto emocionada, com um traço de tremor na voz, falou em tom grave ao marido:

— Soube ontem, ao cair da noite, que um mágico de grande fama está de passagem por esta cidade. Chama-se Li-Nanda, conhece os sete segredos da Magia e faz prodígios. É assombroso. Iremos, hoje, mesmo, procurá-lo.

— Procurá-lo? Visitar um feiticeiro? Para quê? — indagava surpreso, o zelador das abelhas.

Palpitava ali a sombra de um segredo. Mai-lá-id (sempre exuberante no falar) revelou o plano que havia imaginado:

— Tive uma idéia. E essa idéia pareceu-me excelente. Os magos, em geral, são atenciosos e prestativos. Todos eles apreciam as fantasias e aventuras. Vamos obter do mago Li-Nanda um favor, direi melhor, uma graça toda especial: Que ele transforme o nosso querido Lapa-Uck num príncipe. E que seja um príncipe de verdade!

— Ora, mulher... — contestou, muito sério, o apicultor —... a tua idéia não passa de um sonho absurdo, uma fantasia fora da vida. Onde já se viu um gato siamês transformado em príncipe?

— Não importa — insistiu Mai-lá-id, num inflamado ímpeto. — Da tentativa que vamos fazer nenhum mal poderá advir para o nosso querido Lapa-Uck. Iremos falar ao mágico Li-Nanda.

O modesto abelheiro não podia, de forma alguma, concordar com a sugestão de sua esposa. E tentou dissuadi-la da idéia, recorrendo a argumentos que pareciam irrespondíveis. A planejada visita ao nigromante não tinha (e nem podia ter) cabimento algum. O homem dos encantamentos, certamente, iria exigir, pelo seu trabalho de magia, um pagamento. Mil ou duas mil ticales, avaliando tudo em termos bem modestos. E onde iria, o pobre vendedor de mel, que mal podia comprar um prato de arroz, obter ouro em abundância para a ambição desmedida de um mágico? Que pretexto poderiam alegar? E o gato estaria de acordo? Aceitaria com prazer aquela mudança violenta do destino?

Isso de subir de gato (tão querido e mimado) para a situação de príncipe seria do agrado de Lapa-Uck?

E Dan-Diak, amontoando dúvidas, construía o seu castelo de incertezas.

Mas a mulher tanto falou, tanto pediu, tanto teimou que o marido acabou cedendo. E ficou resolvido que iriam ambos ao prodigioso Li-Nanda, o homem que conhecia os mil e três segredos da Alta Magia e todas as bruxarias e sortilégios.

Tomou Dan-Diak o gato cinzento nos braços e seguido de sua obstinada esposa dirigiu-se ao khan (4) em que se achava alojado o feiticeiro. Em caminho, pouco antes do mercado, Mai-lá-id teve a sua atenção despertada por sete crianças, no meio do campo, à sombra de várias acácias vermelhas, brincando com sete ovelhas pretas. Com um arzinho de jovialidade chamou, para o caso, a atenção de seu marido, numa fatuidade infantil:

— Olha, Dan! Que coisa interessante! Sete crianças, saltando e correndo no meio de sete ovelhas pretas. E sete são também as acácias floridas. O sete é um número da sorte.

O abelheiro, caminhando de cabeça baixa, alheio às preocupações numéricas (sete crianças, sete ovelhas, sete acácias floridas) sacudiu os ombros num gesto de impaciência. Que interesse, para a vida, poderia ele encontrar ou imaginar em tudo aquilo?

Li-Nanda, o mágico, já terminara os seus preparativos e estava pronto para partir, isto é, para deixar a cidade, quando viu surgir, na porta do khan, o casal para ele desconhecido.

— Que desejam? — perguntou com acentuada brusquidão, fixando sua atenção no gato cinzento, de pêlo longo e macio, que o homem transportava no colo.

Cabia ao cambojano das abelhas a vez de falar. E disse com hesitações que alongavam as palavras e perturbavam a voz:

— Chamo-me Dan-Diak e não passo de um humilde criador de abelhas. Esta boa camponesa, que se encontra a meu lado, é Mai-lá-id, minha esposa. Vimos pedir-vos inestimável favor. Criamos este belíssimo gato com todas as ternuras e cuidados como se fosse verdadeiro filho. Tudo fizemos, nesta vida, por ele e para ele. Eis o nosso ideal: assegurar ao nosso querido Lapa-Uck um futuro brilhante, uma vida gloriosa e feliz. E o favor que desejamos é o seguinte: Queremos ver este belo gato, pelo poder da vossa incomparável ciência, transformado num príncipe!

No firme propósito de reforçar o pedido de seu marido, a diligente Mai-lá-id acrescentou arrebatada, dirigindo-se com certo desembaraço ao sábio ocultista:

— Eis, ó mágico budista!, o nosso grande sonho de ventura: Ver o nosso gato tão querido, transformado num príncipe! Queremos que seja esse o seu kismet!

Mostrou-se o mágico contrariado com a súplica que acabava de ouvir. E, sem mais rodeios, admoestou com severidade o apicultor:

(4) Khan — Abrigo para peregrinos e viajantes.

— Longe vai a insensatez, o despautério da petição que acabais de formular. É inconcebível que possa alguém sonhar em converter um gato num príncipe. A razão é de tal peso que deve ser dita e redita vinte vezes. Ouvi, meus amigos; ouvi, com atenção: O gato, por sua natureza, é um animal ingrato, egoísta e mau. Sobretudo vaidoso e mau. Não toma amizade ao dono que o alimenta e acarinha, mas sim à casa em que vive, ao prato em que come ou à sombra em que dormita. A sua insensibilidade pelos sentimentos altruístas é completa, inabalável. Não se apaixona, não vibra pelo afeto, não se entusiasma. É frio, indolente, calculista, interesseiro. Sem simpatia para os que o amam, tem coração fechado para os que se aproximam dele. É orgulhoso e apático.

Neste ponto o nigromante fez ligeira pausa, passou a mão pela barba, pontiaguda e meio grisalha, ajeitou a barra de seu turbante e logo retomou o fio de sua explicação. Levemente sarcástica era a inflexão de sua voz:

— Acresce ainda, em relação ao gato, uma particularidade de suma importância no mundo dos mistérios da Magia. Prescreve o "Livro da Magia", ditado pelo imortal Salomão, que qualquer mágica referente a um gato (o único animal que tem sete fôlegos) deve ser precedida de sete coincidências relacionadas com o número sete. Ora, não é possível que ocorram, em dado momento, sete coincidências com o número sagrado, isto é, com o sete. E assim, pela vontade de Salomão, filho de David, esse gato cinzento continuará na sua forma de felino. Gato foi, gato é e gato sempre será. E isso eu afirmo pelas sete letras do seu nome!

E proferidas tais palavras o sábio casquinou uma risadinha metálica, arrogante e maldosa.

— Observo que há um grave equívoco de vossa parte — interferiu a inteligente Mai-lá-id, a esposa, dirigindo-se, com certa veemência, ao nigromante. — E esse equívoco é evidente. Acabais de afirmar que o vosso nome Li-Nanda tem sete letras. Ora, esse fato na sua aparência tão simples e banal, exprime uma coincidência que envolve o número sete. O nome de Salomão também totaliza sete letras (segunda coincidência). Dan-Diak, nome de meu marido, é precisamente escrito com sete letras (terceira coincidência). Essa mesma particularidade ocorre com o meu nome (Mai-lá-id), com o nome do nosso gato Lapa-Uck, com o nome desta cidade (Dang-Rek) e finalmente com o nome deste País (Camboja). E, como se não bastasse tudo isso, avistei, no campo, perto do mercado, quando vinha ao vosso encontro, sete crianças brincando com sete ovelhas pretas. E sete eram, também, as acácias vermelhas do campo.

As afirmações de Mai-lá-id, aquelas contas de sete e mais sete, caíram como um raio sobre o sábio Li-Nanda, o mestre dos sortilégios.

O rosto do nigromante cobriu-se de intensa palidez. Lia-se em seu olhar o grave choque que lhe conturbava o espírito.

Dominou-se, afinal, e disse com voz soturna:

— Pelos três Refúgios Sagrados! (5) Vejo-me forçado a reconhecer, ó camponesa!, que a razão está de vosso lado e tem o peso da evidência inabalável. Foram verificadas, realmente, com os sete nomes, que envolvem este caso, as sete coincidências com o número sete. E por isso sou obrigado (dentro da lei

sereníssima de Salomão) a transformar imediatamente esse estúpido gato siamês em príncipe.

Depois de traçar no chão, com a ponta de uma flecha, várias figuras cabalísticas (triângulos, cruzeiros, círculos, letras estranhas) o mágico colocou, no centro do círculo máximo, pequena vasilha preta de barro, tendo no fundo meiodedo de um pó escuro com reflexos prateados. A seguir (dentro do complicado ritual da Mágica) fez cair, lentamente, sobre o tal pó prateado sete gotas de um líquido avermelhado mais denso do que o mel. Esse líquido provinha de pequeno frasco que ele trazia preso à cintura por uma corrente de ouro. Logo que as gotas caíram no pó, levantou-se grossa coluna de fumaça azulada que ia do chão até as vigas mais altas do khan.

— É agora! Tabaeaha quemiza! É agora! — gritou o mágico, aflito, acenando para o camponês. — Atirai o vosso gato na fumaça dos Sete Princípios!

Deslumbrado com as maravilhas que ocorriam diante de seus olhos, o apicultor tomou o gato nas mãos e atirou-o, de golpe, no meio da coluna retorcida feita pela fumaça que se desprendia da vasilha.

Ouviu-se, no mesmo instante, um grande estrondo. Uma pedra ao desabar do alto de uma montanha não causaria abalo tão grande. A fumaça agitada tornou-se amarelada e desvaneceu-se no ar. Viram todos aparecer, ao lado do mágico, de pé, um jovem ricamente trajado. Sua roupa era toda de seda clara, bordada com fios de ouro. Trazia um gorro de pele com plumas vermelhas e, a tiracolo, pesava-lhe uma bolsa que parecia transbordar de moedas de ouro.

— Aqui está — proclamou com ênfase o mágico. — Aqui está Sua Alteza, o Príncipe Lapa-Uck!

Havia uma particularidade impressionante. Os olhos do novo príncipe eram azuis e seus cabelos louros, de um louro estranho, acinzentado.

— Meu filho! Meu filho querido! — suplicou emocionada a camponesa, estendendo os braços para o jovem.

— Meu filho! — implorou o apicultor, com os olhos marejados de lágrimas.

Mas o príncipe não deu a menor importância aos apelos aflitivos de seus dedicados protetores. Com um gesto brusco, de impaciência e selvageria, afastou a camponesa para um lado, empurrou com arrogância de louco, o velho Dan para outro, e sem olhar para o mágico, deixou o khan e dirigiu-se para a praça batida, naquela hora, pelo Sol da tarde. Caminhava orgulhoso, de cabeça erguida, a mão esquerda apoiada no punho da espada, pisando firme na areia branca do caminho.

— Ingrato! Miserável! — bradou o mágico, enviperado pelo rancor, apontando para o príncipe que se afastava, alheio a tudo, agitando no ar as suas plumas vermelhas.

O apicultor e sua companheira choravam.

(5) A exclamação (dentro da crença budista) implica num juramento muito grave. Os três Refúgios Sagrados são: Buda, o Ser Supremo; Dharma, a lei do caminho; San gha, a igreja budista.

— Não vos atormenteis — aconselhou com serenidade o mágico. — Aquele sudra (6) infame terá seu karma! (7) Gato foi, gato é e gato sempre será!

Ora, não muito longe de Dang-Rek, no país de Camboja, existia a cidade de Luang-Prabang. Para essa cidade, em rica carruagem, dirigiu-se o novo Príncipe Lapa-Uck.

Em Luang-Prabang vivia a formosa Flor-Azul-Celeste, filha do rico Pakdy, nobre de alto prestígio na corte, dono de cinco elefantes e de vinte campos de arroz.

Graças ao ouro de sua bolsa e a sua persuasiva lábia, tornou-se Lapa-Uck figura bastante popular em Luang-Prabang. Convidado, certo dia, para ir ao Tonlé-Sap, o suntuoso castelo de Pakdy, conheceu a jovem Flor-Azul-Celeste, e na mesma hora, pediu-a em casamento.

O vaidoso Pakdy, plantador de arroz, sentiu-se lisonjeado com o fato de ter sua filha atraído a simpatia do Príncipe Lapa-Uck, figura de alta plana social. O pedido foi logo aceito e a festa do noivado marcada para o terceiro dia depois da colheita.

Desesperou-se a jovem Flor-Azul-Celeste ao saber que seu pai havia concordado com a proposta do príncipe Lapa-Uck.

Flor-Azul tinha um namorado a quem amava apaixonadamente. Jamais poderia admitir o seu casamento com um estranho, no qual se percebia certo ar de aventureiro, surgido na cidade de um momento para outro.

Que fazer para fugir ao detestável príncipe Lapa-Uck? Como desviá-lo dos caminhos e atalhos de sua vida?

Na angústia em que se achava lembrou-se Flor-Azul de seu tio, o mágico Li-Nanda, irmão de sua falecida mãe. E foi procurá-lo.

Disse-lhe o mágico:

— Esquece as tuas inquietações, ó delicada Flor-Azul-Celeste! Não há motivos para lágrimas, nem para aflições. Fizeste bem em procurar o meu auxílio. Conheço, de longa data, o antipático Lapa-Uck e sei particularidades de sua vida anterior, em Dang-Rek. Poderei livrar-te desse noivo odioso acolhido pela ambição e pela vaidade sem limites de teu pai. Basta que sigas rigorosamente as minhas instruções.

— Quê deverei fazer? — lamuriou Flor-Azul, com voz apagada, convulsa.

— Tudo muito simples — respondeu o sábio, afetando um desdém tranqüilo. — Preciso, porém, preparar-te para o caso. Espera um momento.

Afastou-se o mágico para o interior de sua casa e voltou, momentos depois, trazendo na mão pequena caixa feita com casca fina de teça.

(6) Sudra — Indivíduo de casta inferior. É empregado, no caso, como termo insultuoso.

(7) Karma — De acordo com as crenças budistas cada pessoa, pelo conjunto de atos bons ou maus por ela praticados nesta vida, assegura o seu destino nas reencarnações futuras para toda a Eternidade. Esse conjunto de atos bons ou maus definem o Karma da pessoa, isto é, o destino de que se fez merecedor.

E fitando tranqüilo, a jovem, assim falou com ar desanuviado, num tom resolutivo e calmo:

— Amanhã, na hora do grande banquete de noivado, oferecerás esta caixinha ao príncipe e dirás: — "Eis o meu presente. Vê se é do teu agrado". O Príncipe, tomado de natural curiosidade, abrirá no mesmo instante a caixa. E, nesse momento, ocorrerá algo de espantoso aos olhos dos convidados e ficarás, para sempre, livre desse noivo que o teu coração repele!

Flor-Azul guardou a caixinha com o maior cuidado, agradeceu ao seu tio o valioso e inesquecível auxílio, e voltou tranqüila para o castelo de seu pai.

Na noite seguinte, conforme estava combinado, realizou-se na sala principal do castelo Tonlé-Sap, o suntuoso banquete de noivado. Havia mais de duzentos convidados presentes. O imenso salão estava ricamente decorado. Escravos mongólicos, vestidos de azul-escuro, imóveis, de pé, em redor da grande mesa, sustentavam, com os braços erguidos, imensos candelabros de ouro. Ricas iguanas haviam sido preparadas pelos mais hábeis cozinheiros da cidade. Para divertir os nobres e mandarins, o dono do famoso Tonlé-Sap havia contratado tamborileiros, flautistas e dançarinas siamesas.

No meio da festa, um bonzo (para atender a um pedido da noiva) anunciou em voz alta:

— Atenção! Flor-Azul-Celeste vai oferecer o seu presente de noivado ao Príncipe Lapa-Uck!

Fez-se profundo silêncio. Todas as atenções convergiram para a cabeceira da mesa, isto é, para os jovens cujo noivado, dentro de poucos instantes, seria anunciado.

Flor-Azul tomou a caixinha (que havia recebido de seu tio) e, num gesto de simplicidade, entregou-a ao príncipe.

Lapa-Uck, depois de espreiar, orgulhoso, o olhar pelos circunstantes, rompeu a tampa. Ora, nesse instante saltou de dentro da tal caixinha um ratinho que se pôs a correr entre as iguanas que cobriam a mesa.

O empavonado príncipe, que não passava, afinal, de um gato, ao ver o camundongo, sentiu despertar em si, na sua consciência, o ímpeto daquela paixão que ele havia recalcado.

E os nobres, convidados e servos viram todos, com assombro, o futuro noivo de Flor-Azul sair, de gatinhas, a correr, também, ao longo da mesa, em alucinada perseguição ao camundongo.

E naquela carreira de louco, derrubava tudo, pisava nas iguanas, esfrangalhava as jarras, quebrava os castiçais, entornava os copos, virava as sopeiras.

— Esse príncipe não é príncipe! — gritou um dos presentes. — É um gato! Vejam como ele corre atrás do rato!

— É gato! É gato! — confirmavam os outros.

E os servos, alarmados com o inominável escândalo, aos socos, pauladas e pontapés, expulsaram o príncipe do castelo.

Esmagado pelo vexame, com o pensamento obscurecido pela recordação da cena vergonhosa, Lapa-Uck, o gato recalcado, fugiu para um bosque vizinho e nunca mais apareceu.

Dizem que, mais tarde, perdeu-se no meio das mextricáveis selvas cambojanas e virou gato do mato. Bem dizia o mágico:

— Este orgulhoso, egoísta, gato foi, gato é e gato sempre será!

A delicada Flor-Azul-Celeste casou-se algumas semanas depois, com o seu namorado, com o eleito do seu coração, e foi muito feliz.

Cuidado, meu amigo, com os recalcados. São terríveis e perigosos. Aquele que ali vê, parece sereno e tranqüilo e, no entanto, tem a alma de verdadeiro tigre. Não hesitará em estraçalhar a ovelha que cair desprevenida em suas garras. Aquele outro, que parece risonho, fino e educado, bem mereceria o apelido de tigre mau. É impetuoso ao extremo; não consegue dominar os impulsos de seu temperamento agressivo e mau. Grita com os fracos; por um motivo fútil assume atitudes de cafajeste e desafia os mais inofensivos; dentro do seu feitio covarde agride os que se acham sob o seu domínio.

Uma palavra, um gesto, um camundongo que salta da caixinha e eis o recalcado que aparece, na sua verdadeira figura, sem a máscara enganadora da hipocrisia, esfrangalhando tudo, pisando e conspurcando as iguanas mais tinas do grande banquete da vida.

Cuidado, meu amigo, com os recalcados!

CAPÍTULO VI

Continuação da narrativa de Adibo, o Egípcio

- A entrevista secreta com o rei do Sião
- Na sala quadrada dos tapetes amarelos
- O yaga vigilante do chifre retorcido
- As cinco noivas recusadas
- O juramento inquebrantável do árabe
- O problema religioso em Bangkok
- Sugestão absurda e surpreendente do rei
- Adibo não concorda e solicita a presença imediata do carrasco
- Palavra de amizade e promessas para a Jutuo.

Concluída a singular narrativa do "gato recalcado", ergueram-se os sete tamborileiros da corte e fizeram vibrar ruidosamente os seus instrumentos... exprimiam, com aquele retumbar imenso, os aplausos do auditório. Alguns dos nobres siameses sentados no chão, de pernas cruzadas mastigavam bétel (1) e cuspiam as suas babas vermelhas em pequenos vasos de louça que os escravos, sempre solícitos colocavam a seus pés; outros, recostados nas colunas, com espreguiçada languidez, pareciam sonolentos, entorpecidos, enfastiados. Nurenahar, muito animada, falava risonha ao ouvido da segunda (2) agitando, com naturalidade, o seu soberbo leque branco de plumas. Finalmente silenciaram os tambores e houve no salão real um momento de calma. O rei Mongkut (3) ergueu-se, ajeitou a sua blusa dourada e, seguido de dois oficiais, desceu lenta e

pausadamente os sete degraus do trono, e acenou para mim com acentuada familiaridade.

(1) Bétel — Denominação dada a uma mistura de substâncias muito ativas, extraídas das folhas de uma planta denominada bétel. Na pasta bétel (do siamês) entram, em geral: pimenta, folhas de butel, folhas de fumo, noz de arcea, cal viva, etc. Pela mastigação essa mistura deixa um suco que dá a saliva uma cor de um vermelho brilhante, que se comunica aos lábios, O hálito (de quem mastiga o bétel) torna-se agradável e adquire um aroma delicioso. O bétel não irrita as vias digestivas, mas é muito prejudicial aos dentes.

(2) Segunda — Refere-se à segunda-esposa do rei.

(3) Mongkut — O seu nome completo é: Phra-Emdetch-Mongkut.

Aproximei-me do monarca, sem ferir as praxes e cerimônias da corte siamesa. Ao vê-lo, assim, de perto, pareceu-me bem mais velho e arruinado. O tempo esculpira nele a máscara da implacável ancianidade. Tinha a pele do rosto engelhada e repintada de pequeninas nódoas avermelhadas. Nas asas do nariz, percebiam-se vestígios de antigas cicatrizes. Seus lábios eram finos e seus olhos acentuadamente chineses. Na face esquerda repontava uma verruga negra do tamanho de um caroço de azeitona.

— Vem comigo, ó jovem muçulmano! — disse-me com ar benévolo. — Temos muito que conversar.

Falava o árabe com suficiente clareza e correção. Raramente trocava uma sílaba ou claudicava numa formação verbal mais delicada. Em sua voz, embora insinuante, sentia-se um quê de metálico e firme. Percebia-se, em seu olhar, cor de tâmara seca, a curiosidade martelante do investigador agindo no firme propósito de descobrir segredos alheios e aclarar mistérios.

Ofereceu-me amistosamente o braço e, sob o espanto indisfarçável dos siameses, levou-me, com afetuosa simplicidade, para um espaçoso aposento que ficava no fundo do corredor principal. Era uma sala ampla, quadrada, ostensivamente iluminada, com piso de mármore branco, gelatinoso, e as paredes, de alto abaixo, cobertas por esplêndidos tapetes coloridos. Em muitos desses tapetes haviam sido bordadas figuras de demônios com cabeça de tigre e corpo de macaco. No centro da sala, esculpido com pedra, erguia-se a estátua de imponente yaga (4) de chifre retorcido, com as mãos grossas apoiadas em imenso espadagão de bronze cujo punho era encimado por um pequeno elefante branco. (5) Olhei curioso, e certamente desconfiado, para tudo aquilo e senti, nitidamente, que o rei acompanhava jubiloso o meu olhar.

Todo o mobiliário do rico aposento se resumia em duas belas poltronas estofadas. O rei sentou-se na mais larga (bordada de fios de ouro) e convidou-me a ocupar a outra (de veludo azul claro). Ajeitei-me na poltrona um pouco desconfiado. O ar ali era tépido como numa estufa.

(4) Yaga — Demônio. É figura do budismo siamês.

(5) Elefante branco — Animal sagrado no Sião.

— Que pretendia, de mim, naquela entrevista, o rei do Sião? Certo desassossego alfinetava-me o coração. Como encontrar forças para sopear a ansiedade que latejava em meu pensamento?

Os dois oficiais, de acordo com as normas palacianas, fizeram profunda reverência diante do monarca e retiraram-se com exagerada solenidade. Os seus passos cadenciados ecoaram ao longo do corredor.

O olhar inquiridor e opressivo do rei pousou em mim. Trejeitou um breve sorriso de elevada simpatia e assim falou:

— Penso, meu amigo, em tua situação privilegiada, neste país, como esposo de uma princesa. Sim, Nurenahar, a tua esposa é princesa do Sião e minha prima pela linha materna. E tenho razões que me obrigam a conservar-te sob a minha simpatia e proteção. Não ignoro, entretanto, que os costumes, em nossa terra divergem profundamente daqueles que ditam os princípios sociais e políticos do povo egípcio. Não pretendo, porém, repudiar ou ferir as tradições siamesas de tanta beleza e simplicidade, tradições que são, afinal, o orgulho de nossa terra e de nossa gente.

Proferidas tais palavras, (que revelavam a sua índole comunicativa) o rei bateu palmas. Surgiram, no mesmo instante, saídas de uma porta lateral (oculta por largo tapete), cinco sedutoras raparigas siamesas, com seus trajes de gala. Saudaram-nos, com cativante humildade, inclinando os bustos e sorriram com indizível encantamento para mim. Trazia, cada uma delas, o seio direito descoberto (6) e sobre a cabeça chapéu longo e afunilado.

Uma delas, ao rápido exame, parecia destacar-se das demais por sua exuberante beleza. Tinha os olhos vivos, amendoados, sobre as arcadas das sobrancelhas em noun; (7) as suas faces eram rosadas e seus lábios exprimiam bondade, pureza e simplicidade. As outras quatro eram igualmente pródigas em encanto e sedução. Puseram-se a caminhar de um lado para outro, em passos suaves, ritmados, e seus gestos repetiam-se na harmonia dos movimentos transbordantes de graciosidade. Fitei-as (confesso) com estranho sobressalto. Parecia viver, naquela sala quadrada, sob o olhar tranqüilo do glorioso Mongkut, um autêntico episódio das mil e uma noites...

(6) Seio direito — Esse artifício no trajar definia a jovem solteira. Tal costume não é mais observado pelas jovens tailandesas.

(7) Noun — Letra do alfabeto árabe. Há, no caso, uma comparação poética: "As sombrancelhas em forma de noun"

— Aqui estão — esclareceu, com sinuosa malícia, o rei, inclinando a cabeça — aqui estão cinco das mais formosas donzelas de Bangkok. Receberam todas esmerada educação. Sabem cantar, dançar, bordar e preparar o arroz mais fino do Sião. São inteligentes, meigas, obedientes e sem mácula. Viveram, desde crianças, encerradas no Palácio Proibido. (8) Ofereço-as, ao meu caro Adibo Daniel Maaruf. É um presente que faço, com certa inveja, é claro, mas com o maior prazer. Serão tuas esposas; (9) procurarão atender com a máxima alegria a todos os teus desejos e aos teus caprichos mais aloucados. A segunda, à direita, a mais graciosa, de olho vivo e inteligente, é apelidada Son-Klin. (10) Um bonzo,

do Templo da Aurora, (11) por mim designado, virá dentro de poucos minutos, para a tua felicidade, celebrar os cinco casamentos. Anima-te! Todas elas (como podes verificar) já simpatizam contigo, com a tua atraente e palpitante mocidade, e desejam viver ao teu lado, ao ritmo forte da vida...

(8) Palácio Proibido — Residência das esposas e escravas do rei. No Palácio Proibido viviam mais de cinco mil mulheres, sob a vigilância das guardas (amazonas).

(9) Poligamia — No Sião era permitida a poligamia, sistema de uso, aliás, entre muitos povos da Antigüidade. Veja no Novo Testamento (Mateus, 25,166) a parábola das Dez Virgens que, "tomando as suas lâmpadas saíram ao encontro do esposo".

(10) Son-Klin — Perfume oculto.

Levantei-me, com a gravidade de um imã (12) e, sem fitar as jovens e deliciosas siamesas, assim falei (dentro do maior respeito) ao poderoso senhor de Thai:

— Sinto-me, ó Rei magnânimo!, profundamente desvanecido com a vossa dádiva generosa e com a delicadeza sem limites de vossa lembrança. O meu reconhecimento será inexprimível no tempo e no espaço. Vejo-me, porém, forçado a recusar (em caráter irrevogável) essas cinco tão prendadas e encantadoras noivas. E direi desde logo, em termos bem claros, o motivo que justifica essa minha atitude inadmissível à luz da realidade: Jurei por Allah, o Justo (exaltado seja o Seu nome) que Nurenahar, a princesa, seria minha esposa única na vida, no pensamento e no amor. Não pretendo quebrar esse juramento. Ouhyat en-nébi! (13) Com juramento ou sem juramento continuarei fiel à minha esposa, pois amo-a, admiro-a e respeito-a acima de tudo...

— Está bem — concordou muito sério o rei, dando estalidos com os dedos. — Entendamo-nos. Aceito a tua recusa, já por ti declarada irrevogável. Acho perfeitamente justa e ponderável a razão que acabas de alegar. Tens o coração algemado a um amor e esse amor está acorrentado por um juramento. Violar um juramento é ofender gravemente ao Deus que nos ouve, e macular a memória de nossos avós; é queimar os sonhos mais puros da vida na fogueira da ignomínia. Conserva-te fiel, meu jovem, conserva-te fiel ao teu juramento, pois assim serás digno daqueles que confiam em ti!

A um sinal de Mangkok as cinco raparigas se afastaram e, sempre risonhas, desapareceram como haviam chegado. Ficou apenas diluído no ar, inebriando-me suavemente, o kist (14) delicioso que se exalara de seus formosos cabelos.

(11) Templo da Aurora — O mais famoso templo de Bangkok.

(12) Imã — Aquele que preside a oração na mesquita. No momento da prece o imã assume uma atitude de extrema circunspeção.

(13) Ouhyat en-nébi! — Pelo nome do Profeta! Fórmula usual na confirmação de um juramento.

(14) Kist — Perfume árabe de muita suavidade.

— Além desse caso, puramente sentimental —olveu o rei, com inalterável severidade no olhar — há ainda outro problema, não menos importante, relacionado com a tua estada sob o céu de Sião. Como sabes, temos aqui, nesta adorável Bangkok (Krung-Itelpha-naha...), (15) vivendo nos klongs, (16) entre os palácios, à sombra dos prangs (17) e nos barcos que enxameiam o Menan, (18) mais de cinquenta mil muçulmanos. São os crentes de Allah, homens que seguem fielmente os ensinamentos de Maomé e que oram em voz alta ao nascer do Sol, repetindo as palavras do Alcorão. O povo siamês está, porém, secularmente vinculado à doutrina budista. A presença dessa massa de maometanos constitui, nesta incomparável cidade, uma excrescência prejudicial ao desenvolvimento espiritual do povo. Pretendo, portanto, encarregar-te de falar aos teus irmãos (irmãos na fé muçulmana) e convencê-los da verdade pregada pelo extraordinário e inexcusável iluminado Siddhartha Gautama. (19) Auxiliado por hábeis catequistas, empregará todos os recursos de tua inteligência, todos os argumentos da tua eloquência, no sentido de chamar os agitados islamitas (20) para o mundo tranqüilo e consolador do Budismo.

Surpreendeu-me aquela sugestão absurda, disparatada, do rei. Acreditar que um muçulmano (tal era o meu caso) fosse percorrer os canais, os barcos-residência, as vivendas de Bangkok, fazendo proselitismo budista. Iallah! (21) Que ingenuidade! Medindo bem as palavras, com cautela para não o ofender, fiz sentir ao generoso monarca o meu desapoio àquele inominável dislate.

Acrescia, no caso, uma particularidade de alta relevância. O Sião era apontado, ao mundo, como o "país dos homens livres". Como admitir que fosse abolida, dentro de suas fronteiras, a liberdade de crença? Quando o homem é livre e vive num país de homens livres, pode ser budista, muçulmano, cristão, israelita ou ateu, uma vez que viva dentro da lei, viva com honra e do seu trabalho.

Da intolerância surgem as discórdias; as discórdias fazem nascer as guerras. E a guerra é a perdição do rei, é a miséria do povo. E depois (arguntei) se os muçulmanos de Bangkok, surdos aos catequistas, escudados pelos seus dogmas, permanecerem fiéis ao Islã? (22) Que faria, nesse caso, o rei do Sião?

— Eu os mandaria degolar! — arrematou muito sério o monarca, dando à sua frase um tom de inabalável decisão.

Ao ouvir aquelas palavras, de tão alta gravidade para o destino do povo, cruzei os braços, num movimento irreprimível, e disse com voz pausada e firme:

(15) Sobre essa frase convém reler a nota 6 do Cap. II.

(16) Klong — Um dos canais que cortam Bangkok.

(17) Prang — Templo.

(18) Menan — Rio que banha Bangkok.

(19) Siddhartha Gautama — O fundador do Budismo, Buda.

(20) Islamitas — Aqueles que pertencem ao Islã. O vocábulo é, por vezes, empregado em sentido pejorativo.

(21) Iallah! — Por Deus!

(22) Islã — Veja nota 5 do Cap. IV.

— Chamai, então, o vosso carrasco, ó Rei do País dos Homens Livres! Chamai o vosso carrasco! E já! Pois o primeiro muçulmano a ser degolado serei eu mesmo!

E, decorrida pequena pausa, proclamei emocionado, com lágrimas nos olhos:

— Lá ilá ilalláh, Mohammed 'rassoul Allah! (23) Ao ouvir a profissão de fé muçulmana (a reafirmação inabalável de minha crença) proferida com tanta ênfase e sinceridade, sob a ameaça de morte, o rei Mongkut inclinou a cabeça para trás e expandiu-se numa estrepitosa gargalhada dando socos nos joelhos.

— Muito bem, menino! Muito bem! — declarou, por fim, entre frouxos de riso, soerguendo-se um pouco e endireitando-se na poltrona. — Nada de carrasco! Não há verdugos no Sião! Já era de esperar de ti essa nobre atitude. Kopliai! Kopliai! (24) O Sião continuará a ser (pelo menos enquanto eu viver) o "País dos Homens Livres". Que tenha cada um a sua crença e que viva e trabalhe em paz e perfeita harmonia com seus companheiros. Graças ao estratagema das cinco noivas, tive a prova de que és fiel em teu amor. Considero-te um esposo exemplar. Essa fantasia absurda da conversão dos muçulmanos, por ti repelida, pôs em relevo a nobreza de teu caráter, a firmeza de tua crença. Foste submetido a duas provas e venceste-as garbosamente, sem o menor deslize. A perfeição do amor só pode ser medida pelo sacrifício que ele exige. Amor sem sacrifício, sem renúncia, não é amor!

E acrescentou, transportado de júbilo, acamaradado:

— De hoje em diante ficarás sob a minha proteção. Afirmo e repito, palavra de rei. Terei mais confiança em ti do que nas ondas amarelas do caudaloso Menan. Quero-te ao meu lado, menos como um súdito do que como um amigo. De hoje em diante, repito, poderás entrar neste palácio com teu punhal de prata no cinto. (25)

E depois de pequena pausa, fitando-me os olhos penetrantemente:

— Qual é o teu plano de vida? Que pretendes nesta terra de liberdade, beleza e fartura?

Respondi sem hesitar:

— Desejo ser médico!

O rei abraçou-me afetuosamente e concordou:

— Serás médico, meu filho! Serás um médico de verdade! Serás orientado e assistido pelos sábios siameses.

Essas palavras foram, pelo bom monarca, proferidas com uma expressão de nobilitante orgulho que o engrandecia acima de si mesmo.

(23) Profissão de fé muçulmana: "Afirmo que só há um Deus que é Allah e que Maomé é o profeta de Allah". Com essa frase o crente repele qualquer outra crença que não seja o Islamismo e assegura a verdade de sua fé.

(24) Obrigado! Obrigado?

(25) Arma — A lei, no Sião, vedava que qualquer estrangeiro (fosse mesmo um embaixador) se apresentasse armado na presença do rei. A permissão de trazer armas (concedida pelo monarca) equivalia a uma espécie de cidadania siamesa.

Aqui termina o 3º capítulo do livro "Farady ba' d'ech-chida"

Obras de Malba Tahan:

A sombra do arco-íris, 3 vols.
O homem que calculava
Seleções (os melhores contos)
Maktub (estava escrito)
Minha vida querida
Lendas do céu e da terra
Lendas do povo de deus
Lendas do deserto
Novas lendas orientais
Arte de ler e contar histórias
Mil histórias sem fim, 1º vol.
Mil histórias sem fim, 2º vol.
Céu de Allah
Sob o olhar de deus (romance)
Aventuras do rei Baribé
A caixa do futuro (novelas)
Amigos maravilhosos, novela infantil
Paca, tatu... (contos infantis)